



—
literatura
livre

Coração das trevas

JOSEPH CONRAD

Heart of Darkness (1899)

Tradução: Ricardo Giassetti

Edição bilingue: POR/ENG

Distribuição gratuita

sesc

— •
literatura
livre

Coração das trevas

Joseph Conrad

Edição Bilingue

Sesc **mojo**^{org}

Coração das trevas

Joseph Conrad

Tradução:

Ricardo Giassetti

A *Nellie*, uma escuna de cruzeiro, ondulou impávida presa à âncora sem o menor tremor nas velas. A maré já estava cheia, o vento erat quase nada e, apontada rio abaixo, a única coisa que lhe restava era esperar a vazante.

O estuário do Tâmis se estendia à frente como um canal interminável. Ao longe, céu e mar se fundiam em uma só cor. Nessa faixa luminosa as velas bronzeadas das embarcações iam altas com a maré e pareciam inertes em grupos de lonas avermelhadas e pontudas, com seus mastros envernizados refletindo a luz. Uma neblina cobria as margens baixas que desciam para a imensa planície aquática do mar aberto. Acima de Gravesend o ar era sombrio; ao longe, parecia se condensar estático, em uma tristeza melancólica, sobre a maior cidade do mundo.

O Diretor da Companhia era nosso capitão e anfitrião. Nós quatro olhávamos para suas costas com simpatia enquanto ele se debruçava sobre a amurada e olhava o mar. Não havia nada mais náutico que ele em todo o rio. Parecia-se com um piloto de barra, o que para um marujo significa a habilidade em pessoa. Era difícil entender que seu trabalho

não era realizado na amplitude do estuário, mas atrás dele, dentro da escuridão melancólica.

O que nos unia, como já sugeri, era o amor pelo mar. Além de manter nossos corações em harmonia por longos períodos de separação, tinha o efeito de nos fazer tolerar nossos anseios — e até mesmo nossas convicções. O Advogado — o melhor entre os antigos companheiros — tinha direito, pelo acúmulo de tantos anos e virtudes, ao único estofado do convés e estava deitado sobre o único tapete da embarcação. O Contador trouxe consigo uma caixa de dominós e brincava de construir com as peças de ossos. Marlow estava sentado de pernas cruzadas próximo à popa, encostado no mastro da mezena. Tinha as faces encovadas, pele amarelada, postura correta, aspecto solene e, do modo como estava, com os braços largados e as palmas das mãos expostas, fazia lembrar um ídolo. O Diretor, satisfeito com a firmeza da âncora, veio até a popa e sentou-se entre nós. Trocamos algumas palavras preguiçosamente. Em seguida, o silêncio recaiu a bordo da escuna. Por alguma razão não jogamos dominó. Estávamos meditativos e dispostos unicamente à serena contemplação. O dia terminava em uma tranquilidade silenciosa e benigna de luz imaculada. A própria névoa que cobria os brejos de Essex se parecia com um tecido transparente e brilhante, suspenso sobre as colinas e matas terra adentro, plissado até a beira da água em dobras sobrepostas. A escuridão a oeste, que parecia

arredia à aproximação do sol, tornava-se cada vez mais escura sobre as montanhas.

Finalmente, em sua queda arqueada e imperceptível, o sol se pôs. Seu brilho branco tornou-se um vermelho opaco sem raios ou calor, como se fosse sumir de repente, atingido mortalmente pela escuridão que pairava sobre os homens.

Logo uma mudança se abateu sobre as águas e a serenidade se tornou menos reluzente e mais profunda. O velho rio, em toda sua vastidão, permanecia calmo ao final do dia, depois de séculos de bons serviços prestados à raça que povoava suas margens, esparramado na tranquila dignidade de um curso que levava aos mais distantes confins da terra. Olhamos para o respeitável fluxo sob a majestosa luz das lembranças imortais, e não à luz vívida de um mero dia que chega e parte inexorável. E de fato nada é mais fácil para um homem que, como diz o ditado, “seguiu o mar” com respeito e amor, do que evocar o grande espírito do passado sobre as praias baixas do Tâmis. As correntes marítimas vêm e vão em seu eterno serviço, repletas das memórias dos homens e dos navios transportados de volta ao lar ou em direção às batalhas navais. Ele serviu a todos aqueles que orgulhavam a nação, de Sir Francis Drake¹

1 Famoso corsário inglês que viveu durante o governo da era elisabetana (1558-1603) e um dos mais celebrados heróis da história naval britânica.

a Sir John Franklin², todos cavalheiros, condecorados ou não — os grandes cavaleiros errantes do mar. Ele conduziu todos os barcos cujos nomes são como joias que brilham na noite do tempo, desde o *Golden Hind*, que retornou com seus flancos bojudos recheados de tesouros, foi recepcionado pela Rainha Soberana e assim conquistou sua inigualável glória; até o *Erebus* e o *Terror*, destinados a outras conquistas, que nunca retornaram. Conhece como poucos as embarcações e os homens. Nele, navegaram de Deptford, de Greenwich e Erith aventureiros e colonizadores; navios reais e de carga; capitães, almirantes e os obscuros “intermediários” do comércio do Oriente; os “generais” comissionados das fragatas das Índias Orientais. Caçadores de ouro ou de fama, todos passaram por essa correnteza, brandindo espadas ou tochas, mensageiros dos senhores das terras, portadores da centelha da chama sagrada. Tantas grandezas navegaram pela vazante daquele rio rumo às terras misteriosas e desconhecidas! Os

2 Famoso explorador da Marinha britânica do século 19, comandou a expedição com os navios HMS Terror e HMS Erebus, encarregada de descobrir a Passagem do Noroeste (um meio para ir do ao Atlântico ao Pacífico sem dar a volta na América do Sul, o qual acabaria resolvido com a construção do canal do Panamá). Essa missão comandada por Franklin terminou em tragédia, inclusive com casos de canibalismo entre os tripulantes, após os navios encalharem na região do Ártico canadense.

sonhos dos homens, a semente da igualdade, os germes dos impérios.

O sol se pôs, o crepúsculo cobriu as águas, e luzes começaram a aparecer ao longo das margens. O farol Chapman, uma coisa de três pernas construída sobre uma piscina de lodo, brilhou forte. As lanternas das embarcações se moviam ao longe — um fluxo de luzes a subir e descer pelo canal. E mais longe ainda, na direção oeste, as partes altas da monstruosa cidade ainda se delineavam ameaçadoramente contra o céu, uma sombra sinistra que cobria o dia e criava um brilho triste sob as estrelas.

— Este — disse Marlow inesperadamente — já foi um dos lugares mais sombrios do planeta.

Ele era o único de nós que ainda “seguia o mar”. O pior que poderia ser dito sobre ele é que não representava a classe. Ele era um marujo, mas também um errante, ao passo que a maioria dos marujos leva, por assim dizer, uma vida sedentária. Suas mentes são do tipo doméstico. Seu lar, o navio, sempre os acompanha; assim como seu país: o mar. Os barcos são muito parecidos entre si e o mar é sempre o mesmo. Na constância que os rodeia, os litorais e os rostos estrangeiros, a dinâmica imensidão da vida, são coisas distantes, encobertas não por uma sensação de mistério, mas por uma ignorância levemente desdenhosa. Não há nada

misterioso para um marujo a não ser o próprio mar, o senhor de sua existência, tão insondável quanto o futuro. De resto, depois de um dia de trabalho, um simples passeio casual ou uma farra na praia basta para revelar o segredo de todo um continente que, geralmente, após descoberto não valeu a pena da busca. Os desejos de um marujo têm uma simplicidade evidente, a qual cabe tranquilamente e em todo seu sentido dentro de uma casca de noz. Mas Marlow não era um marujo típico (caso aceitemos sua tendência à tagarelice). Para ele, o sentido de um episódio não estava dentro de si como a noz está dentro da casa, mas fora, envolvendo a história que o originou como a luz dos misteriosos halos lunares, os quais revelam a neblina e que só podem ser vistos em certas noites espectrais.

Sua observação não fora nada surpreendente. Aliás, como invariavelmente ocorria quando algo era dito por Marlow. A frase foi aceita em silêncio. Ninguém sequer se deu ao trabalho de resmungar. Logo, ele prosseguiu, pausadamente:

— Estava pensando nos tempos antigos, da primeira vez em que os romanos vieram, mil e novecentos anos atrás... ou seja, ontem... depois disso, a luz passou a brilhar neste rio... Vocês os chamam de cavaleiros? Sim, mas eles são mais como fogo de palha, um relâmpago. Vivemos no brilho dessa centelha, porém, espero que ela dure até

este velho planeta parar de girar! Mas as trevas estavam aqui ainda ontem. Imagine o coração de um comandante de uma boa... como é mesmo o nome? De uma boa trirreme,³ no Mediterrâneo, após receber ordens repentinas de seguir para o norte. Cruzar apressado as terras gaulesas, ser colocado no comando de um desses barcos em que os legionários, que deviam ser talentosíssimos com suas mãos, costumavam construir às centenas em um ou dois meses... se é que podemos acreditar nos livros. Imaginem ele aqui, neste fim de mundo. O mar cor de chumbo, o céu cor de fumaça, um barco que parecia uma sanfona... subia este rio com suprimentos, encomendas ou sei lá o que mais. Bancos de areia, brejos, florestas, selvagens... quase nada digerível para um homem civilizado além da água do Tâmis para beber. Nada de vinho falerno nem possibilidade de atracar. Aqui e ali um acampamento militar perdido na vastidão, como uma agulha num palheiro... frio, neblina, tempestades, doenças, saudades e morte... sim, morte à espreita no ar, na água, na mata. Eles devem ter morrido aos montes aqui. Ah, claro... ele conseguiu. Se deu muito bem, disso não tenho dúvida, e nem pensou muito sobre o assunto,

3 Embarcação utilizada pelos romanos que era movida por três fileiras superpostas de remadores.

talvez só depois, para se gabar das coisas pelas quais passou na vida. Homens desse tipo eram corajosos o bastante para encarar as trevas. E talvez ele se empolgasse com a chance de ser promovido para comandante da frota de Ravenna, caso tivesse boas relações em Roma e sobrevivesse aos rigores do clima. Agora pense em um cidadão decente, vestindo sua toga, talvez um tanto arrogante, sabe... chegando aqui para se aproveitar da presença de algum magistrado, ser um coletor de impostos, ou um simples comerciante a tentar a sorte. Aporta no brejo, marcha na floresta, e em algum posto no interior percebe que está cercado pela selvageria completa... toda aquela natureza misteriosa e viva que habita a floresta, as selvas e os corações dos selvagens. Não existe uma cartilha para esses mistérios. Ele precisa conviver com o incompreensível, o que não deixa de ser abominável. Mas também há uma fascinação que acaba por tomá-lo. O fascínio pela aversão. Entendem? Imaginem a onda de arrependimento, a vontade de voltar, a indignação impotente, a resignação, o ódio.

Ele fez uma pausa.

— Pensem — continuou, estendendo um braço para mostrar a palma da mão logo à frente de seus joelhos dobrados, o que o fazia semelhante a um Buda em roupas ocidentais e desprovido de sua flor de lótus. — Pensem que

nenhum de nós se sentiria exatamente assim. Nossa salvadora é a eficiência... nossa devoção à eficiência. Mas esses tipos não levavam isso muito a sério. Não eram colonos, sua administração consistia em saquear e acredito que nada mais. Eram conquistadores e para isso bastava a força bruta... nada de que se vangloriar, pois tal força não passava da exploração de uma oportunidade frente à fraqueza dos outros. Pegavam o que podiam pelo simples prazer da posse. Tudo se resumia à prática do roubo violento e ao assassinato em primeiro grau em massa. Estes homens abraçavam tudo isso cegamente, como é normal àqueles que encaram as trevas. A conquista da terra, que basicamente significa pilhar daqueles que têm um nariz diferente ou outra compleição física, não é muito atraente quando a observamos com atenção. O único atenuante é a ideia. Uma ideia por trás de tudo. Não um pretexto emocional, mas uma ideia. Uma crença altruísta nessa ideia... algo que se possa construir para depois venerar e nos ajoelharmos diante dela oferecendo sacrifícios.

Parou de falar. Pequenas chamas vagavam pelo rio, verdes, vermelhas e brancas, perseguindo umas às outras, ultrapassando-se, juntando-se e cruzando-se. Depois separavam-se em diferentes velocidades. O tráfego da grande cidade continuava na noite que caía sobre o rio que nunca dorme. Observamos pacientemente, pois não havia mais

nada a fazer antes do fim da maré. Somente após um longo silêncio, ele continuou com uma voz hesitante:

— Acredito que vocês, meus amigos, se lembram de que me tornei um marinheiro de água doce por um tempo.

Percebemos que estávamos fadados a ouvir mais uma das longas experiências de Marlow antes que a vazante começasse.

— Não quero incomodá-los demais com meu relato — ele começou mesmo assim, demonstrando com essa observação a falha de tantos narradores que quase nunca percebem o que sua audiência quer ouvir. — Mas para entender o efeito que aquilo causou em mim, precisam saber como cheguei aqui, o que eu vi e como subi o rio até o lugar onde conheci essa pobre criatura. Foi o ponto mais distante de minhas viagens e minha experiência crucial. De alguma forma havia uma luz ali que iluminou a mim e aos meus pensamentos. Mas também era sombria e triste, nada deslumbrante e nada clara. Não, nem um pouco clara. E mesmo assim parecia emanar algum tipo de luz.

“Como vocês se lembram, eu havia acabado de voltar à Londres depois de muito tempo no Índico, no Pacífico e nos mares da China, uma boa dose de Oriente. Por mais ou menos seis anos eu vaguei, atrapalhando o trabalho dessas pessoas, invadindo suas casas, como se eu cumprisse uma

missão civilizatória. Foi muito bom por algum tempo, mas logo me cansei de ficar no mesmo lugar. Então passei a procurar um barco, que eu achava ser o trabalho mais difícil possível. Mas os barcos sequer me notavam. E também me cansei desse jogo.

“Quando jovem, eu tinha uma paixão por mapas. Olhava a América do Sul, a África e a Austrália por horas, me perdia nas glórias da exploração. Naquele tempo ainda havia muitos espaços em branco sobre a terra e quando via algum que me parecia especialmente convidativo (embora todos pareçam ser), colocava meu dedo sobre ele e dizia: ‘Quando eu crescer, irei até lá’. O Polo Norte era um desses lugares, me lembro bem. Mas ainda não fui até lá, e talvez nem tente mais. O encanto se acabou. Há outros lugares espalhados pelos hemisférios. Já estive em alguns deles e, bem, não vamos tocar nesse assunto. Mas ainda há um, o maior e mais vazio, por assim dizer, que sempre atiçou minha curiosidade.

“É verdade que agora não é mais tão vazio. Foi preenchido desde a minha juventude com rios, lagos e nomes. Não é mais um espaço vazio de belos mistérios, um retalho em branco sobre o qual um menino pode depositar seus sonhos de glória. Agora se tornou um lugar de trevas. Mas havia nele um determinado rio, um rio imenso desenhado no mapa, que lembrava uma gigantesca cobra com sua cabeça pousada no

mar e seu corpo sinuoso adentrando o vasto território. Sua cauda se perdia nas profundezas do continente. Ao olhar para esse mapa na vitrine de uma loja, fiquei encantado como uma ave hipnotizada por uma serpente, um passarinho inocente. Depois me lembrei de uma empresa comercial que explorava aquele rio. Caramba! Pensei comigo que era impossível que explorassem ali sem algum tipo de método para percorrer toda aquela água doce: barcos a vapor! Por que eu não poderia comandar um deles? Caminhei pela Fleet Street, mas a ideia não me saía da cabeça. A serpente havia me encantado.

“Era uma empresa comercial com sede no continente, como vocês sabem. E eu tenho muitos amigos morando no continente, pois é barato e não tão terrível quanto parece, segundo dizem.

“Me envergonho em contar que os importunei. Para mim, aquilo já era o início de minha jornada. Não era do meu feitio fazer as coisas assim, sabem? Sempre segui meu próprio caminho, com minhas próprias pernas, sabendo aonde ir. Eu mesmo não acreditava naquilo, mas então, vejam só, senti que deveria chegar lá de um jeito ou de outro. Por isso eu os importunei. Os homens respondiam: ‘Meu caro’, mas não faziam nada. Então tentei as mulheres, acreditem! Eu, Charlie Marlow, botei as mulheres para trabalhar e para me arranjar um emprego. Céus! Vejam vocês o tipo de

força que me movia. Minha tia foi uma entusiasta desse meu projeto. ‘Será um prazer. Conte comigo para qualquer coisa. Farei tudo o que eu puder. Que ideia sensacional. Conheço a esposa de um alto funcionário na Administração que tem muita influência’, ela me disse. Minha tia estava determinada a ir até o fim na missão de me colocar como arrais de um vapor fluvial se aquele fosse meu desejo”, afirmou Marlow e prosseguiu com sua história.

“Consegui uma entrevista, é claro. E bem rápido. Parecia que a Companhia recebera a notícia do assassinato de um de seus capitães em uma rixa com os nativos. Era minha chance. Fiquei muito entusiasmado, queria partir imediatamente. No entanto, somente muitos meses depois, quando tentei recuperar seus restos mortais, é que descobri que a discussão original fora um mal-entendido por causa de galinhas. Sim, duas galinhas pretas. Fresleven, esse era seu nome, um dinamarquês, achou que tinha sido passado para trás na negociação. Então ele desembarcou e surrou o chefe da aldeia com um cajado. Ah, não fiquei surpreso ao ouvir aquilo e, ao mesmo tempo, que Fresleven era o bípede mais gentil e tranquilo que conheciam. Certeza que era, mas já fazia uns anos que estava envolvido na nobre causa e talvez precisasse finalmente afirmar seu próprio valor. Ele bateu no velho negro sem piedade diante de uma multidão atônita, até

que alguém, que disseram ser o filho do chefe, desesperado com os gritos do idoso, estocou o branco com sua lança. Ela perfurou facilmente o seu ombro. Amedrontados, os nativos fugiram para a floresta, esperando todo tipo de desgraça. Ao mesmo tempo, o vapor que Fresleven comandava também fugiu em pânico — acho que agora comandado pelo maquinista. Ninguém pareceu dar muita importância aos restos mortais de Fresleven até eu chegar e tomar seu posto. Mas eu não me esqueceria daquilo. Quando tive a oportunidade de me encontrar com meu antecessor, o mato crescia entre suas costelas, tão alto que já cobria seus ossos. Estavam todos ali. O ser sobrenatural não havia sido tocado depois de caído. A aldeia estava abandonada, as cabanas escuras e deterioradas, rodeadas de cercas caídas. Era certo que uma calamidade havia se abatido sobre eles. As pessoas haviam desaparecido. O terror os dispersara para a mata, homens, mulheres e crianças, para nunca mais voltar. Não sei dizer qual foi o fim das galinhas. Imagino que a causa do progresso as tenha engolido. Contudo, em razão desse episódio, assinei meu contrato antes mesmo de achar que o conseguiria.

“Fiquei louco para aprontar tudo. Em menos de quarenta e oito horas já cruzava o Canal para me apresentar aos meus novos patrões e assinar o contrato. Depois, cheguei, após algumas horas de viagem, a uma cidade que sempre me

faz lembrar uma lápide branca. Preconceito, é claro. Não tive dificuldade em encontrar o escritório da Companhia. Era o maior da cidade e o principal assunto. Eles implementariam um império transcontinental e ganhariam muito dinheiro com o comércio.

“Era uma rua estreita e deserta imersa nas sombras, casas altas, incontáveis janelas com venezianas, completo silêncio. O mato nascia entre o pavimento, imponentes entradas com pórticos à direita e à esquerda, imensas portas duplas entreabertas. Me embrenhei por uma dessas aberturas, subi uma escada encerada e simples, árida como um deserto, e abri a primeira porta que encontrei. Duas mulheres, uma gorda e outra magra, sentadas em cadeiras de assento de vime, tricotavam lã preta. A magra se levantou e veio diretamente até mim, sem erguer os olhos ou parar de tricotar, e somente quando pensei que deveria lhe dar passagem, como fazemos ao cruzar com um sonâmbulo, ela parou e olhou para mim. Seu vestido era simples como um guarda-chuva. Virou-se sem dizer nada e me conduziu até uma sala de espera. Dei meu nome, olhei em volta. Mesa de reunião no centro, cadeiras enfileiradas contra as paredes. Ao fundo, um grande mapa, novinho, pontuado com todas as cores do arco-íris. A maioria era vermelha, melhor para se ver à distância, pois todos sabem que é ali onde o trabalho duro se

realiza; outro tanto de azul, um pouco de verde, respingos de laranja e, na Costa Leste, um retalho roxo indicando o local onde os felizes pioneiros do progresso bebem sua cerveja. Porém, meu destino não era nenhum deles. Eu seria enviado para os amarelos. Bem ali no meio. E o rio estava ali, fascinante e mortal como uma serpente. Então, uma porta se abriu e a cabeça branca do secretário, com sua expressão cansada e amigável, despontou. Um dedo magro indicou o caminho para outro cômodo. A luz era fraca e uma pesada escrivaninha repousava ao centro. De trás dessa estrutura apareceu uma figura pálida e roliça que vestia uma casaca. Era o chefe em pessoa. Devia ter um metro e setenta, usava abotoaduras que certamente valiam milhões. Apertamos as mãos e ele murmurou algo vago. Parecia satisfeito com meu francês. *Bon voyage.*

“Em menos de um minuto eu estava novamente na sala de espera com o amigável secretário, que era todo triste e simpático. Me deu documentos para assinar. Acho que assinei termos de sigilo comercial. De qualquer forma, eu não pretendo tocar nesse assunto.

“Comecei a sentir uma leve inquietação. Esses protocolos não me agradam e havia algo sinistro no ar. Era como se eu estivesse envolvido em uma conspiração, não sei explicar exatamente. Algo estava errado. Fiquei feliz

em sair dali. Na sala ao lado as duas mulheres tricotavam sua lã, incansáveis. Pessoas chegavam e a mais jovem ia e vinha para apresentá-los. A mais velha permanecia sentada em sua cadeira. Tinha um gato no colo e usava pantufas de algodão nos pés, pousados sobre um aquecedor. Usava um negócio branco na cabeça, tinha uma verruga na bochecha e óculos cromados na ponta do nariz. Ela me olhou por cima das lentes. Seu olhar calmo e indiferente era perturbador. Dois jovens tolos e animados foram conduzidos e ela lançou para eles a mesma expressão rápida e tranquila. Parecia que sabia tudo sobre nós. Algo soturno se abateu sobre mim. Ela era estranha e trágica. Depois de muito tempo eu ainda me lembrava dessas duas, as guardiãs dos portões das trevas, com seu tricô negro, como se fossem mortalhas. Uma conduzia todos para o desconhecido; a outra analisava os rostos animados e tolos com seus olhos velhos e calmos. *Ave! Velha tricoteira da lã preta. Morituri te salutant.*⁴ Poucos daqueles que receberam seu olhar voltaram para contar história... nem metade deles, certamente.

4 Aqui o autor faz uma referência à expressão latina *Ave Caesar! Morituri te salutant* (*Ave César, os que vão morrer te saúdam*). A frase era o grito com o qual os gladiadores saudavam o imperador romano antes de começarem os jogos no Coliseu.

“Havia ainda uma consulta com o médico. ‘Uma simples formalidade’, me garantiu o secretário com ar de que compreendia quase todos meus temores. Logo, um jovem com seu chapéu torto para a esquerda, talvez um atendente — devia haver atendentes no prédio, embora fosse silencioso como um mausoléu — desceu de uma das escadas e me conduziu. Ele era todo desalinhado, tinha manchas de tinta nas mangas do casaco e sua gravata era larga e desajeitada. Seu queixo parecia a ponta de uma bota velha. Como o médico ainda não havia chegado, sugeri uma bebida e ele se mostrou mais simpático. Tomamos nossos vermutes enquanto ele falava maravilhas da Companhia. Quando expressei minha surpresa por ele não se arriscar a ir para lá, fechou-se friamente na mesma hora. ‘Não sou tão bobo quanto pareço, disse Platão aos seus discípulos’, respondeu em tom formal. Deu seu último gole, decidido, e nos levantamos.

“O velho médico tomou meu pulso, claramente pensando em outra coisa. ‘Bom, tudo bem’, ele resmungou. Depois, com certa empolgação, pediu permissão para medir minha cabeça. Bastante surpreso, concordei, e ele pegou algo parecido com um compasso e tirou as medidas da frente, atrás e dos lados. Tomou nota com atenção. Era um homenzinho com a barba por fazer e usava um jaleco puído de gabardine e chinelos. Parecia bobo e inofensivo.

‘Sempre peço permissão, em nome da ciência, para medir os crânios dos que vão para lá’, ele disse. ‘E quando voltam?’, perguntei. ‘Ah, eu nunca os vejo de novo’, pontuou. ‘Além do mais, as mudanças acontecem na parte de dentro, sabe?’. Sorriu como se aquilo fosse uma piada. ‘O senhor também vai para lá? Esplêndido. Interessantíssimo.’ Ele me olhou com atenção e anotou algo mais. ‘Algum caso de loucura na família?’, perguntou em tom pragmático. Fiquei contrariado. ‘Essa pergunta também é em nome da ciência?’ ‘É como se fosse’, respondeu sem notar minha irritação. ‘É de interesse da ciência observar as mudanças no comportamento dos indivíduos, acompanhá-los presencialmente, mas...’, ‘O senhor é alienista?’, interrompi. ‘Todo médico é... um pouco’, respondeu rápido e sem emoção. ‘Tenho uma teoria, e vocês, *messieurs*, que vão até lá, precisam me ajudar a comprová-la. É a minha parcela sobre o que meu país arrecada daquela propriedade magnífica. A riqueza mundana eu deixo para os outros. Perdoe minhas perguntas, mas você é o primeiro inglês que recebo.’ Apressei-me em dizer a ele que nem de longe eu era uma pessoa comum. ‘Se fosse’, eu disse, ‘não estaria falando assim com você’. ‘Suas palavras são bastante profundas e, talvez, equivocadas’, ele disse sorrindo. ‘Evite o sol, mas acima de tudo qualquer irritação. *Adieu*. Como vocês dizem mesmo? *Good bye*. Ah! *Good bye*. *Adieu*. Nos

trópicos é preciso manter a calma...’. Ergueu o indicador em advertência: *‘Du calme, du calme’*.

“Havia uma última coisa a fazer: despedir-me de minha esplêndida tia. Ela estava exultante. Tomei um chá — a última xícara decente que teria por muitos meses — em uma sala muito confortável, digna de uma senhora respeitável. Conversamos tranquilamente diante da lareira. Então ficou claro que eu havia sido mencionado para a esposa do alto dignitário e sabe-se lá para mais quantas outras pessoas como uma criatura de talentos excepcionais, uma pepita de ouro para a Companhia, um homem que não se encontra facilmente todos os dias. Pelos céus! E eu assumiria o comando de um vaporzinho com apito de dois tostões! Na verdade, parecia que eu não passava de um Operário, com maiúscula, entende? Era como um emissário da luz, uma espécie de apóstolo iniciante. Havia muitas dessas enganações nos panfletos daquela época e aquela mulher incrível, em meio a toda empolgação, deixou-se levar. Ela falava em ‘livrar aqueles milhões de ignorantes de seus modos horrendos’ ao ponto de, juro!, me deixar bastante constrangido. Arrisquei dizer que a Companhia só buscava lucro.

“Você esquece, caro Charlie, que o trabalhador vale o que lhe pagam’ ela disse, entusiasmada. É estranho como as mulheres têm sua própria verdade. Elas vivem em um mundo

à parte, onde nada é igual e nunca será. É um mundo lindo e, caso tentassem trazê-lo para a realidade, se desfaria em cacos antes de o sol se pôr. Qualquer dos fatos com que nós, homens, já lidamos desde a criação do mundo seria suficiente para demolir a coisa toda.

“Depois, me abraçou, pediu que eu me agasalhasse, escrevesse sempre, essas coisas... e parti. Na rua, sei lá por quê, se abateu sobre mim um estranho sentimento de que eu era um impostor. Logo eu, acostumado a ir para qualquer canto do mundo em menos de vinte e quatro horas, mais despreocupado que alguém atravessando a rua, passar por isso. Não sei se foi por medo, mas fiquei imobilizado diante daquela situação tão comum. O melhor modo de explicar é que, por um ou dois segundos, senti que em vez de estar a caminho do centro de um continente eu estava partindo para o centro da Terra.

“Zarpei em um vapor francês que parava em todo santo porto que existisse, pois, pelo que entendi, dele desembarcavam soldados e fiscais da alfândega. Eu observava a costa. Observar o litoral que desliza ao lado do navio é como tentar resolver uma charada. Ali está ele diante de você: sorrindo, enrugado, convidativo, grandioso, rude, insípido ou selvagem, mas sempre calado com uma expressão parece sugerir: ‘venha me descobrir’. Aquele enigma praticamente

não tinha nenhum atributo, como se ainda estivesse em formação. Seu aspecto era de uma aspereza monótona. A borda da colossal selva, de um verde tão escuro, quase negro, era rendada de espuma branca e seguia reta como um traço feito a régua, distante e para longe, paralelo ao azul do mar cujo brilho era ofuscado por uma névoa rasteira. O sol ardia, a terra parecia suar e gotejar. Em alguns pontos, marcos de um cinza pálido despontavam em grupos na espuma branca, indicando que talvez houvesse bandeiras hasteadas; aldeias seculares que ainda assim não passavam de meros pontos minúsculos na vastidão intocada daquele cenário. Aos solavancos, seguíamos, parávamos, os soldados desembarcavam, continuávamos, os fiscais desembarcavam para cobrar taxas naquela imensidão amaldiçoada em um galpão de zinco com uma bandeira metida em seu telhado e mais soldados, provavelmente para proteger os fiscais. Ouvi dizer que alguns se afogavam nas ondas, mas se isso era mesmo verdade, ninguém parecia se importar. Eram simplesmente despejados ali e depois seguíamos em frente. Todos os dias a costa parecia igual, como se estivéssemos parados. Mas passamos por diversos lugares, vários pontos comerciais com nomes como Gran' Bassam e Little Popo. Esses nomes pareciam pertencer a alguma peça teatral encenada diante de um sinistro pano preto. O ócio de um passageiro, minha

solidão entre aqueles homens com os quais eu não tinha nada em comum, o mar oleoso e lânguido, a sisudez das praias, tudo parecia me manter longe da verdade, me envolvendo em uma ilusão triste e absurda. A eventual voz das ondas era revigorante, como os conselhos de um irmão mais velho. Era algo natural, que tinha seu significado e razão. De vez em quando barcos vindos da costa nos propiciavam um contato rápido com a realidade. Homens negros os remavam. O branco reluzente de seus olhos podia ser visto de longe. Esses rapazes gritavam e cantavam, seus corpos pingavam suor, seus rostos eram grotescos como máscaras. Mas eram feitos de ossos e músculos, com vitalidade selvagem e energia intensa, tão naturais e verdadeiros quanto as ondas ao longo da costa. Era natural estarem ali. Olhar para eles era muito reconfortante. Por algum tempo ainda me sentia como se pertencesse a um mundo de fatos absolutos, mas esse sentimento não durou muito. Algo aconteceria para espantar essa ideia. Me lembro que certo dia nos deparamos com um navio de guerra ancorado na costa. Não havia acampamentos à vista, mas bombardeavam a selva. Aparentemente, os franceses travavam alguma guerra por ali. Sua bandeira pendia como um trapo, os canos de seis polegadas despontavam por todo o casco baixo. O bojo viscoso de óleo balançava a embarcação preguiçosamente, oscilando seus

mastros altos. Na imensidão vazia de terra, céu e água, ela disparava incompreensivelmente contra o continente. *Pou*, disparava um dos canhões. Uma fagulha piscava e sumia, uma fumacinha branca se dissipava, um projétil minúsculo dava um guincho fraco... e nada mais acontecia. Nada poderia acontecer. Aquela visão parecia uma piada sem graça, uma idiotice. Essa noção não se desfez mesmo após um sujeito a bordo garantir seriamente que, escondida ali em algum lugar, havia uma aldeia de nativos, aos quais ele se referiu como inimigos!

“Entregamos a eles suas cartas (ouvi dizer que os homens daquele solitário navio estavam morrendo a uma taxa de três por dia) e prosseguimos viagem. Passamos por outros locais com nomes dramáticos, onde acontece a alegre dança da morte e do comércio em um ambiente inerte e vulgar, como uma catacumba abafada. Por toda a costa sinuosa cercada pela rebentação, como se a própria Natureza tentasse afastar intrusos, entrando e saindo de rios, correntezas de morte vívida cujas margens apodreciam no lodo, cujas águas, grossas e gosmentas, invadiam os mangues contorcidos, pareciam suplicar para nós em um último ato de extremo desespero. Não nos demoramos em nenhum desses lugares a ponto de construir uma impressão própria, mas a sensação

de um vazio opressor caiu sobre mim. Era uma cansativa peregrinação entre pesadelos anunciados.

“Levou quase trinta dias até eu ver a boca do grande rio. Ancoramos ao largo da sede do governo. Meu trabalho, porém, estava a mais de trezentos quilômetros dali. Assim que pude, iniciei a jornada para um lugar cinquenta quilômetros rio acima.

“Fui em um pequeno vapor marítimo. O capitão era um sueco e, sabendo que eu era um marujo, me convidou para a ponte de comando. Era jovem, magro, com andar arrastado, cara de poucos amigos e cabelos loiros escorridos. Ao passarmos pela medonha desembocadura, fez um gesto com a cabeça em sinal de desprezo e perguntou: ‘Tava ficando aí?’ Eu respondi: ‘Sim’. ‘Pessoal camarada esses caras do governo... né?’ Disse e continuou falando um inglês muito preciso e cheio de amargor. ‘Engraçado o que alguns são capazes de fazer por alguns francos por mês. Não sei o fim deles depois que vão para o interior.’ Respondi que era isso o que eu esperava descobrir em breve. Ele exclamou: ‘Pois é-é-é!’ Arrastou-se até o outro lado, sem nunca tirar um dos olhos do rio. ‘Não tenha tanta certeza’, continuou. ‘Outro dia subi com um homem que se enforcou no caminho. Também era sueco.’ Ao ouvir aquilo eu exclamei: ‘Como assim se enforcou? Mas por que diabos?’ Ele continuou olhando

para a frente. ‘Sei lá... vai ver o sol foi demais pra ele, ou talvez a paisagem.’

“Finalmente o rio alargou. Uma encosta rochosa apareceu, montes de terra escavada nas margens, algumas casas em uma colina e outras com telhados de zinco entre os entulhos ou à beira de um declive. O som contínuo das corredeiras adentro permeava toda essa cena de devastação colonizada. Muita gente, a maioria negros e nus, se deslocava como formigas. Um ancoradouro se projetava sobre o rio. A luz ofuscante do sol inundava tudo aquilo, de quando em quando, em um fulgor brilhante. ‘Aí está a estação da sua Companhia’, disse o sueco apontando para três estruturas de madeira que lembravam barracas no morro rochoso. ‘Vou mandar seus pertences. Você disse quatro caixas? Muito bem. Até mais ver.’

“Me deparei com uma caldeira sobre o capim, depois encontrei uma trilha que levava colina acima. Ela desviava das pedras maiores e também de um pequeno vagão ferroviário com as rodas para cima. Faltava uma delas. A coisa toda parecia morta como a carcaça de algum animal. Encontrei outros restos de equipamentos abandonados, um trecho de trilhos enferrujados. À esquerda, um agrupamento de árvores criava um recanto sombrio onde coisas escuras e preguiçosas pareciam se mover. Forcei os olhos, a subida era íngreme.

Uma sirene tocou à direita e vi os negros correrem. Uma explosão violenta e surda sacudiu o solo, uma lufada de fumaça apareceu por trás do rochedo e isso foi tudo. Não percebi nenhuma alteração na face da rocha. Estavam construindo uma estrada de ferro. O rochedo não estava no caminho, mas as explosões sem sentido eram todo o trabalho que se fazia ali no momento.

“Um leve tilintar atrás de mim me fez virar a cabeça. Seis homens negros vinham em fila, subindo a trilha. Caminhavam eretos e lentamente, equilibrando pequenos cestos cheios de terra sobre suas cabeças, um som metálico marcava o tempo de seus passos. Trapos negros se enrolavam em suas virilhas e na parte de trás balançavam a esmo como se fossem caudas. Cada costela era visível, as juntas de seus membros eram como nós em uma corda. Cada um tinha um grilhão de ferro em torno do pescoço e todos estavam ligados por uma corrente cujos elos pendiam entre eles, tilintando ritmicamente. Outro ruído vindo do rochedo me fez lembrar subitamente daquele navio de guerra que vi disparando contra o continente. Era o mesmo som sinistro, mas aqueles homens não poderiam ser chamados de inimigos nem pela imaginação mais fértil. Eram considerados criminosos, e a lei deturpada, assim como as bombas, os havia atingido como um mistério inescrutável vindo do mar. Seus peitos magros arfavam em uníssono e

as narinas violentamente dilatadas tremiam. Seus olhos se fixavam duramente no topo da colina. Passaram ao meu lado sem desviar o olhar, com a indiferença completa e mortuária de selvagens infelizes. Na retaguarda dessa massa bruta um dos regenerados, produto das novas forças em ação, seguia despreocupado com sua espingarda. Vestia uma jaqueta de uniforme faltando um botão e, ao ver um homem branco no caminho, pousou sua arma no ombro imediatamente. Era um mero cuidado, pois à distância todo homem branco é parecido. Prontamente baixou a guarda e, com um sorriso largo, branco e maldoso, sem tirar os olhos de seus comandados, pareceu me reconhecer como integrante de seu círculo de confiança. Afinal, eu também fazia parte dessa causa nobre e seus procedimentos.

“Em vez de subir, voltei e desci para a esquerda. Minha ideia era esperar que o grupo de acorrentados fosse embora antes de subir a colina. Não sou lá muito dócil, já lutei e me defendi antes. Já fui obrigado a resistir e a atacar também, que é o único modo de resistência, sem pensar muito nas consequências em razão das demandas do tipo de vida em que me meti. Pelos céus! Eu já encarei o demônio da violência, da ganância, do desejo febril, mas aqueles eram bestas fortes, vigorosas, de olhos vermelhos, capazes de dominar e fustigar os outros — mas, sobretudo, eram homens. Parado

na encosta, pressenti entre o sol ofuscante daquela terra que eu me aproximaria do demônio preguiçoso, fingido e cego da loucura arrebatadora e cruel. O quanto ele seria capaz de ser insidioso, eu também só descobriria muitos meses depois, a milhares de quilômetros dali. Naquele momento, me vi aterrorizado, como se recaísse sobre mim uma anunciação. Finalmente desci da colina transversalmente em direção às árvores que vira antes.

“Desviei de um grande buraco feito por alguém que cavara no barranco e cuja razão achei impossível de deduzir. Não se tratava de uma pedreira nem de um poço de areia. Não passava de um simples buraco. Talvez fosse alguma tentativa filantrópica de dar aos criminosos alguma tarefa. Então quase caí em uma vala estreita, uma espécie de cicatriz no flanco da colina. Descobri ser o local de descarte de um lote de manilhas de drenagem trazidas para o assentamento. Nenhuma delas estava inteira. Era um desperdício aviltante. Finalmente cheguei às árvores. Meu objetivo era buscar abrigo na sombra por um momento, mas sequer havia chegado lá e me vi adentrando algum círculo sinistro do inferno. As corredeiras estavam próximas e o som ininterrupto, uniforme, impetuoso e apressado, preenchia a calma desolada do bosque. Nenhum suspiro, nenhum movimento além

daquele rumor — como se o som das profundezas da terra repentinamente se tornasse audível.

“Formas negras agachadas, deitadas e sentadas, apoiadas contra os troncos das árvores, confundiam-se com a terra, entre escondidos e paridos pela luz parca, todos com ares de dor, abandono e desespero. Outra mina explodiu no penhasco, seguida por um leve tremor no solo sob meus pés. O trabalho continuava. O trabalho! E era aqui o lugar em que alguns de seus ajudantes se retiravam para morrer.

“Claramente morriam devagar. Não eram inimigos, não eram criminosos, não eram mais criaturas deste plano — nada além de sombras negras doentes e famintas jazendo de forma confusa sobre o lamento verde. Trazidos de todos os recantos da costa, seguindo a legalidade dos contratos temporários, perdidos em vizinhanças desconhecidas, alimentados com comida estranha, adoeciam, tornavam-se ineficientes e então recebiam permissão para rastejar para longe e descansar. Essas formas moribundas eram livres como o ar — e quase tão rarefeitos como ele. Passei a distinguir o brilho de seus olhos sob as árvores. Então, olhando para baixo, vi um rosto próximo à minha mão. Os ossos negros se inclinaram completamente, apoiando um dos ombros contra a árvore. Suas pálpebras se abriram vagarosamente e olhos fundos me fitaram, enormes e vazios, como se já

cegos, brancos somente nas profundezas das órbitas, que lentamente se apagaram. O homem parecia jovem, quase uma criança, mas, como todos sabem, com eles isso é difícil dizer ao certo. Não encontrei nada mais para oferecer além dos biscoitos que tinha em meu bolso, dados pelo sueco do barco. Os dedos se fecharam lentamente e os pegaram — não houve nenhum outro movimento ou olhar. Ele tinha um pedaço de lã branca amarrado em volta do pescoço — para quê? Havia algum motivo para isso? O contraste do seu pescoço negro com esse fio branco vindo de outro continente era atordoante.

“Próximo a essa mesma árvore havia mais dois feixes de ângulos agudos acorados. Um deles tinha o queixo apoiado nos joelhos, olhando para o nada, de uma maneira incômoda e desalentadora: seu irmão fantasmagórico apoiava a testa como se lutasse contra um cansaço imenso. Por todos os lados, outros se espalhavam em poses contorcidas como em alguma foto de massacre ou epidemia. Eu ainda estava paralisado pelo terror quando uma dessas criaturas ficou de quatro como um animal e se dirigiu ao rio para beber. Bebeu de sua mão, sentou-se ao sol, cruzou as pernas e depois de um tempo deixou sua cabeleira vasta pender com a cabeça sobre seu peito.

“Minha vontade de perder tempo ali se foi e me apressei rumo à estação. Quando cheguei perto das construções.

Encontrei um homem branco tão inesperadamente bem vestido que, quando o vi, achei que fosse uma miragem. Usava colarinho alto e engomado, punhos brancos, uma jaqueta leve de alpaca, calças claras, gravata lisa e botas engraxadas. Sem chapéu. Cabelo repartido, liso e besuntado debaixo de uma sombrinha de forro verde que sua grande mão branca segurava. Era uma figura impressionante e tinha uma caneta atrás da orelha.

“Cumprimentei esse milagre e entendi que ele era o contador-chefe da Companhia, e que toda a contabilidade e livros-caixa era feita nesta estação. Ele havia saído um pouco, segundo disse, ‘para pegar um ar fresco’. A expressão soou completamente estranha e sugeria uma vida sedentária em sua escrivaninha. Eu sequer teria mencionado essa pessoa a vocês, mas faço isso porque foi de sua boca que ouvi pela primeira vez o nome do homem tão intrinsecamente ligado às memórias daqueles tempos. Além do mais, eu respeitava essa pessoa. Sim, respeitava seu colarinho e punhos largos, seu cabelo penteado. Sua aparência era a de um manequim de cabeleireiro e, em meio à imensa degradação da terra, ele mantinha sua aparência. Isso se chama determinação. Sua camisa engomada e seu peitilho elegante eram uma demonstração de personalidade. Já estava ali havia três anos e não pude evitar de perguntar como conseguia se vestir de modo

tão refinado. Ficou levemente corado e disse modestamente: 'Estou ensinando uma das nativas sobre a estação. Muito difícil. Ela não gosta de trabalhar'. Portanto, aquele homem era um vitorioso. Era devoto de seus livros, perfeitamente organizados.

"Tudo o mais ali era uma bagunça... pessoas, coisas e construções. Filas de negros empoeirados de pés chatos chegavam e partiam; um fluxo de produtos industrializados, tecidos baratos, miçangas e fios de arame eram enviados para as profundezas das trevas e, em retorno, o precioso marfim.

"Fiquei no posto por dez dias. Uma eternidade. Morei em uma cabana no descampado, mas para fugir do caos às vezes ia para o escritório do contador. Era feito com tábuas horizontais tão mal assentadas que quando ele se inclinava sobre sua mesa ficava todo listrado com raios de sol. Desnecessário abrir a grande persiana para iluminar a sala. Também era muito quente e grandes moscas zumbiam de modo ameaçador. Suas picadas eram como punhaladas. Geralmente, eu me sentava no chão enquanto ele, com sua aparência impecável (e até levemente perfumado), se empoleirava em uma banquetta e escrevia sem parar. Às vezes se levantava para se exercitar. Quando colocaram uma maca de lona com um doente (algum agente inválido vindo do interior), ele demonstrou certo aborrecimento. 'Os gemidos

desse doente’, ele disse, ‘me desconcentram. Assim, somado ao calor, torna extremamente difícil evitar erros contábeis.’

“Certo dia ele observou, sem levantar a cabeça: ‘Certamente encontrará com o sr. Kurtz no interior.’ Quando perguntei quem era o sr. Kurtz, ele disse ser um agente de alta classe. Diante de minha decepção com a informação, ele continuou lentamente, pousando sua caneta: ‘É uma pessoa extremamente marcante.’ Novas perguntas me elucidaram que, no momento, o sr. Kurtz era o chefe de um posto comercial muito importante, no coração da região do marfim, ‘lá naqueles confins. Suas remessas de marfim somam todas as outras juntas...’ e voltou a escrever. O enfermo estava tão mal que nem podia mais gemer. As moscas continuavam a zumbir pacificamente.

“De repente, ouviu-se um crescente vozerio e passos estrondosos. Uma caravana se aproximava. Ao chegarem, uma discussão acalorada se iniciou do outro lado das tábuas. Os carregadores falavam ao mesmo tempo. Em meio a esse tumulto, o encarregado dizia ‘desisto’ numa espécie de lamento, pois afirmava isso aos prantos e pela vigésima vez naquele mesmo dia. Em seguida, ele se levantou lentamente. ‘Que briga medonha’, disse. Cruzou o cômodo tranquilamente para ver o enfermo e, voltando-se, disse para mim: ‘Ele não ouve’. Eu perguntei surpreso: ‘Como assim? Ele

morreu?’ A resposta dele foi muito calma: ‘Ainda não’. Então, se referindo ao tumulto no pátio com um aceno de cabeça, disse: ‘Quando se precisa fazer os registros com atenção, só se pode odiar esses selvagens... melhor se morressem’. Ficou pensativo por um instante. ‘Quando você conhecer o sr. Kurtz’, continuou, ‘diga que mandei dizer que tudo’ — e olhou de relance para sua mesa — ‘está a contento. Não gosto de mandar cartas para ele... com mensageiros como os nossos nunca se sabe quem vai ler sua carta na Estação Central’. Ele me encarou por um momento com seus olhos bondosos e esbugalhados. ‘Ah, ele vai longe, muito longe’, continuou. ‘Em breve será alguém importante na Companhia. Eles, lá de cima — o conselho, lá na Europa — querem que ele seja’.

“O encarregado retomou seu trabalho. O barulho lá fora havia cessado e quando me preparava para sair pela porta, estanquei. Em meio ao zumbido constante das moscas, o agente que deveria voltar para sua casa jazia inerte e inconsciente; o outro, debruçado sobre seus livros, seguia fazendo anotações corretas de transações impecáveis. Quinze metros adiante eu podia ver as copas do bosque da morte.

“No dia seguinte, finalmente deixei a estação com uma caravana de sessenta homens para uma marcha de mais de trezentos quilômetros.

“Desnecessário detalhar a vocês essa viagem. Trilhas e mais trilhas por todo lado. Uma rede de picadas na mata se infiltrando por entre capim alto, capim queimado, por entre touceiras, subindo e descendo barrancos íngremes e encostas rochosas que fumegavam calor. E a solidão, a solidão e ninguém mais. Sequer uma cabana. Os moradores dali desapareceram há muito tempo. Bem, se um bando de negros misteriosos portando todo tipo de armas de repente começasse a trafegar entre a Deal e Gravesend, obrigando os caipiras a carregar grandes fardos, acho que as fazendas e cabanas daquela região britânica também se esvaziariam logo. A diferença era que, em meio àquelas trilhas, até as casas haviam desaparecido. Também passamos por algumas vilas abandonadas. Há algo de tolo e infantil nas ruínas de casas de palha. Dia após dia, o som arrastado de sessenta pares de pés descalços atrás de mim, cada um carregando cerca de trinta quilos. Acampar, cozinhar, dormir, desmontar, marchar. De vez em quando, um desses carregadores morria enquanto trabalhava. Invariavelmente, acabava largado sobre o capim alto ao lado da trilha, com sua cabaça de água vazia e seu cajado caído. Um grande silêncio tomava conta de tudo. Muita vez, na quietude da noite, ouvia-se o tremor de distantes tambores, ora mais forte, ora mais baixo, contínuo e abafado. É um som estranho, hipnótico, sugestivo e

selvagem... talvez com um significado tão profundo quanto os sinos de um país cristão. Durante a jornada, encontramos um branco com o uniforme desleixado, acampado na trilha e acompanhado por um grupo de zanzibares hospitaleiros e alegres — para não dizer bêbados. Cuidavam da manutenção da estrada, conforme nos explicou. Não posso afirmar ter visto alguma estrada ou manutenção, exceto pelo cadáver de um negro de meia-idade com um buraco de bala na testa no qual tropecei uns cinco quilômetros adiante. Esse talvez fosse considerado o avanço. Eu também tinha um companheiro branco, um bom rapaz, mas um tanto robusto e com o desagradável hábito de desmaiar nas encostas fumegantes, a milhas de distância de uma gota de água sequer. Imaginem como é desagradável ficar protegendo a cabeça de alguém com seu casaco até ele voltar a si. Não resisti e perguntei a ele qual motivo o havia levado até lá. ‘Como assim? Estou aqui para ganhar dinheiro’, me respondeu como se fosse óbvio. Dias depois, ele teve uma febre e passamos a carregá-lo em uma rede suspensa por uma vara. Foi difícil convencer os carregadores, pois ele pesava mais de cem quilos. Eles empacavam, fugiam, roubavam as cargas na madrugada — um verdadeiro motim. Então, certa noite, fiz um discurso em inglês, gesticulando muito, e todos os sessenta pares de olhos se fixaram em mim. Na manhã seguinte a rede estava

à frente da fila. Depois de uma hora me deparei com a coisa toda jogada numa moita: homem, rede, gemidos, cobertores, um horror. A vara havia esfolado seu nariz. Ele queria muito que eu matasse alguém, mas não havia mais nem sombra dos carregadores. Lembrei-me do velho médico: 'É de interesse da ciência observar as mudanças no comportamento dos indivíduos, acompanhá-los presencialmente'. Me senti como algo cientificamente interessante. Mas isso não vem ao caso agora. No décimo quinto dia avistei o grande rio novamente. Corri para a Estação Central que ficava em um remanso. Era rodeada por mata baixa e floresta, ladeada por uma margem de lodo fétido de um lado, e por uma cerca irregular de juncos que cobria os outros três lados. Uma abertura malfeita era a única passagem e bastava um olhar para saber que aquele lugar devia ser comandado por algum pobre-diabo. Débeis homens brancos apoiados em longos cajados apareceram entre as construções, arrastando-se para me fitar e em seguida sumir para algum outro lugar. Um deles, mais corpulento e agitado, com bigodes negros, ao saber quem eu era me deu informações de maneira eloquente, com vários rodeios. Ele disse que meu vapor estava no fundo do rio. Fiquei sem palavras. 'O quê, como, por quê?' Ao ver minha preocupação ele respondeu dizendo: 'Ah, estava tudo bem. O próprio gerente estava lá. Tudo direitinho. Todos têm se

comportado muito bem! Esplendidamente! Você precisa’, disse ele agitado, ‘falar com o gerente-geral imediatamente! Está te esperando.’

“Não percebi de imediato o real significado do naufrágio. Talvez agora eu entenda, mas não tenho certeza... nem um pouco. Quando penso nisso, vejo que a coisa toda era surreal demais para ter sido um mero acidente. Vai saber... naquele momento, no entanto, parecia ser simplesmente um grande incômodo. O vapor havia afundado. Dois dias antes eles começaram a subir o rio às pressas com o gerente a bordo e um arrais improvisado como capitão. Menos de três horas depois arrebentaram o casco nas rochas e ele afundou na beira da margem sul. Me perguntei o que eu faria ali, sem barco algum. Na verdade, eu tinha muito a fazer, pois minha embarcação precisava ser tirada do rio. Começaria essa tarefa no dia seguinte. Içar e fazer os reparos, após trazer os materiais da estação. O trabalho me tomaria meses.

“Minha primeira reunião com o gerente foi interessante. Ele não me convidou para sentar mesmo depois de eu ter caminhado mais de trinta quilômetros pela manhã. Era um homem de feições, modos e voz comuns. Tinha altura mediana e uma compleição mediana. Seus olhos, de um azul nada especial, eram talvez bastante frios e certamente um mero relance daquele olhar poderia recair sobre a vítima

com a força de um machado. Mas mesmo nessas ocasiões o resto de seus atributos não parecia combinar com o ato. Havia apenas uma expressão leve e indefinida em seus lábios, algo sorrateiro... um sorriso. Não, não um sorriso. Eu me lembro, mas não consigo descrever. Esse tal sorriso era algo inconsciente, embora se intensificasse por um breve momento após dizer algo. Aparecia no final das frases como um rótulo aplicado às palavras, para transformar o mais comum significado em algo absolutamente inescrutável. Ele era um comerciante comum, trabalhando por lá desde a juventude e nada mais. Era obedecido, embora não despertasse carinho, medo ou respeito. Ele despertava incômodo. É isso! Desconforto. Não uma desconfiança, apenas incômodo e nada mais. Vocês não têm ideia de como essa... essa habilidade pode ser eficaz. Ele não tinha o dom da organização, nem a iniciativa, nem mesmo era capaz de mandar organizarem. Isso ficava muito evidente pelo estado deplorável da estação, entre outras coisas. Ele não era culto nem inteligente. Como ele havia chegado a essa função... e por quê? Talvez porque nunca ficasse doente. Já havia cumprido três contratos de três anos ali. Uma saúde invencível é uma espécie de poder quando o resto é insuficiente. Quando viajava em férias para casa, brigava muito... afetado. Era um marinheiro de terra firme somente na aparência, com uma diferença... dava para

perceber quando conversava mais informalmente. Não tinha originalidade nenhuma, mas era capaz de manter as coisas funcionando. Só isso. Mas ele era incrível. Era incrível porque havia um detalhe impossível de descrever que controlava aquele homem. Ele nunca revelou esse segredo. Talvez porque não houvesse nada dentro dele. Esse mistério fazia todos refletirem, pois nada na aparência se revelava. Certa vez, quando várias doenças tropicais derrubaram quase todos os ‘agentes’ da estação, ouviram ele dizer: ‘Os homens que vêm para cá não podem ter tripas’. E lacrou aquela observação com seu sorriso como se houvesse aberto uma porta para as trevas que carregava dentro de si. Seria mais fácil imaginar se tivessem presenciado, mas o rótulo continuava lá. Aborrecido com as brigas dos brancos na fila das refeições, mandou fazer uma imensa mesa redonda, o que demandou a construção de um novo abrigo. Era o refeitório da estação. Ele se sentava no primeiro lugar e os outros onde pudessem. Parecia que aquela era sua certeza mais absoluta. Ele não era civilizado nem selvagem. Era calado. Ele permitia que seu ‘menino’ — um jovem e robusto negro da costa — provocasse seus brancos, abertamente, com insolências.

“Ele começou a falar assim que me viu, pois não podia esperar. Eu havia demorado muito para chegar. Na verdade, tinha começado sem mim. Disse que as estações rio acima

precisavam ser atendidas imediatamente. Os atrasos eram tão grandes que ele sequer sabia quem ainda estava vivo ou já morto, como estavam sobrevivendo e assim por diante. Ignorou minhas explicações e, manuseando um bastão de cera para lacrar envelopes, repetiu várias vezes que a situação era ‘muito, muito grave’. Havia boatos de que uma estação muito importante estava em risco e que seu chefe, o sr. Kurtz, havia adoecido. Oxalá não fosse verdade. O sr. Kurtz era... eu estava cansado e irritado. ‘Foda-se o Kurtz’, pensei. Eu o interrompi dizendo que havia ouvido falar do sr. Kurtz na costa. ‘Ah! Então falam dele lá’, murmurou para si mesmo. Então continuou, me assegurando de que o sr. Kurtz era o melhor agente de todos, um homem excepcional, de grande importância para a Companhia. Por isso seu grande nervosismo. Ele estava, disse, ‘muito, muito apreensivo’. Remexeu-se bastante em sua cadeira e exclamou: ‘Ah, sr. Kurtz!’ Em seguida, quebrou o bastão de cera, completamente distraído. Depois quis saber ‘quanto tempo levaria...’ Nesse momento, eu o interrompi novamente. De tão faminto, também finquei o pé. Eu estava perdendo a cabeça. Eu disse: ‘Como vou saber? Ainda nem vi o naufrágio... no mínimo, alguns meses, sei lá’. Toda aquela conversa me parecia inútil. ‘Alguns meses’, ele disse. ‘Bem, digamos três meses até zarpar. Sim. É um tempo razoável’. Fugi de sua cabana (ele

morava sozinho em uma cabana de sapê com uma espécie de varanda) resmungando para mim mesmo o que pensava dele. Era um tagarela idiota. Mais tarde eu lhe daria razão, quando sua estimativa para resolver o ‘caso’ se mostrou extremamente precisa.

“Comecei a trabalhar no dia seguinte, dando, por assim dizer, as costas à estação. Para mim parecia o único modo de manter a calma perante os fatos da vida. Mesmo assim, às vezes é preciso olhar em volta. Então observei aquela estação e seus homens a esmo pelo pátio ensolarado. E me perguntava o que tudo aquilo significava. Eles vagavam por todos os lados com seus longos cajados nas mãos, como um bando de peregrinos pagãos enfeitiçados dentro de um cercado. A palavra ‘marfim’ pairava no ar, era cochichada e suspirada. Parecia que oravam por ele. Um toque de ganância ignorante permeava tudo, feito o cheiro de um cadáver. Por Júpiter! Nunca tinha visto nada tão surreal em minha vida. De fora, o selvagem silêncio que rodeava essa clareira me assolou como algo grande e invencível, como o mal ou a verdade, aguardando pacientemente que aquela invasão irreal desaparecesse.

“Ah, aqueles meses! Bem, vamos em frente. Muitas coisas aconteceram. Certa noite uma choupana abarrotada de aviamentos, tecidos, miçangas e sei lá mais o que explodiu

e se transformou em uma enorme fogueira, tão subitamente que foi como se a terra tivesse se aberto e um fogo vingador de dentro dela saísse para consumir tudo. Eu fumava meu cachimbo tranquilamente entre as peças de meu vapor quando os vi afobados naquela luz, gesticulando com os braços. Então o gorducho de bigodes veio correndo para o rio com uma lata nas mãos. Assegurou-me que todos estavam ‘se comportando esplendidamente, esplendidamente’, encheu um quarto da lata e subiu novamente. Notei que havia um buraco no fundo da lata.

“Caminhei até lá. Para que a pressa? O negócio tinha explodido como uma caixa de fósforos. O esforço fora inútil desde o começo. As chamas subiram alto, afastando a todos e incendiando tudo. Depois arrefeceram. A choupana já era um braseiro ameaçador e brilhante. Um negro era surrado ali perto. Diziam que talvez ele fosse o culpado pelo fogo. Seja como for, gritava terrivelmente. Eu o vi, mais tarde, por dias e dias, sentado sob uma sombra, com um aspecto muito doente e tentando se recuperar. Depois, ele levantou e se foi — a vastidão da floresta o recolheu silenciosamente em seu seio. Ao sair da escuridão e me aproximar das chamas, dei com dois homens conversando, de costas para mim. Ouvi o nome de Kurtz e então as palavras ‘se aproveitar deste infeliz acidente’. Um deles era o gerente. Desejei-lhe boa noite. Já

viu coisa parecida? É inacreditável', ele disse ao se afastar. O outro homem ficou. Era um agente de primeira linha, jovem, cordial e um tanto reservado, com uma barba repartida e um nariz curvo. Mantinha-se afastado dos demais agentes e eles, em contrapartida, diziam que era espião do gerente. Mal havíamos nos falado antes. Engrenamos uma conversa e fomos nos afastando do crepitar das ruínas. Ele me convidou para o seu quarto, no prédio central da estação. Acendeu um fósforo e percebi que aquele jovem aristocrata não apenas tinha uma maleta com adornos prateados, mas também uma vela inteira. Tudo isso em um momento em que apenas o encarregado era o único com direito às velas. Tapeçarias nativas cobriam as paredes de barro e uma coleção de lanças, zagaiais, escudos e punhais estava exposta como troféus. O negócio desse camarada era fabricar tijolos — conforme me disseram; embora não houvesse sequer um caco de tijolo em toda a estação apesar de ele estar ali há mais de um ano, esperando. Eu não sabia exatamente, mas parecia que lhe faltava algo para fabricar os tijolos — palha, talvez. De qualquer maneira, esse elemento que faltava pelo jeito não existia por ali e era improvável que o enviassem da Europa. Não estava claro para mim o que ele esperava. Alguma providência divina, talvez. Contudo, todos esperavam — todos aqueles quinze ou vinte peregrinos — por algo. Juro que à primeira vista aquilo não

parecia uma atividade desagradável, em razão da maneira como eles encaravam a situação, embora só o que chegasse a eles fossem doenças — até onde eu sabia. Gastavam seu tempo entre fofocas e intrigas patéticas. Havia um ar conspiratório na estação, mas nada acontecia, é claro. Tudo era surreal, desde a grande justificativa filantrópica, suas conversas, seus mandatários, o resultado de seu trabalho. A única coisa real era o desejo de serem nomeados para um posto comercial onde houvesse marfim para que ganhassem suas comissões. Eles se acusavam, se difamavam e se odiavam apenas por isso. Mas na hora de mexerem um dedo sequer... ah, não. Pelos céus! Afinal, existe algo no mundo que permite que um homem roube um cavalo só porque outro não pode sequer olhar para o cabresto. Roube logo um cavalo. Muito bem. Conseguiu. Talvez saiba cavalgar. Mas determinado modo de olhar para um cabresto pode incitar até o mais bondoso dos santos a dar um pontapé no ladrão.

“Eu não sabia por que ele queria socializar. Conversamos ali até que repentinamente me ocorreu que aquele homem tinha alguma intenção oculta. Na verdade, extrair informações. Citava a Europa constantemente, mencionava pessoas que talvez eu conhecesse por lá, insinuava perguntas sobre meus conhecidos na cidade sepulcral e assim por diante. Seus pequenos olhos faiscavam como flocos de mica, curiosos,

embora tentasse manter um ar de desdém. Primeiro, fiquei impressionado. Em seguida, extremamente curioso para saber o que ele esperava tirar de mim. Eu não tinha nenhuma informação que valesse tal esforço. Era interessante ver como ele tentava de todas as maneiras, mas meu corpo era só calafrios e minha mente só pensava naquele miserável vapor. Era evidente que ele me tomava por um corrupto sem escrúpulos. Enfim se irritou e, para disfarçar sua grande raiva com um gesto, ele bocejou. Levantei-me. Então notei um esboço a óleo em uma moldura, representando uma mulher vendada envolta em tecidos e com uma tocha acesa nas mãos. O cenário era sombrio, quase negro. A postura da mulher era majestosa e a luz da chama sobre seu rosto era sinistra.

“Fiquei imerso na tela e ele educadamente se pôs ao meu lado segurando a pequena garrafa de *champagne* (recomendações médicas) que servia de candelabro para a vela. Me respondeu que o sr. Kurtz a havia pintado, nesta mesma estação, há mais de um ano, enquanto esperava os preparativos para seguir para seu posto comercial. ‘Me conte, eu suplico’, falei. ‘Quem é esse tal sr. Kurtz?’

“‘É o chefe da Estação Avançada’, respondeu em voz baixa e desviando o olhar. ‘Muito obrigado’, eu disse, gargalhando. ‘E você é oleiro da Estação Central. Disso todos sabemos’. Ele ficou calado por um tempo. ‘Ele é um milagre’,

disse finalmente. ‘É um emissário da compaixão, da ciência e do progresso... e Deus sabe mais o quê. Necessitamos’, começou a declamar sem aviso, ‘de inteligência superior, compreensão e objetividade para nos orientar na tarefa imposta sobre nós pela Europa, por assim dizer’. Perguntei: ‘Quem disse isso?’ Ele respondeu: ‘Muitos. Alguns até já escreveram isso. Então ele veio para cá, uma pessoa especial, como você já deve saber.’ ‘Por que já devo saber?’, interrompi, bastante surpreso. Ele não deu atenção. ‘Sim. Hoje ele é o chefe da melhor estação, ano que vem será subgerente e em mais dois anos... arrisco dizer que já sabe o que ele será daqui a dois anos. Você é da turma nova, a turma da virtude. A mesma gente que o escolheu para vir também recomendou você. Ah, não diga que não. Confio nos meus olhos’. Tudo ficou claro. Os amigos influentes de minha querida tia produziram esse efeito inesperado sobre esse jovem. Quase caí na gargalhada. Perguntei: ‘Você lê a correspondência confidencial da Companhia?’ Ele não abriu a boca. Foi muito divertido. ‘Quando o sr. Kurtz’, continuei, severo, ‘for o gerente-geral, será tarde demais para você’.

“Ele apagou a vela imediatamente e fomos para fora. A lua havia subido. Silhuetas negras caminhavam apáticas por ali, despejando água nas brasas e produzindo um chiado. O vapor subia ao luar e o negro espancado gemia ao longe. ‘Esse

selvagem é barulhento!’ disse o incansável homem de bigode, surgindo próximo a nós. ‘Bem-feito. Transgressão, castigo. Pá! Implacável, implacável. Só tem um jeito. Isso previne mais confusão no futuro. Acabei de dizer ao gerente...’. Ele notou minha presença e imediatamente se conteve. ‘Ainda não fui pra cama’, disse com certo ar servil. ‘É tão normal. Rá! Perigo, agitação.’ Fui para a margem e o outro me seguiu. Ouvi um murmúrio sarcástico em meu ouvido: ‘Bando de trastes. Imprestáveis’. Grupos de peregrinos gesticulavam e discutiam. Vários ainda seguravam seus cajados. Aposto que até dormem com eles. Do outro lado da cerca a floresta se mantinha fantasmagórica sob a luz da lua e, entre aquela suave movimentação e os sons discretos no pátio em ruínas, o silêncio da vastidão era capaz de envolver qualquer coração. Seu mistério, sua imensidão, a impressionante realidade de sua vida secreta. O negro ferido gemia baixo por ali até que deu um profundo suspiro que me fez apertar o passo para longe. Senti uma mão segurar meu braço por trás. ‘Meu caro’, disse o rapaz, ‘não quero que me entenda mal, principalmente porque se encontrará com o sr. Kurtz muito antes que eu. Não quero que ele tenha uma falsa ideia das minhas intenções...’

“Deixei que aquele Mefistófeles⁵ de *papier mâché* prosseguisse. Parecia que se eu tentasse, poderia atravessá-lo com meu dedo e não encontraria nada dentro além de, talvez, um pouco de poeira. Percebem, ele planejava ser o subgerente há tempos, ainda na gestão atual. Era evidente que a chegada de Kurtz havia irritado bastante a ambos. Ele falou apressadamente e não tentei impedi-lo. Apoiei meus ombros contra a carcaça de meu vapor, que agora repousava sobre a várzea como os restos de um grande animal fluvial. O cheiro de lodo, lodo primordial, por Júpiter!, estava em minhas narinas e a completa inércia primitiva da floresta à minha frente. Havia trechos cintilantes nas corredeiras negras. A lua havia espalhado uma fina camada de prata sobre tudo; sobre o capim, sobre o lodo, nas muralhas vegetais mais altas que templos, sobre o grande rio faiscante que eu via entre as frestas sombrias, cintilante e fluindo bojudado sem um ruído sequer. Tudo era grandioso, iminente e silencioso enquanto os homens se digladiavam entre si. Me perguntei se o marasmo diante da imensidão que nos perscrutava era um chamado ou uma ameaça. Quem éramos nós, perdidos naquele lugar?

5 Mefistófeles, ou Mefisto, é um demônio presente na lenda *Fausto*, a qual narra a história de um necromante e mago alemão, Johann Georg Faust, que vende sua alma ao diabo em troca de conhecimento e poder.

Seria possível realizar aquela idiotice ou ela nos dominaria? Senti a grandiosidade, a extraordinária grandiosidade daquela coisa que não podia falar e que, talvez, também não pudesse ouvir. O que havia naquele lugar? Pouco marfim vinha dali e me contaram que o sr. Kurtz estava lá. Ouvi o bastante disso tudo, Deus sabe o quanto! Mesmo assim, inexplicavelmente, aquilo não me trazia nenhuma imagem à mente... pelo menos nada diferente do que se tivessem dito que havia um anjo ou um demônio ali. Eu acreditava naquilo como qualquer um acreditaria que existe vida em Marte. Uma vez conheci um marinheiro escocês que tinha absoluta certeza de que o planeta Marte era habitado. Se perguntasse a ele se tinha alguma ideia de como eram ou o que faziam, ele se retraía e resmungava algo como ‘andam de quatro’. Se você risse, ele te chamaria para a briga — embora fosse um homem de sessenta anos. Eu não chegaria ao ponto de brigar por Kurtz, mas quase menti por ele. Todos sabem que eu odeio, detesto e não suporto mentiras. Não porque eu seja melhor que os outros, mas simplesmente porque elas me assustam. Há uma sugestão de morte, um aroma de decomposição nas mentiras — que é exatamente o que odeio e detesto neste mundo —, do qual quero me distanciar. Me sinto péssimo e enojado, como quando comemos algo apodrecido. É do meu temperamento, acho. Bem, me arrisquei a deixar que

o jovem inocente acreditasse no que quisesse sobre minhas influências na Europa. Por um momento me tornei uma fraude como o resto dos outros peregrinos enfeitiçados. Agi assim simplesmente por acreditar que de alguma forma aquilo ajudaria Kurtz, que eu sequer havia conhecido, entende? Ele não passava de uma palavra para mim. Eu não enxergava a pessoa naquele nome mais do que vocês o enxergam agora. Vocês o enxergam? Enxergam a história? Alguma visão? Parece que estou tentando contar um sonho para vocês, uma tentativa vã, pois o relato do sonho não faz jus à sensação real, o misto de absurdo e surpresa que liberam um frêmito de revolta, a sensação de ser capturado pela incredulidade, que é exatamente a essência dos sonhos...”

Ele ficou em silêncio por um tempo.

— Não, é impossível. É impossível dar a sensação real de alguma parte da existência de alguém, que é sua verdade, seu significado... de sua essência sutil e profunda. É impossível. Nós vivemos e sonhamos sempre sozinhos...’

Fez outra pausa, como se estivesse refletindo, então continuou:

— Obviamente agora vocês, amigos, entendem melhor do que eu à época. Vocês me enxergam, e me conhecem.

“A escuridão havia ficado tão densa que nós, os ouvintes, mal podíamos nos enxergar. Por um bom tempo ele

já estava mais afastado e se tornara somente uma voz para nós. Nenhum de nós abria a boca. Os outros deveriam estar dormindo, mas eu estava acordado. Ouvi e ouvi cada frase, cada palavra, esperando pela sugestão do leve desconforto causado por essa história que parecia se formar livre de lábios humanos no ar noturno e pesado do rio.

“Sim, eu o deixei prosseguir”, Marlow começou. “Eu deixei que pensasse o que quisesse sobre os poderes que me protegiam. Foi o que eu fiz! Mas não havia nada por trás de mim! Nada além daquele vapor miserável, velho e destroçado no qual estava encostado enquanto conversava sobre ‘a necessidade que todos temos de seguir adiante’. ‘Pois quando alguém vem para cá, como sabe, não é para admirar a lua.’ O sr. Kurtz era um ‘gênio universal’, mas mesmo os gênios prefeririam trabalhar com as ‘ferramentas adequadas — pelo menos os inteligentes’. Ele não fazia tijolos porque, oras, havia um impedimento físico, como eu bem sabia. E se ele fazia trabalho de escritório para o gerente era porque ‘nenhum homem sensato se recusa conscientemente a frustrar seus superiores’. Entenderam? Eu entendi. O que mais eu queria? O que eu mais queria eram rebites, céus! Rebites. Para continuar meu trabalho e fechar aquele buraco. Eu queria rebites. Havia caixas de rebites na costa. Caixas. Empilhadas. Lotadas. Só abrir! A cada dois passos você pisava em um rebite no pátio

daquela estação na encosta. Rebites rolavam para o bosque da morte. Bastava se abaixar e encher os bolsos de rebites... e não havia sequer um deles onde mais eram necessários. Tínhamos placas que seriam úteis, mas nada para fixá-las. E toda semana o mensageiro, um negro alto com seu malote a tiracolo e um cajado nas mãos, deixava a estação rumo à costa. Várias vezes na semana uma caravana vinha da costa para vender bugigangas: tecidos de mau gosto, contas de vidro que valiam um centavo o quilo, lenços de algodão horrorosos. Nada de rebites. Três carregadores bastariam para trazer o necessário para consertar o casco do vapor.

“Ele assumiu um tom confidencial, mas imagino que minha atitude distante finalmente deve tê-lo irritado, pois julgou necessário me informar que não temia nem deus, nem o diabo, muito menos um homem. Eu disse que isso era muito perceptível, mas o que eu queria mesmo era uma certa quantidade de rebites... rebites era o que o sr. Kurtz também queria muito, mas ainda não sabia disso. Cartas eram enviadas para a costa toda semana: ‘Caro senhor’, ele gritava, ‘eu escrevo ditando’. Eu pedia rebites. Devia haver algum jeito — para um homem inteligente. Ele mudou seu comportamento, tornou-se muito frio e repentinamente começou a falar sobre um hipopótamo. Quis saber se eu me incomodava em dormir no vapor (eu ficava nos destroços

dia e noite). Havia um velho hipopótamo que tinha o mau hábito de sair do rio e perambular à noite pela estação. Os peregrinos vinham e descarregavam nele todas as balas dos rifles que tinham à mão. Alguns até faziam vigílias noturnas à sua espera. Porém, toda essa energia era em vão. ‘Aquele animal é encantado’, ele disse. ‘Só se pode dizer isso sobre as feras daqui. Nenhuma pessoa — entende? —, ninguém aqui é protegido por feitiços.’ Ele se levantou por um momento sob o luar com seu delicado nariz curvado e meio torto. Seus olhos de malacacheta brilhavam sem piscar e então, com um breve ‘boa noite’, ele se afastou. Percebi que estava irritado e muito confuso, o que me despertou certa esperança depois dos últimos dias. Foi muito agradável trocar aquele sujeito por meu influente amigo, o castigado, amassado e retorcido vapor de lata. Subi a bordo. Ele rangeu sob meus pés como uma lata vazia de biscoitos Huntley & Palmer na sarjeta. Não era muito robusto e muito menos tinha um projeto arrojado, mas o trabalho duro que já tinha dedicado a ele despertavam o meu amor. Nenhum amigo influente teria me servido melhor. Ele havia me proporcionado a chance de me soltar — descobrir do que eu era capaz. Não, eu não gosto de trabalhar. Prefiro vadiar e pensar nas coisas boas que podem ser feitas. Não gosto de trabalhar — nenhum homem gosta —, mas gosto do que está sendo realizado: a chance de

se descobrir. Nenhuma pessoa pode entender — nem nós nem os outros — qual é a nossa realidade. Elas só podem ver o que é visível, mas é impossível dizer o que significa.

“Não me surpreendi quando vi uma pessoa sentada na popa com as pernas balançando sobre o lodo. Eu havia ficado muito amigo dos poucos mecânicos da estação, que naturalmente eram desprezados pelos peregrinos — por serem menos educados, eu suponho. Aquele era o chefe, antigo construtor de caldeiras. Era um ótimo funcionário. Seu aspecto era esguio, ossudo, rosto pálido e olhos grandes e intensos. Tinha uma expressão preocupada e era careca como a palma de sua mão. Parecia que seus cabelos haviam grudado em sua face quando caíram, prosperando em um novo território, pois sua barba se estendia até o umbigo. Era viúvo, pai de seis (que ele deixara sob os cuidados de uma irmã), e sua maior paixão eram as competições com pombos. Ele era um entusiasta e profundo conhecedor. Os pombos o deixavam animado. Depois de um dia de trabalho, às vezes saía de sua cabana para falar de seus filhos e seus pombos. No trabalho, quando precisava se arrastar no lodo debaixo do casco do vapor, costumava amarrar aquela barba em uma espécie de guardanapo que trazia para esse fim. Tinha argolas para prender nas orelhas. À noite, às vezes o víamos

agachado na praia enxaguando cuidadosamente seu pano, depois o estendia solenemente sobre um arbusto para secar.

“Dei um tapa em suas costas e gritei: ‘Teremos rebites!’ Ficou em pé com um salto e exclamou: ‘Não! Rebites?!’, como se não acreditasse no que ouviu. Então, em voz baixa: ‘Você... hã?’ Não sei por que agíamos como malucos. Coloquei meu dedo do lado de meu nariz e concordei com a cabeça. ‘Que beleza!’, ele gritou, repicando os dedos acima de sua cabeça e ficando em um pé só. Simulei passos de dança. Saltitamos no deque de ferro. O casco fez um ruído medonho e a floresta virgem do outro lado da margem da enseada ecoou de volta como um trovejar sobre a estação que repousava. Deve ter feito alguns dos peregrinos se sentarem em suas camas. Um vulto apareceu contra a luz da porta da cabana do gerente, depois sumiu e então, em seguida, a própria porta desapareceu. Nós paramos e o silêncio interrompido por nossa algazarra dançante se espalhou novamente por toda a terra firme. A grande muralha de vegetação, uma massa exuberante e emaranhada de troncos, galhos, tocos e cipós, imóveis sob o luar, parecia uma rude invasão de vida silenciosa, um vagalhão feito de plantas, gigantesco, espumante, pronto para quebrar sobre a enseada e varrer todos os homenzinhos de sua pífia existência. Mas a onda não se movia. Jorros abafados como grandes espirros e resfôlegos

vinham de longe e davam a impressão de que um ictiossauro se banhava entre os reflexos de luz do grande rio. ‘Na verdade’, disse o caldeireiro em um tom decidido, ‘não faz sentido não termos os rebites’. Ora, não mesmo! Eu não podia pensar em um bom motivo para não tê-los. ‘Chegarão em três semana’, eu disse, confiante.

“Mas não chegaram. Em vez de rebites sofreremos uma invasão, sofrimento e o castigo divino. Chegou aos poucos ao longo das próximas três semanas, cada bocado era anunciado por um burro que trazia um homem branco em roupas novas e sapatos caramelo, saudando os peregrinos de ambos os lados para impressioná-los. Uma fila de negros revoltados, com os pés feridos, vinha logo atrás. Muitas tendas, banquetas, latas, caixas brancas e fardos marrons eram descarregados no pátio, e o ar de mistério se intensificava ainda mais na balbúrdia da estação. Mandaram cinco carregamentos como esse, com uma inigmática aura de fuga desordenada após um saque de diversas lojas de roupas e armazéns que, até segunda impressão, pareciam trazidos para a floresta após o roubo para serem divididos igualitariamente. Era uma amálgama de coisas interessantes por si mesmas, mas cuja demência humana fazia parecer os espólios de um assalto.

“Esse devotado bando autointitulado Expedição Exploratória Eldorado parecia ter algum pacto secreto. Contudo,

sua conversa era como a de corsários: provocadora sem hombridade, egoísta sem audácia e cruel sem coragem. Não havia sequer um átomo de sugestão ou intenção em toda aquela turma de que aquelas coisas eram necessárias para o funcionamento do mundo. Arrancar os tesouros das entranhas da terra era seu único desejo. Sua razão moral por trás disso não era diferente da de um ladrão que arromba um cofre. Não sei dizer quem pagou as despesas daquela nobre empreitada, mas o líder desse bando era tio do gerente.

“Visto de longe lembrava um açougueiro de um bairro pobre, com um olhar esperto e preguiçoso. Ostentava sua pança sobre pernas curtas. Enquanto sua gangue infestava toda a estação, conversava apenas com seu sobrinho. Os dois perambulavam juntos o dia todo com as cabeças coladas em uma confabulação eterna.

“Acabei desistindo de me preocupar com os rebites. A tolerância de um homem para esse tipo de loucura é mais limitada do que se pode imaginar. Pensei ‘Que se dane!’ e larguei de mão. Eu tinha tempo de sobra para meditar e de vez em quando dedicava meus pensamentos ao Kurtz. Não que estivesse muito interessado nele, não. Mas estava curioso para ver como esse homem, que havia aparecido por lá com certas ideias morais, chegaria ao auge e como continuaria seu trabalho a partir de então.”

II

“ Certa noite, estirado sobre o convés do meu vapor, ouvi vozes se aproximando. Eram o sobrinho e o tio que caminhavam pela margem. Repousei a cabeça novamente sobre o meu braço e voltei a cochilar, até que alguém falou, como se estivesse ao meu lado: ‘Sou inofensivo como uma criancinha, mas não gosto que me digam o que fazer. Afinal, eu sou o chefe ou não sou? As ordens que recebi foram para que eu o mandasse para lá. É inacreditável’. Percebi que os dois conversavam na margem ao lado da proa do vapor, bem abaixo de mim. Não me movi, nem me passou pela cabeça me mexer. Ainda estava sonolento. ‘É desagradável’, grunhiu o tio. ‘Ele pediu à administração para ser mandado para lá’, disse o outro, ‘para mostrar do que é capaz. Eles apenas me comunicaram. Imagine a influência que esse homem deve ter. É de meter medo’. Ambos concordaram que era temerário, então fizeram várias observações bizarras: ‘Faça chuva o faça sol — um homem — o Conselho — na marra’. Os trechos de frases sem sentido espantaram minha preguiça. Meus sentidos estavam despertos o bastante quando o tio disse: ‘Talvez o clima resolva esse incômodo para você. Ele está sozinho lá?’, ‘Sim’, respondeu o gerente. ‘Ele mandou

seu assistente rio abaixo com um bilhete para mim dizendo assim: *Chispe com esse pobre diabo daqui e por favor não mande mais dessa gente para cá. Prefiro estar sozinho a ter esse tipo de pessoa por perto.* Isso aconteceu há mais de um ano. Veja só que indelicadeza!', 'E depois disso?', perguntou o outro com a voz rouca. 'Marfim', arrepiou-se o sobrinho. 'Muito marfim. De primeira. Muito. Desagradável. Tudo vindo dele.' 'E então?', perguntou o grandalhão. 'Fatura', disparou o outro diretamente. Então, silêncio. Falavam de Kurtz.

"A essa altura eu já estava completamente desperto, mas continuava deitado e imóvel, sem a menor intenção de me mexer. 'Como é que o marfim chegou até aqui?', grunhiu o mais velho, bastante alterado. O outro explicou que a entrega fora feita por uma frota de canoas chefiada por um mestiço inglês que trabalhava com Kurtz, e que Kurtz, aparentemente, os acompanhara pessoalmente até certo ponto. Na época, seu posto necessitava de provisões e, depois de quase quinhentos quilômetros, ele repentinamente decidiu dar meia-volta sozinho em uma canoa com quatro remadores, deixando o mestiço descer o rio com o marfim. Os dois amigos pareciam impressionados por alguém ter feito algo assim. Não faziam ideia das razões que levavam alguém a fazer aquilo. Nesse momento, pela primeira vez imaginei a figura de Kurtz. Foi um lampejo claro: a canoa, quatro nativos remadores

e o branco solitário repentinamente dando as costas para o quartel-general, para seu regresso ao lar, para a possibilidade de voltar para casa... é provável que tenha se afeiçoado às profundezas da vastidão e de seu posto vazio e desolado. Não sei qual o motivo. Talvez ele simplesmente fosse um camarada correto e dedicado ao seu próprio trabalho. Seu nome, vejam bem, não fora pronunciado sequer uma vez. Era chamado de 'aquele sujeito'. O mestiço, que, até onde entendi, havia realizado a árdua viagem com muito cuidado e coragem, era sempre chamado de 'cafajeste'. O 'cafajeste' havia relatado que o 'sujeito' tinha ficado muito doente e não havia se recuperado completamente... Os dois se afastaram alguns passos e passaram a caminhar em círculos a alguns metros dali. Em razão da distância ter se tornado maior, ouvi apenas coisas como: 'posto militar... médico... mais de trezentos quilômetros... completamente sozinho... atrasos inevitáveis... nove meses... sem notícias... boatos sinistros'. Voltaram a se aproximar e ouvi o chefe dizer: 'Até onde eu sei, não passa de um tipo de mascate... uma pessoa nojenta, tirando o marfim dos nativos'. De quem estariam falando agora? Deduzi que era alguém do território de Kurtz, algum desafeto do gerente. 'A competição desleal continuará enquanto algum deles não for enforcado como exemplo', ele disse. 'Concordo', grunhiu o outro. 'Mande enforcar! Por

que não? Neste lugar tudo, absolutamente tudo pode ser feito. Eu sempre digo: já que não tem ninguém aqui... Não há ninguém aqui que arrisque seu emprego. Sabe por quê? Porque se você aguentar o calor, os outros morrem antes. O perigo está na Europa, mas antes de sair de lá também tomei minhas providências'. Afastaram-se cochichando até que suas vozes se ergueram novamente. 'A inacreditável sequência de atrasos não é culpa minha. Fiz o que pude.' 'É uma tristeza', o gordo suspirou. 'E aquela conversa nojenta dele', continuou o outro, 'me deixou muito irritado quando estive aqui. Toda estação deveria ser como um farol na estrada que leva a um mundo melhor, um polo comercial, obviamente, mas também com a função de humanizar, aprimorar e instruir. Agora veja aquele asno! Quer ser gerente, não é?', então se engasgou por sua indignação excessiva. Até levantei um pouco minha cabeça. Fiquei surpreso com sua proximidade, exatamente abaixo de mim. Eu poderia cuspir na aba daquele chapéu. Eles olhavam para o chão, perdidos em pensamentos. O gerente batucava em sua perna com um graveto: seu esperto parente levantou a cabeça. 'Você está bem desde que chegou desta vez?', ele perguntou. O outro se aprumou. 'Quem? Eu? Ah! Maravilha... tudo bem. Mas os outros... ai, céus! Todos doentes. Morrem como moscas e sequer tenho tempo de mandá-los para casa. É inacreditável!' 'Entendo.

Certo’, rosnou o tio. ‘Ah! Meu filho, é a pura verdade... sério, acredite’, e esticou seu bracinho gordo apontando a selva, a enseada, o lodo e o rio... me pareceu um floreio desrespeitoso com a face ensolarada da terra, um apelo traiçoeiro à morte que ali espreitava, o mal encoberto, a profunda escuridão que habitava aquele recanto. Foi tão impactante que saltei sobre meus pés e olhei para a borda da floresta atrás de mim, como se eu esperasse algum tipo de resposta àquela demonstração obscura de confiança. São coisas tolas que às vezes se abatem sobre nós. O grande silêncio confrontou aquelas duas figuras com sua terrível paciência, aguardando a passagem daquela intromissão bizarra.

“Praguejaram em voz alta, mas tive a impressão de que aquilo era medo puro. Então, sem desconfiar da minha existência, encaminharam-se para a estação. O sol estava baixo. Suas sombras ridículas, de tamanhos tão diferentes, pareciam se arrastar dolorosamente colina acima sobre o capim alto sem tocar em uma única folha.

“Poucos dias depois a Expedição Eldorado se embrenhou na paciente vastidão, que se fechou sobre ela como o mar engole um mergulhador. Um bom tempo depois chegou a notícia de que todos os burros tinham morrido. Não sei do destino dos outros animais menos valiosos. Sem dúvida, como o resto de nós, tiveram o que mereceram. Nem perguntei a

ninguém. Eu estava muito empolgado com a possibilidade de encontrar Kurtz em breve. Quando digo ‘em breve’ é uma forma de comparação. Somente dois meses após partirmos da enseada chegaríamos à margem próxima ao posto de Kurtz.

“Subir aquele rio era como voltar aos primórdios do mundo, quando a vegetação dominava a terra e as grandes árvores reinavam. Um rio vazio, um grande silêncio, uma floresta impenetrável. O ar era quente, úmido, pesado e lento. O brilho do sol não causava nenhuma alegria. As longas distâncias fluviais não tinham fim, desertas, rumo à escuridão sombria. Hipopótamos e crocodilos tomavam sol lado a lado nas margens de areia prateada. Os vastos volumes de água fluíam entre uma miríade de ilhas vegetais. Era possível se perder naquele rio como em um deserto, buscando a entrada do canal, raspando o fundo dos barcos em bancos de areia, até entrarmos em um transe e sermos separados de tudo o que um dia nos fora familiar — em algum lugar muito distante, talvez em outra vida. Por fim, nosso passado retorna. Às vezes, isso ocorre quando não temos um momento a sós. Ele ressurge na forma de um sonho agitado e barulhento, repleto de fantasias produzidas pela realidade opressora daquele estranho mundo botânico, aquático e silencioso. A calma da vida nem de longe remetia à paz. Era a calma de uma força implacável que incubava alguma motivação inescrutável. Nos

fitava com um ar vingativo. Depois de um tempo, acabei me acostumando e não a sentia mais. Eu não tinha tempo para isso. Eu precisava adivinhar a todo momento as manobras do canal. Era preciso discernir, quase que por inspiração, os sinais dos bancos de areia submersos. Eu procurava por pedras no fundo do rio, aprendia a cerrar meus dentes rapidamente antes que meu coração saísse voando quando passávamos raspando por um tronco oculto que poderia rasgar a lataria do vapor e afogar todos os viajantes. Eu também precisava procurar os sinais de mata seca que poderíamos cortar para alimentar o vapor no dia seguinte. Quando precisamos nos atentar para coisas assim, os tímidos incidentes da superfície, da realidade — e ela própria, acreditem — desaparecem. A verdade essencial se oculta — ainda bem, ainda bem. Mas mesmo assim eu podia senti-la. Era como se sua misteriosa quietude observasse minhas trapalhadas, como também observa vocês em seus trabalhos miseráveis, em troca de... como dizem? Um salário de fome?”

— Seja mais educado, Marlow — rosnou uma voz e assim eu descobri que havia outro ouvinte além de mim.

— Desculpe-me. Eu sei bem que o trabalho não é nada fácil. Mas mesmo sendo difícil, os senhores o fazem muito bem. Eu também não me saí mal, pois consegui manter o vapor à tona em minha primeira viagem. Ainda me espanto

com isso. Imagine um homem vendado guiando uma caruagem em uma estrada esburacada. Eu suava e tremia sem parar, isso eu garanto. Afinal, para um marujo, roçar o fundo de algo que deve manter boiando é um pecado imperdoável. Talvez ninguém mais saiba, mas aquele baque surdo nunca abandona nossa memória, não é? É um golpe direto no coração. Você se lembra, sonha, acorda no meio da noite e pensa naquilo — mesmo muitos anos mais tarde — e fica todo suado e com frio. Não vou mentir que o vapor se manteve sempre flutuando. Mais de uma vez precisei que vinte canibais o arrastassem pelo leito com água pela cintura. Tínhamos contratado alguns quando formamos a tripulação. Grandes parceiros, esses canibais, quando em seus devidos lugares. Eram homens de confiança para o trabalho e sou muito grato a todos. Além disso, eles não comiam uns aos outros na frente do resto: levaram consigo mantimentos de carne de hipopótamo que acabou apodrecendo e fez o mistério da vastidão feder sob o meu nariz. Argh! Ainda posso sentir o cheiro. O gerente e três ou quatro peregrinos com seus cajados estavam a bordo, todos inteiros. Às vezes passávamos por um posto próximo à margem, pendurado nas fronteiras do desconhecido. Os brancos saíam correndo de seus barracos em ruínas gesticulando, alegres e surpresos, dando boas-vindas, mas pareciam muito estranhos, como

se estivessem aprisionados ali por algum feitiço. A palavra 'marfim' permeava o ambiente por algum tempo e logo seguíamos em frente em silêncio, pelos trechos inabitados, contornando curvas, por entre as altas muralhas verdes de nosso caminho tortuoso, fazendo reverberar as pancadas secas de nossa roda de pás. Árvores, árvores, milhões de árvores, enormes, imensas, até o alto. Aos seus pés, abraçando a margem contra a correnteza, rastejava o pequeno vapor, sujo de fuligem, negro como um frágil besouro atravessando a soleira de um imenso portal. Aquilo nos fazia sentir insignificantes, completamente perdidos e ainda assim aquele sentimento não era totalmente depressivo. Afinal, mesmo pequeno, o besourinho enegrecido continuava a rastejar — o que é exatamente o que se espera que ele faça. Para onde os peregrinos imaginavam que ele rastejava, eu não sei. Talvez para algum lugar onde acreditavam existir alguma coisa. Aposto que sim! Para mim ele rastejava na direção de Kurtz. Nada mais. Mas quando apareceram furos nos dutos e a fumaça vazar para os lados, passamos a rastejar mais devagar. A vastidão se abria diante e se fechava atrás de nós como se a floresta se colocasse caprichosamente sobre a água, bloqueando o caminho de nosso retorno. Penetramos ainda mais e mais no coração das trevas. Tudo era absolutamente silencioso. Às vezes, na calada da noite, ouvia-se o som de

tambores por trás da cortina de árvores rio acima que continuavam, débeis, como se flutuassem sobre nossas cabeças até o primeiro raio de sol. Nunca saberei se aquilo eram sons de guerra, paz ou cerimônias religiosas. As alvoradas eram anunciadas por uma calmaria fria vinda de cima. Os lenhadores dormiam, as fogueiras fumegavam, o estalar de um graveto bastava para um sobressalto. Éramos pioneiros em um planeta pré-histórico, uma terra com o aspecto de um mundo desconhecido. Podíamos nos imaginar como os primeiros homens a conquistar uma herança maldita, a ser subjugada ao preço de uma profunda angústia e um labor imenso. Mas então, sem aviso, ao contornarmos um cotovelo, nos deparamos com paredes de juncos encimadas por sapê, um ecoar de gritos, uma agitação de braços negros, uma massa de mãos batendo palmas e pés pisando duro no chão, corpos que se remexiam e olhos que se reviravam, todos debaixo de folhagem pesada e imóvel. O vapor labutava vagorosamente à beira desse frenesi negro e inexplicável. O homem das cavernas nos amaldiçoava, nos venerava e nos dava boas-vindas... acreditam? Nossa atenção se desviava dos arredores e pairávamos como espectros, desconfiados e secretamente chocados, assim como homens são ficariam diante de um motim no manicômio. Não conseguíamos entender nada pois estávamos longe demais. Também nos

lembrávamos mais pois viajávamos na noite das primeiras eras, daquelas eras que já se foram e mal deixaram sinais... ou mesmo memórias.

“O lugar parecia extraterrestre. Estávamos acostumados a olhar a forma de um monstro subjugado e acorrentado, mas ali... ali era possível observar a monstruosidade em sua plenitude, livre. Era algo alienígena, e os homens eram... Não, não eram inumanos. Bem, na verdade, isso era o pior de tudo — a mera suspeita de que eram humanos como nós. Era algo que se formava aos poucos em sua mente. Eles urravam e saltavam, rodopiavam e faziam caretas horríveis. Mas o que dava arrepios era justamente a constatação de sua humanidade, similar à nossa, a ideia de um parentesco distante com aquele rebuliço selvagem e frenético. Horrroso. Sim, era extremamente horrroso. Mas se formos homens o bastante, admitiremos intimamente que existe dentro de nós pelo menos um resquício de relação com a terrível franqueza daquele som, uma leve suspeita de que existe um significado no qual — mesmo distantes da noite das primeiras eras — nossa razão se espelha. E por que não? A mente de um homem é capaz de qualquer coisa, pois tudo vive nela, todo o passado e todo o futuro. E, afinal, o que era tudo aquilo? Alegria, medo, tristeza, devoção, coragem, raiva e, quem sabe, verdade? Verdade despida de seu manto

atávico. Que o tolo se escancare e estremeça... o homem tem consciência e pode olhar para aquilo sem sequer piscar. Mas é preciso pelo menos ser tão homem quanto aqueles que estavam na margem. É preciso encarar a verdade com suas próprias verdades... com sua própria força inata. Princípios não servem. Aquisições, roupas, belos trapos... trapos que sairiam voando na primeira sacudida. Não, é preciso uma crença franca. Haveria para mim algum apelo naquela balbúrdia diabólica? Muito bem. Eu reconheço. Eu admito. Mas eu também tenho minha voz e, para o bem ou para o mal, é um discurso que não pode ser silenciado. Obviamente que um tolo, com seu temor profundo e nobres sentimentos, sempre estará seguro. Alguém remungou aí? Se eu desembarquei para festejar e dançar com eles? Bem, não... eu não fui. Nobres sentimentos, alguém diria? Que os nobres sentimentos fossem todos para o diabo! Não havia tempo para aquilo. Eu precisava cuidar de colocar bandagens nas chaminés furadas com tiras de cobertores e alvaiade, isso sim. Precisava cuidar do timão, desviar da galharia e fazer aquela chaleira apoitar de um jeito ou de outro. Eram coisas básicas, tão necessárias que qualquer um entenderia. E, de vez em quando, eu precisava cuidar do selvagem que era foguista. Ele era um espécime melhorado que conseguia acender uma caldeira vertical. Ali estava ele, logo abaixo de mim e, juro,

olhar para ele era tão inspirador quanto olhar para um cão sobre as patas traseiras vestindo bermudas e um chapéu de plumas em uma comédia. Alguns meses de treinamento haviam melhorado muito aquele rapaz. Ele apertava os olhos para ler os medidores de vapor e água com esforço e coragem — seus dentes eram lixados, sua cabeleira era raspada em padrões estranhos e tinha três cicatrizes ornamentais em cada bochecha. Ele deveria estar batendo palmas e pés na praia, mas em vez disso continuava a trabalhar duro, cativo de uma estranha feitiçaria, cada vez mais evoluído em seus conhecimentos. Ele era útil pois havia sido adestrado. Tudo o que ele sabia era que, caso a água desaparecesse daquela coisa transparente, o espírito mau dentro da caldeira ficaria irritado por não ter sua sede atendida e então sua vingança seria terrível. Por isso ele suava e fustigava o fogo e olhava o marcador apreensivo (usava um amuleto improvisado feito de trapos enrolados em seu braço e uma lasca de osso polido do tamanho de um relógio espetado em seu lábio inferior), enquanto as margens cobertas pela selva passavam por nós lentamente, e o ruído seco era deixado para trás em intermináveis quilômetros de silêncio... continuávamos nos arrastando em direção a Kurtz. Mas os feixes de galhos eram grandes e a água era traiçoeiramente rasa. Realmente parecia

que a chaleira encerrava um demônio colérico e por isso nem o foguista nem eu tínhamos tempo a perder com distrações.

“Uns oitenta quilômetros abaixo do posto avançado topamos com uma cabana de junco, um melancólico mastro inclinado com os retalhos irreconhecíveis de alguma bandeira, e uma pilha de lenha cuidadosamente organizada. Ninguém esperava por aquilo. Descemos para a margem e sobre a pilha de lenha encontramos um pedaço de madeira com algo escrito a lápis, já desgastado. Ao decifrá-lo, dizia: ‘Sua madeira. Não demore. Se aproxime com cuidado’. Havia uma assinatura, mas era ilegível — e não era a de Kurtz. Era uma palavra muito mais longa. Não demore? Para onde? Rio acima? ‘Se aproxime com cuidado.’ Era algo que não estávamos fazendo. Mas o aviso não havia sido feito para aquele local, onde só poderia ser lido de perto. Havia acontecido algo mais acima. Mas o quê... quando? Essa era a pergunta. Discutimos sobre a imbecilidade daquele estilo telegráfico. A mata ao redor não dava pista alguma. Também não nos permitia ver muito longe. Uma cortina de sarja vermelha rasgada em uma das portas das cabanas acenava com tristeza para nós. A moradia estava abandonada, mas era claro que brancos viveram ali até há pouco. Deixaram lá uma mesa grosseira — uma tábua sobre duas estacas —, um monte de lixo que repousava em um canto mais distante e até mesmo

um livro, que encontrei perto da porta. Estava sem as capas e suas páginas haviam sido tão manuseadas que ficaram enebadas e amolecidas. Mas a encadernação havia sido refeita cuidadosamente com lã de algodão, que ainda parecia bem limpa. Era um artefato extraordinário. O título era *Uma investigação sobre alguns assuntos náuticos*, de um certo Towser, Towson — algo assim —, comandante da Marinha Real. O texto parecia ser bastante árido, com diagramas ilustrativos e enfadonhas tabelas numéricas. O exemplar tinha sessenta anos de idade. Folheei aquela antiguidade com o máximo de carinho para que não se desmanchasse em minhas mãos. Towson ou Towser discorria com seriedade sobre as qualidades do cordame e das correntes dos navios, entre outros assuntos. Não era um livro com muito apelo, mas à primeira vista se notava sua intenção primordial, uma preocupação sincera com o modo correto de se trabalhar, o que fazia daquelas humildes páginas, escritas tantos anos antes, uma fonte de iluminação além da esfera profissional. O humilde e velho marinheiro, com sua conversa sobre correntes e roldanas, me deu uma deliciosa sensação de ter encontrado algo indubitavelmente real, o que me fez esquecer a selva e os peregrinos. Um livro como aquele era algo incrível, mas ainda mais surpreendente eram as anotações em suas margens, que se referiam diretamente ao texto. Eu

mal podia acreditar! Eram um código! Sim, pareciam ser uma cifra. Imaginem um homem levar um livro dessa natureza para aquele fim de mundo e estudá-lo, fazer anotações em códigos! Era um mistério extravagante.

“Já fazia algum tempo que ouvia um barulho preocupante. Quando levantei meus olhos vi que a pilha de lenha sumira e que o gerente, com a ajuda de todos os peregrinos, gritava para mim da beira do rio. Guardei o livro em meu bolso. Juro a vocês que parar de ler aquilo foi como me arrancar de sob a proteção de uma antiga e sólida amizade.

“Dei partida no motor avariado. ‘Deve ser aquele mascate miserável... o intruso’, exclamou o gerente ao lançar um olhar maldoso para trás, de onde acabávamos de partir. ‘Ele deve ser inglês’, eu disse. ‘Isso não vai salvá-lo de encrencas se não for mais cuidadoso’, resmungou o gerente, soturno. Observei com clara inocência que nenhum homem neste mundo é imune a problemas.

“A correnteza estava mais veloz e o vapor parecia estar em seu último suspiro. A hélice de pás girava lânguida e eu erguia a cabeça na tentativa de ouvir a próxima batida na água. Sendo completamente sincero, eu esperava que aquele traste lamentável parasse a qualquer momento. Era como presenciar os últimos espasmos de uma vida. Mesmo assim continuávamos rastejando. Em alguns momentos, eu

escolhia uma árvore adiante para medir a velocidade de nosso progresso em direção a Kurtz, porém, invariavelmente eu a perdia de vista antes de nos cruzarmos. Manter os olhos fixos em algo por tanto tempo era pedir demais da paciência humana. O gerente demonstrava uma bela resignação. Eu me afobava, me irritava e me pegava falando sozinho se devia ou não ser sincero com Kurtz. Antes que eu chegasse a uma conclusão, me ocorreu que tanto o discurso como o silêncio — e na verdade, qualquer ação de minha parte — não passariam de mera futilidade. De que importava o que todos sabiam ou ignoravam? O que importava quem seria o gerente? Às vezes, a clareza se abate sobre nós. A essência desse assunto repousava nas profundezas, inalcançável para meu poder de dedução.

“Ao cair da noite do segundo dia calculamos estar cerca de treze quilômetros do posto de Kurtz. Eu queria acelerar, mas o gerente pareceu preocupado e me disse que navegar por ali era tão perigoso que seria aconselhável esperar até a manhã do dia seguinte, pois o sol já estava muito baixo. Além disso, considerou que se o protocolo de uma aproximação cautelosa fosse seguido, deveríamos chegar à luz do dia... não no crepúsculo ou no escuro. Fazia muito sentido. Treze quilômetros significavam para nós quase três horas de vapor e eu também percebi ondulações suspeitas no lado

mais alto daquele trecho. No entanto, não pude esconder minha irritação, por mais ilógico que fosse, já que uma noite a mais não faria diferença depois de tantos meses. Tínhamos bastante madeira e a palavra de ordem era cautela. Ancorei no meio da correnteza. Era um remanso estreito, reto, com flancos altos como quando escavam taludes nas ferrovias. A penumbra pairou sobre o lugar bem antes do sol se por. A correnteza passava suave e rápida, mas as margens continuavam imóveis e silenciosas. As árvores, embora vivas, eram uma só com os nós dos cipós e toda a vegetação mais baixa. Era como se tivessem se transformado em rochas, inclusive o mais fino graveto, a menor das folhas. Não que estivessem adormecidas... pareciam estar em outro plano, como em um transe. Não se ouvia nenhum tipo de som. Quem olha maravilhado para aquilo, desconfia se não ficou surdo... então a noite cai repentinamente e também ficamos cegos. Por volta das três da madrugada um grande peixe saltou para a superfície. O som do jorro de água me fez saltar como se tivessem disparado um tiro. Quando o sol se levantou, havia uma neblina branca, morna e pegajosa. Cegava mais que a noite. A névoa não se dissipava nem se movia, apenas se mantinha ali, cobrindo tudo como se fosse algo sólido. Às oito ou talvez nove ela se recolheu para cima feito uma persiana. Imediatamente vislumbramos a opressora multidão

de árvores, a imensa trama da selva, com a pequena esfera brilhante celestial pendendo sobre ela... tudo em perfeita imobilidade. Então baixei a persiana novamente, suave como se suas folhas estivessem enceradas. Já começavam a subir a âncora quando ordenei que a mantivessem no leito. Antes que o ruído abafado da corrente cessasse, um berro, um grito muito alto, de uma melancolia infinita, soou vagarosamente pelo ar sombrio. E cessou. Uma algazarra queixosa, em sintonia com o desafino selvagem, preencheu nossos ouvidos. A completa surpresa da cena fez meus cabelos se arrepiarem sob o chapéu. Não sei como os outros reagiram: para mim parecia que a própria névoa gritava, aquele brado rebelde e triste foi tão inesperado que parecia vir de todos os lados ao mesmo tempo. Culminou em um alarido nervoso, de guinchos quase intoleráveis, que pararam repentinamente. Ficamos todos paralisados em posições ridículas, ouvindo com extrema atenção aquele silêncio opressor. 'Meu bom Deus! O que é isso...?', gaguejou um dos peregrinos logo abaixo de mim. Era um gordinho com cabelo de milho e costeletas ruivas. Vestia uma calça de pijama cor-de-rosa metida nas meias e, nos pés, botas Chelsea. Outros dois permaneceram de boca aberta por mais de um minuto e então correram para a pequena cabana. Voltaram prontamente com olhares assustados e prontos para atirar com

suas Winchesters engatilhadas. Tudo o que víamos era o vapor que nos levava, sua silhueta borrada como se estivesse prestes a se dissolver, e uma tira de água fumacenta, de cerca de meio metro em volta do casco... nada mais. O resto do mundo havia desaparecido, se perguntássemos aos nossos olhos. Simplesmente desaparecido. Sumido, evaporado. Deslizado para longe sem deixar nenhum resquício, uma sombra sequer.

“Fui para a proa e ordenei que recolhessem um pouco da corrente, deixando a âncora pronta para ser içada caso fosse necessário mover o vapor rapidamente. ‘Vão atacar?’, sussurrou uma voz amargurada. ‘Seremos trucidados nesta neblina’, murmurou outro. Os rostos se franziam com a tensão, as mãos tremiam levemente, os olhos se esqueciam de piscar. Era muito curioso ver o contraste entre as expressões dos brancos e dos negros da tripulação, que eram tão estrangeiros quanto nós àquela parte do rio, embora suas casas ficassem a meros treze quilômetros dali. Os brancos, obviamente muito transtornados, guardavam um ar de curiosidade embora completamente chocados com a algazarra escandalosa. Os outros tinham uma expressão naturalmente interessada, mas alertas. Em essência suas faces se mantinham tranquilas, inclusive um ou dois deles sorriram ao puxar a corrente. Vários trocavam frases curtas

e grunhidos que pareciam explicar e tranquilizar a situação. O chefe, um negro jovem e de peito largo, embrulhado em um tecido azul escuro com franjas, narinas bestiais e o cabelo todo modelado em cachos engordurados, chegou-se a mim. ‘Olá!’, eu disse, simplesmente em nome da camaradagem. ‘Pega eles’, ele disparou, arregalando seus olhos avermelhados e deixando à mostra seus dentes afiados à lixa. ‘Pega eles. Dá pra gente.’ ‘Pra vocês, é?’ ‘E o que vocês fariam com eles?’, perguntei. ‘A gente come eles!’ respondeu secamente e apoiou os cotovelos na amurada para fitar a névoa com uma postura profundamente digna e reflexiva. Eu, sem dúvida, teria ficado completamente horrorizado se não me lembrasse de que aqueles homens deviam estar famintos, que sua fome só aumentara, mais e mais, no último mês. Já fazia seis meses que estavam contratados (acho que nenhum deles tinha uma ideia clara da passagem do tempo, assim como nós, que já havíamos passado por incontáveis eras. Eles pertenciam ao início dos tempos... não possuíam a herança da experiência para se localizarem) e, obviamente, enquanto houvesse um pedaço de papel assinado segundo alguma lei ridícula ou outra invenção civilizada, ninguém sequer pensaria na subsistência dessa gente. Haviam trazido sua carne de hipopótamo apodrecida, que não duraria muito tempo, mesmo que os peregrinos, revoltados, não tivessem jogado uma boa parte dela por sobre

a amurada. Poderia parecer uma arrogância, mas na verdade era um caso de legítima defesa. Impossível acordar, dormir e comer respirando hipopótamo podre e ao mesmo tempo continuar firme na luta pela sobrevivência. Além do mais, davam a eles três pedaços de uns vinte centímetros de fio de arame por semana. A ideia era que poderiam usar aquilo como moeda de troca por provisões nas aldeias ribeirinhas. Entendem como a coisa funcionava? Ou não havia aldeias, ou as tribos eram hostis, ou o gerente, que assim como nós só comia enlatados — eventualmente misturando carne de bode velha —, se recusava a parar o vapor por alguma razão estritamente pessoal. Então, caso não comessem o próprio arame, ou os entortassem para fisgar peixes, aquele salário não era de nenhuma utilidade para eles. É preciso dizer que o pagamento era feito com a regularidade que compete a uma grande e honesta companhia comercial. De resto, a única comida disponível — embora sequer parecesse comestível — eram bolos de um tipo de massa meio crua, de um roxo amarronzado, que guardavam embrulhados em folhas. De vez em quando engoliam um pedaço, mas em porções tão pequenas que mais parecia estarem fingindo comer do que propriamente se alimentando. Até hoje não sei qual foi o motivo, em nome de todos os demônios desesperadores da fome, que os impediu de nos atacar — pois eram seis contra

um — e se faltar pelo menos uma vez. Ainda hoje, isso me deixa pasmo só de pensar. Eram todos homens grandes e fortes, sem muita capacidade de prever as consequências, corajosos mesmo com suas peles já não mais lustrosas e seus músculos já não tão tonificados. Entendi que alguma restrição, um daqueles segredos humanos que desafiam a lógica, atuava por ali. Eu os observava com um interesse cada vez maior — não em razão do pavor da possível eminência de ser devorado por eles, embora confesse a vocês que só me dei conta desse risco naquele momento. Sob essa nova luz, digamos, os peregrinos me pareciam insalubres e desejei muito, positivamente, que meu aspecto não fosse tão... como direi? Tão... repulsivo: um toque de vaidade fantástica que se encaixava bem com a sensação onírica que permeava todos os meus dias naquela época. Talvez eu estivesse febril, também. Não se pode viver uma vida inteira medindo o próprio pulso. Às vezes eu tinha uma ‘febrinha’ ou outras coisas leves... eram as amigáveis sondagens da vastidão, seus movimentos preliminares e triviais que antecedem a real carnificina que está por vir. Sim, eu olhava para eles como se fossem seres humanos comuns, a curiosidade de seus impulsos, motivações, capacidades e fraquezas, quando testados contra uma implacável necessidade física. Limites! Qual limite possível? Seria superstição, nojo, paciência,

medo... ou algum tipo de honra primitiva? Nenhum medo é capaz de fazer frente à fome, nenhuma paciência pode cansá-la, o nojo simplesmente não existe onde a fome está e, quanto às superstições, crenças e o que poderíamos chamar de princípios, não passam de um cisco ao vento. Por acaso, vocês conhecem a crueldade da fome inexorável, seu tormento irritante, seus pensamentos negros, sua ferocidade sombria e insistente? Eu conheço. Um homem precisa de toda sua força inata para lutar corretamente contra a fome. É realmente mais fácil enfrentar a privação, a desonra e a perdição da própria alma do que uma fome prolongada. É triste, mas é verdade. Além disso, esses rapazes não tinham razões para qualquer tipo de escrúpulo. Comedimento! Eu esperaria mais comedimento de uma hiena uivando entre os cadáveres de um campo de batalha. Mas a realidade me encarava... uma realidade confusa, nua, como a espuma em alto-mar, como a reverberação de um enigma insondável, um mistério de ordem maior — quando reflito sobre isso — do que a curiosidade, uma nota inexplicável de angústia desesperada em seu clamor selvagem que se abateu sobre nós vindo das margens do rio, por trás da brancura da névoa.

“Dois peregrinos discutiam, aos cochichos, sobre qual seria a margem certa. ‘Esquerda.’ ‘Não, não. Está louco? Direita, direita, é claro.’ ‘É gravíssimo’, disse a voz do gerente

atrás de mim. 'Eu ficaria arrasado se algo acontecesse ao sr. Kurtz antes de chegarmos.' Olhei para ele e não tive dúvidas de que estava sendo sincero. Era exatamente o tipo de pessoa que sempre tentava manter as aparências. Esse era o seu comedimento. Mas quando ele murmurou algo sobre continuar adiante, nem me dei ao trabalho de respondê-lo. Eu sabia, e ele também, que seria impossível. Se subíssemos a âncora, estaríamos absolutamente à deriva... soltos no espaço. Não haveria meios de saber para onde seríamos levados, se rio acima, abaixo ou até encalharmos em uma das margens... e mesmo assim não saberíamos qual delas. Obviamente me mantive estático. Queria evitar uma colisão. Era o pior lugar possível para um naufrágio. Se nos afogaríamos imediatamente ou não era irrelevante, pois de qualquer maneira morreríamos rapidamente. 'Eu o autorizo a arriscar tudo', ele disse após um breve silêncio. 'Eu me recuso a assumir qualquer risco', retruquei. Era exatamente a resposta que ele esperava, embora meu tom talvez o tenha surpreendido. 'Bem, devo concordar com sua decisão. O capitão é você', ele disse com extrema educação. Me volvei rapidamente para ele em sinal de agradecimento e olhei para a névoa. Quanto tempo ainda duraria? Era uma espera das mais desanimadoras. O caminho para aquele tal de Kurtz, o caçador de marfim daquela selva desgraçada, era cercado de tantos perigos que

faziam dele uma bela adormecida em seu fabuloso castelo. ‘Você acha que eles nos atacarão?’, perguntou o gerente em um tom confidencial.

“Não achei que nos atacariam por diversos motivos óbvios. Um deles era a névoa densa. Se partissem da margem em suas canoas acabariam se perdendo nela assim como nós, caso tentássemos nos mover. Além disso, a selva era impenetrável de ambos os lados, embora houvessem olhos nela — olhos que nos observavam. A mata nas margens era certamente espessa, mas a vegetação sob as árvores era evidentemente impenetrável. Contudo, quando o nevoeiro se elevou brevemente, não avistei nenhuma canoa por ali... certamente não em volta do vapor. O que tornava, aos meus olhos, a ideia do ataque inconcebível era a natureza do som, dos gritos que ouvimos. Neles não havia a característica feroz das intenções imediatas de hostilidade. Por mais inesperados, selvagens e violentos, me causaram uma impressão indubitável de tristeza. Por algum motivo a visão do vapor havia despertado naqueles selvagens uma grande angústia. O perigo, se é que havia algum, explico, era nossa proximidade a uma grande e incontrolável comoção humana. Mesmo a mais extrema angústia eventualmente explode em violência... mas é mais comum que tome a forma da apatia.

“Vocês precisavam ver os olhos arregalados dos peregrinos! Não tinham forças para sorrir ou para me xingar. Acho que pensaram que eu havia enlouquecido... de tanto medo, talvez. Fiz meu discurso costumeiro. Meus caros rapazes, não adianta especular. Manter-se alerta? Não pensem vocês que eu vasculhava a névoa para ver se ela desapareceria como um gato observa a um rato, para isso nossos olhos seriam tão úteis como se estivessem enterrados sob quilômetros de algodão. Algo bem semelhante a isso... sufocante, quente, abafado. Na verdade, tudo o que eu disser, por mais absurdo que pareça, será uma descrição absolutamente fiel. O que acabamos definindo como um ataque fora, na verdade, uma tentativa de rechaço. A ação estava longe de ser agressiva, ou mesmo defensiva, no teor da palavra. Foi realizada sob o estresse do desespero e, em essência, puramente protetiva.

“Aconteceu que, acredito que por volta de duas horas depois da névoa se dissipar, já estávamos a dois quilômetros e meio abaixo da estação de Kurtz. Vínhamos patinando e resfolegando em um cotovelo quando avistei uma ilhota. Um simples tufo de grama verde clara no meio da corrente. Era uma visão estranha, mas ao dobrar a curva percebi que na verdade era a ponta de um longo braço de areia, ou melhor, uma sequência de ondulações rasas que iam até o meio do rio. A superfície transparente permitia que todo o

conjunto fosse visto sob a água, exatamente como quando é possível ver a as costelas de alguém debaixo da pele. Pelo que eu pude observar, era possível contornar tanto pela direita como pela esquerda. Obviamente eu não conhecia nenhum dos dois canais. As margens eram muito parecidas e suas profundidades pareciam ser as mesmas. Mas como me informaram que a estação ficava no lado oeste, naturalmente me encaminhei para a passagem ocidental.

“Ao entramos percebi que era um trecho muito mais estreito do que pensava. À nossa esquerda havia um longo e contínuo banco de areia, e à direita uma margem alta e íngreme revestida por fileiras intransponíveis de arbustos e altas árvores. Diversos galhos cobriam o curso do rio e, de um lado a outro, o grande tronco de uma árvore flutuava impávido. Já havia passado bastante do meio-dia, a fachada da floresta estava escura e uma larga faixa de sombra já avançava sobre o rio. Prosseguíamos sobre essa sombra, contra a correnteza, muito vagarosamente, como podem imaginar. Margeei bem rente, pois a água era mais profunda perto do barranco, conforme indicava nossa vara de sondagem.

“Um de meus amigos famintos e pacientes sondava o leito no convés abaixo da ponte de comando. Nosso vapor era exatamente uma balsa com convés. No deque havia dois pequenos castelos de madeira de teca, com portas e janelas.

A caldeira ficava na proa e o maquinário na popa, à direita. Cobrindo tudo havia um telhado leve escorado por vigas. A chaminé se projetava acima desse telhado e diante dela havia uma pequena cabine de tábuas finas que servia de ponte de comando. Ali havia um sofá, duas banquetas de acampamento, uma espingarda Martini-Henry carregada num canto, uma mesinha e o timão. Havia uma porta larga na frente e uma janela de cada lado, com amplas venezianas. Obviamente todas elas ficavam escancaradas. Passava meus dias empoleirado ali, na ponta daquele telhado, em frente à porta. À noite eu dormia — ou tentava — no sofá. Um negro atlético vindo de alguma tribo da costa e educado por meu predecessor era meu timoneiro. Ele usava um par de brincos de arame, um tecido azul enrolado da cintura às canelas, e se achava melhor que os outros. Era o tipo de bruto mais instável que já vi na vida. Ele manobrava com uma empáfia inacreditável quando havia alguém perto. Mas se não houvesse ninguém ali, instantaneamente caía vítima de um pavor odioso e acabava dominado por aquele vapor em pandarecos.

“Eu observava a sonda de cima e me sentia muito irritado em ver que a cada batida a vara afundava menos no rio. De repente, vi meu homem da sonda largar sua tarefa e se deitar estirado no convés, sem sequer se importar em tirar a

vara da água. Ao mesmo tempo, o foguista, que eu também podia ver abaixo de mim, sentou-se abruptamente diante da fornalha e protegeu sua cabeça. Fiquei sem ação. Então me virei rapidamente para o rio, pois havia um tronco de madeira fincado no canal. Gravetos bem pequenos voavam sobre nós, muitos: zuniam diante de nossos narizes, caíam abaixo de mim ou atingiam as paredes da sala de comando. Durante esse tempo todo o rio, as margens e a selva estavam muito silenciosos, perfeitamente quietos. Eu não ouvia nada além do forte bater das pás das rodas na água e o impacto daquelas coisas. Passamos pelo tronco desajeitadamente. Flechas, por Júpiter! Estavam atirando em nós! Corri para fechar a veneziana do lado da margem. O timoneiro farsante segurava as manoplas do timão, dobrava seus joelhos e sapateava, batendo os dentes como um cavalo arriado. Era ridículo! Seguíamos vacilantes a menos de três metros da margem. Tive de me debruçar para fora e puxar a pesada veneziana. Vi um rosto entre as folhas, à minha altura, que me olhava com firmeza e ferocidade. Sem aviso, como se um véu fosse retirado diante de meus olhos, entendi que dentro daquele emaranhado sombrio havia braços, pernas, torsos nus e olhos brilhantes... a mata estava repleta de homens em movimento, reluzindo sua cor bronzeada. Os galhos sacudiam, se curvavam e farfalhavam. As flechas eram atiradas

dali quando a veneziana finalmente se fechou. ‘Mantenha o rumo adiante’, eu disse ao timoneiro. Ele manteve sua cabeça firme e o rosto no horizonte, mas seus olhos se reviravam e ele continuava subindo e descendo seus pés mais suavemente, com um pouco de espuma na boca. ‘Fique quieto!’, gritei furioso. Talvez fosse o mesmo que dizer para uma árvore que não se balançasse com o vento. Disparei para fora. Abaixo de mim havia um tumulto de pés sobre o deque de metal, exortações confusas e uma voz que gritava: ‘Consegue dar meia-volta?’. Avistei uma ondulação em forma de V na água logo adiante. O quê? Outro tronco fincado! Uma saraivada explodiu logo abaixo de mim. Os peregrinos dispararam suas Winchesters, mas apenas mandavam chumbo nas folhagens. Uma nuvem de fumaça subiu e avançou lentamente para a popa. Praguejei contra eles. Agora nem o tronco na água eu podia ver. Fiquei parado no vão da porta, espiando as flechas voando como enxames. Deviam estar envenenadas, embora parecessem completamente inofensivas. A mata começou a uivar. Nossos lenhadores bradaram um grito de guerra. Um rifle disparou atrás de mim e me deixou surdo. Olhei por sobre meu ombro, a ponte de comando continuava repleta de barulho e fumaça e então dei um carreirão até o leme. O negro tolo havia largado tudo para abrir a janela e disparar a Martini-Henry. Ele se posicionou diante da grande janela,

com os olhos arregalados, e eu berrava para que recuasse enquanto corrigia o solavanco inesperado do vapor. Não havia espaço para manobrar mesmo que eu quisesse. O tronco estava em algum lugar próximo naquela fumaceira dos diabos. Não havia tempo a perder, então arremeti contra a margem, onde eu sabia que a água era mais profunda.

“Passamos ralando lentamente os arbustos suspensos entre um turbilhão de galhos que se partiam fazendo revoar as folhas. A saraivada abaixo cessou imediatamente. Como eu havia previsto, a munição chegara ao fim. Joguei minha cabeça para trás quando algo reluzente atravessou a cabine zunindo, entrando por uma veneziana e saindo pela outra. Para além do timoneiro atrapalhado, que tremia com a espingarda vazia e gritava contra a margem, enxerguei vultos de homens correndo curvados, saltando, escorregando, indistintos, incompletos, fantasmagóricos. Algo grande apareceu no ar diante da janela, a espingarda caiu na água e o homem logo recuou, olhou para mim por sobre seus ombros de uma maneira extraordinária, profunda e familiar. Então caiu sobre meus pés. A lateral de seu crânio se chocou contra o timão duas vezes e a ponta do que se parecia com uma longa bengala rolou retinindo até derrubar uma das banquetas de acampamento. Me pareceu que após arrancar aquela coisa de alguém em terra ele perdera seu equilíbrio com o solavanco.

A fina fumaça havia se dissipado, havíamos passado pelo tronco e, ao olhar adiante, via-se que dali a cem metros eu estaria livre para nos afastar da margem. Mas em meus pés senti algo muito quente e úmido e precisei olhar para baixo. O homem havia rolado de barriga para cima e me olhava direto nos olhos. Suas mãos agarravam a tal bengala. Era a ponta de uma lança que, arremessada ou estocada pela janela, o atingira no flanco, logo abaixo das costelas. Não se via a lâmina, fincada em um talho de dar medo. Meus sapatos se encharcaram, uma poça de sangue vermelho-escuro se formou sob o timão, mas já não se espalhava mais. Seus olhos tinham um fulgor indescritível. A saraivada começou novamente. Ele me olhou ansioso, agarrado à lança como se fosse um tesouro, com uma expressão de temor de que eu tentasse tirá-la dele. Precisei me esforçar para me libertar de seu olhar e cuidar da manobra. Com uma mão acima da cabeça busquei o cordão do apito e o puxei apressado, várias vezes. O tumulto ensandecido de gritos de guerra cessou imediatamente e então das profundezas da mata veio um lamento trêmulo e prolongado, de terror e franco desespero, como se fosse o prenúncio da morte da última esperança da face da terra. Seguiu-se uma grande comoção por entre as folhagens. A chuva de flechas parou e alguns poucos tiros agudos soaram. Depois, somente um silêncio cortado pelas

preguiçosas batidas das pás em meus ouvidos. Travei o timão à estibordo exatamente quando o peregrino de pijamas cor-de-rosa, muito suado e aflito, apareceu na porta. ‘O gerente mandou...’ começou em um tom austero e parou logo em seguida. ‘Meu Deus!’, ele disse, encarando o homem ferido.

“Nós dois nos debruçamos sobre ele e seu olhar brilhante e curioso nos tomou de assalto. Me pareceu que nos faria algumas perguntas em uma língua que pudéssemos entender, mas morreu sem emitir som algum, sem nenhum gesto, sem mover um músculo. Somente no último suspiro, como que em resposta a algo que não podia enxergar ou a algum sussurro que não podia ouvir, ele franziu o rosto bruscamente e essa expressão deu à sua negra máscara mortuária uma obscuridade indescritível, chocante e ameaçadora. O brilho do olhar curioso se desvaneceu rapidamente em um aspecto vítreo e distante. ‘Consegue manobrar?’, perguntei ansioso ao agente. Ele pareceu estar em dúvida, mas o puxei pelo braço e ele logo entendeu que eu estava dando uma ordem. Para dizer a verdade, eu estava morbidamente apressado para trocar minhas meias e sapatos. ‘Está morto’, murmurou o rapaz completamente impressionado. ‘Disso não tenho dúvidas’, respondi, desamarrando afobado meus sapatos. ‘E, por sinal, suponho que a essa altura o sr. Kurtz também esteja.’

“Aquela era a minha principal preocupação. Senti um ar de extremo desânimo, como se eu tivesse descoberto que buscava algo completamente etéreo. Não haveria desgosto maior do que percorrer todo aquele caminho pelo único motivo de conhecer o sr. Kurtz e conversar com ele. Joguei um sapato por sobre a amurada e percebi que meu desejo era exatamente esse: conversar com Kurtz. Fiz a estranha descoberta de que nunca o imaginei fazendo outra coisa além de falar. Eu não dizia para mim mesmo ‘agora nunca mais o verei’ ou ‘agora nunca mais o cumprimentarei’, mas sim ‘agora nunca mais o ouvirei’. Aquele homem se apresentava como uma voz. Obviamente eu também o relacionava com alguma espécie de ação. Afinal, haviam me dito com todas as letras da inveja e da admiração que ele havia coletado, negociado, enganado ou roubado mais marfim do que todos os outros agentes juntos. A questão não era essa. A questão era que, por ser uma criatura abençoada, e isso, dentre todos os seus dons era o que mais se destacava, ele produzia uma impressão de presença física, seja por sua habilidade de discursar, por suas palavras... pelo seu dom de se expressar, encantar, iluminar, do mais glorificado ao mais desprezível, um facho de luz pulsante ou um fluxo traiçoeiro vindo do coração intransponível das trevas.

“O outro sapato se encontrou com o deus-diabo daquele rio. Pensei: ‘Por Júpiter! Tudo acabado. Chegamos atrasados. Ele se foi. O iluminado se foi, abatido por alguma lança, flecha ou porrete. Nunca ouvirei uma palavra daquele camarada’. Minha tristeza era acompanhada por uma impressionante emoção extravagante, parecida com a dos lamentos e uivos dos selvagens da selva. Não havia sensação mais desoladora, minhas certezas haviam sido furtadas de mim ou talvez eu tivesse perdido o rumo na vida... Qual o motivo de bufarem como animais? Absurdo? Sim, absurdo. Bom Deus! Será que um homem não pode... Anda, me dê um pouco de tabaco.”

Houve uma pausa profundamente silenciosa, então um fósforo foi riscado e o rosto esguio de Marlow se iluminou, cansado, enrugado, pálpebras caídas e com um aspecto de extrema concentração. Ao dar vigorosas tragadas no cachimbo, parecia que ia e vinha na noite, pulsando de acordo com o brilho da pequena chama. O fósforo se apagou.

— Absurdo! — ele gritou. —Ninguém acreditaria nessa história... E aí estão os senhores, atracados em suas vidas confortáveis como um navio duplamente ancorado. Um açougueiro numa esquina e um policial na outra, boa comida e temperatura amena, como todos sabemos. Tudo tranquilo o ano todo. E então vocês dizem: “que absurdo!”. O absurdo que se dane! Absurdo, caros rapazes? O que esperar de um

homem que por puro nervosismo atira seu par de sapatos sobre a amurada? Pensando nisso agora, é inacreditável que não me desmanchei em lágrimas. Acima de tudo, tenho orgulho de minha força. Minha angústia imediata era ter perdido o inestimável privilégio de ouvir o talentoso Kurtz. É claro! Mas eu estava enganado. O privilégio esperava por mim. Ah, sim, ouvir seria mais do que suficiente. E, também, eu estava certo. Era uma voz. Ele era pouco mais que uma voz. E eu o ouvi — era ele. Era... essa... voz... outras vozes... todas elas tão minimamente maiores do que uma simples voz... e a memória daquela cena ainda me envolve, intangível, como uma vibração em agonia de um incomensurável vozerio, tolo, atroz, sórdido, selvagem ou simplesmente grosseiro, sem qualquer sentido. Vozes, vozes... inclusive a da tal jovem... mas...

Ele ficou em silêncio por um bom tempo.

— Deixei o espectro de seus dons finalmente descansar com uma mentira — ele começou de repente. — Jovem? Quê? Eu disse uma jovem? Não! Ela não faz parte da história, absolutamente. Elas, quero dizer, as mulheres, ficam fora disso. Ou pelo menos deveriam. Devemos ajudá-las a se manterem naquele lindo mundo que é só delas, mesmo que o nosso piore exatamente por essa razão. Ah, ela devia ter ficado de fora disso. Eu podia ouvir o cadáver desenterrado

do sr. Kurtz dizendo: “Minha Prometida”. Nessa hora você perceberia claramente o quanto ela estava deslocada dali. E a grande testa do sr. Kurtz! Dizem que o cabelo às vezes continua crescendo, mas aquele... hã... espécime era de uma calvície impressionante. A natureza havia tocado em sua cabeça e, vejam, era como uma esfera, uma bola de marfim. Ela o havia acariciado e — bang! — drenado tudo. Ela o havia tomado, amado, abraçado, entrado em sua corrente sanguínea, consumido sua carne e lacrado sua alma para si por meio de cerimônias inconcebíveis de iniciação diabólica. Ele era seu favorito: mimado e mal-acostumado. Marfim? Acho que sim. Montes de marfim, pilhas de marfim. A velha cabana de barro estava prestes a explodir de tanto marfim. Parecia impossível que sequer uma presa, acima ou abaixo do solo, em todo o continente, tivesse escapado. “A maior parte é fóssil”, observou o gerente, desdenhoso. Não era mais fóssil do que eu, mas chamavam de fóssil quando as tiravam de sob a terra. Parecia que aqueles negros às vezes enterravam as presas, mas era evidente que não haviam enterrado seu tesouro tão profundamente a ponto separar o talentoso sr. Kurtz de sua sina. Carregamos o vapor com essa carga e tivemos de fazer pilhas no convés. E assim ele nos acompanhou com prazer, pelo menos enquanto pôde, pois a gratidão por esse favor ficou gravada em seu ser até o final. Vo-

cês precisavam vê-lo dizer “meu marfim”. Ah, sim, ele dizia. “Minha Prometida, meu marfim, minha estação, meu rio, meu...”, tudo pertencia a ele. Eu até imaginava que logo ouviria a vastidão disparar uma inacreditável gargalhada trovejante que tiraria até mesmo as estrelas de suas órbitas. Tudo pertencia a ele, mas aquilo não passava de ninharias. O importante era saber a quem *ele* pertencia, quantas forças sombrias disputavam o poder sobre ele. É o tipo de pensamento que nos faz estremecer por completo. Era impossível — e nem nos faria bem — tentar decifrar isso. Ele havia galgado seu lugar entre as altas castas dos demônios do continente, e digo isso literalmente. Vocês nunca compreenderiam. Seria impossível. Com solo firme sob seus pés, cercados por gente amiga que os saúdam e os acusam, caminhando tranquilamente entre o açougueiro e o policial, no sagrado terror dos escândalos, das forças e dos hospícios... como imaginar uma região específica das eras primitivas onde pés humanos livres nos conduzem pela seara da solidão... a mais completa solidão, sem qualquer policial, no caminho do silêncio — completo silêncio, onde não há a voz de advertência de um gentil vizinho que sussurra qual decisão o homem comum deveria tomar? Esses detalhes fazem toda a diferença. Quando não há nada, é preciso se apoiar em sua força interior, em sua capacidade de acreditar em

algo. Obviamente é possível ser tolo o bastante para se equivocar, ser tolo demais até para entender que está sendo consumido pelas forças das trevas. Acredito que nenhum tolo jamais barganhou sua alma com o diabo. Não sei dizer se isso acontece porque o tolo é tolo demais ou o diabo é diabo demais. Ou talvez a criatura seja tão tremendamente superior que não possa ser ao mesmo tempo surda e cega aos sinais vindos do céu. E então a terra se torna meramente um lugar de espera... e se isso acaba sendo uma vitória ou uma derrota, não me arrisco a julgar. Mas a maioria de nós não é nem um, nem outro. A terra é o local onde vivemos, onde nos defrontamos com visões, sons, aromas e, também — por Júpiter! — a podridão do hipopótamo morto, por assim dizer, sem sermos contaminados. E então, percebem? Seu poder desperta a fé em sua habilidade de cavar tocas mundanas e enterrar coisas nelas... seu poder de devoção, não a si próprio, mas a algum trabalho obscuro e árduo. E isso já é difícil o bastante. Veja, não estou procurando desculpas ou explicações. Estou apenas tentando entender a... a... sombra do sr. Kurtz. Aquele fantasma neófito vindo dos confins de Lugar Nenhum me agradeceu com sua impressionante confiança, antes de finalmente desaparecer por completo. Isso porque ele podia falar inglês comigo. O Kurtz original havia tido uma parte de sua educação na Inglaterra

e — como ele teve a bondade de reconhecer — seus apreços permaneceram no lugar correto. Sua mãe era metade inglesa e seu pai metade francês. Toda a Europa contribuíra na construção de Kurtz e, vagarosamente, aprendi que, muito apropriadamente, a Sociedade Internacional para Banimento dos Costumes Selvagens o havia incumbido de produzir um relatório, para futura referência. E, de fato, ele o havia escrito. Vi com meus próprios olhos. Eu o li. Era envolvente, vibrante em sua eloquência, mas acredito que um tanto exagerado. É minha opinião. Ele encontrou tempo para redigir dezessete páginas em letras miúdas! Mas aquilo deve ter sido antes de, digamos, seus nervos terem se degenerado e o levado a presidir certas danças à meia-noite, regadas a ritos indescritíveis que, por mais que eu relute diante das narrativas que ouvi, eram oferecidos a ele mesmo... entendem? Rituais de oferendas ao próprio Kurtz. Contudo, era uma bela obra. O parágrafo de abertura, porém, à luz da informação posterior, agora me parece sinistro. Ele começa com o argumento de que os brancos, do ponto de vista do desenvolvimento alcançado, ‘sem dúvida devem parecer a eles [os selvagens] seres sobrenaturais. Somos percebidos por eles como entidades poderosas’ e assim por diante. ‘Com o simples exercício de nossa vontade podemos empreender um poder benéfico praticamente ilimitado’ etc. Daquela

ponto em diante ele se exaltava e me encantei. O discurso era magnífico, embora difícil de me lembrar, entendem? Tive a sensação de uma Imensidão exótica regida por uma augusta Benevolência. Aquilo me entorpeceu com entusiasmo. Havia ali um poder de argumentação alarmante, suas palavras eram palavras nobres em ebulição. Não havia dicas práticas interrompendo a mágica sucessão de frases, exceto uma espécie de nota no rodapé da última página, evidentemente rabiscada muito tempo depois, em uma caligrafia trêmula, que poderia ser vista como a explicação de um método. Era muito simples e, ao final daquele apelo emocionado a todos os sentimentos altruístas, causava um fervor luminoso e aterrorizante, como o brilho de um relâmpago no céu calmo: “Exterminar todos os selvagens!”. O curioso era que ele aparentemente havia se esquecido completamente daquele importante pós-escrito porque, algum tempo depois, quando ele aparentemente voltou a si, repetidas vezes me rogou que tomasse conta do “meu manifesto” (como se referia a ele), como se tivesse certeza de que no futuro ele teria alguma influência sobre sua carreira. O manuscrito trazia informações completas sobre todas essas coisas e, além do mais, como acabou ocorrendo, fiquei incumbido de preservar sua memória. Já fiz tanto para preservar essa memória que conquistei o direito de, caso seja minha vontade,

depositá-la para seu descanso eterno na lata de lixo do progresso, entre tantos outros dejetos e, por assim dizer, todas as vítimas da civilização. Mas, entendam, não posso fazer isso. Ele não será esquecido. O que quer que ele tenha sido, não foi um homem comum. Ele tinha o poder de encantar e aterrorizar almas rudimentares a ponto de dançarem em sua homenagem. Ele também era capaz de preencher as pequenas almas dos peregrinos com desconfianças amargas. Ele tinha ao menos um amigo fiel, e conquistou uma alma neste mundo que não era nem primitiva nem maculada pelo egoísmo. Não, não posso esquecê-lo, embora eu não seja capaz de afirmar que ele fosse exatamente merecedor das vidas que perdemos para chegar até ele. Eu sentia uma tremenda falta de meu falecido timoneiro — já sentia mesmo quando seu corpo ainda jazia na ponte de comando. Talvez vocês achem um tanto estranho esse sentimento por um selvagem que não passava de um grão de areia em um Saara negro. No entanto, percebam que ele havia feito sua parte, havia manobrado. Por meses ele me serviu, me ajudou como uma ferramenta. Era uma espécie de parceria. Ele manobrava, eu cuidava dele, me preocupava com suas limitações e assim um laço sutil fora criado. Um laço cuja existência só percebi quando foi rompido. A profundidade íntima daquele olhar dirigido a mim no momento em que foi

ferido ainda vive em minha memória, como um chamado fraterno e distante proferido em um momento supremo.

“Pobre tolo! Se ao menos tivesse deixado a veneziana fechada. Ele não se conteve, não se conteve... assim como Kurtz, era uma árvore que pendia ao sabor do vento. Assim que vesti um par de chinelos secos, tirei a lança que atravessou seu flanco — tarefa que confesso ter realizado com os olhos fortemente fechados — e o arrastei para fora. Seus calcanhares passaram juntos pela soleira da porta com um solavanco. Eu pressionava seus ombros contra meu peito enquanto o abraçava por trás com toda minha força. Ah, como era pesado, muito pesado. Mais pesado do que qualquer outra pessoa neste planeta, foi o que pensei. Então, sem perda de tempo, o tombei por sobre a amurada. A correnteza o engoliu como se fosse um tufo de grama e vi seu corpo rolar sobre si mesmo duas vezes antes de perdê-lo de vista para sempre. Todos os peregrinos e o gerente então se juntaram sob a cobertura da ponte de comando e arrulhavam entre si como um bando de pombos. Estavam escandalizados com meu pragmatismo desalmado. Eu não saberia explicar por que desejariam manter o cadáver por ali. Talvez quisessem mumificá-lo? Mas também ouvi um outro burburinho no convés de baixo, um tanto agourento: meus amigos lenhadores também estavam escandalizados, mas com melhores

motivos — embora eu admita que o motivo em si era deveras inadmissível. Deveras inadmissível! Decididamente, se eu fosse permitir que alguém comesse meu timoneiro, esses seriam os peixes. Quando vivo, ele fora um timoneiro de segunda linha, mas agora que estava morto talvez se tornasse uma tentação de primeira e possivelmente acabaria me causando problemas mais graves. Além do mais, eu estava ansioso para voltar ao timão, pois o homem dos pijamas cor-de-rosa se mostrou um desastre nessa função.

“Fiz isso prontamente após concluir o pitoresco funeral. Seguíamos a velocidade normal, bem no centro do rio e assim ouvi o que falavam sobre mim. Haviam desistido tanto de Kurtz como da estação. Diziam que Kurtz estava morto e que a estação fora incendiada e tal e coisa e coisa e tal. O peregrino ruivo se alegrava em pensar que pelo menos o pobre Kurtz havia sido devidamente vingado. ‘Olha! A gente deve ter feito um estrago incrível nos selvagens do matagal, hein? O que você acha? Diga!’ Ele chegou até a dançar, aquele ruivinho miserável e sanguinário. Ele, que quase desfalecera quando viu o homem ferido! Não pude evitar dizer: ‘Pelo menos você fez uma bela fumaceira’. Eu havia visto, pelo modo como o topo das árvores e touceiras farfalharam e desfolharam, que os todos tiros foram disparados muito para o alto. Não se acerta nada sem mirar e sem manter a arma firme no ombro, mas

esses rapazes dispararam dos quadris com os olhos fechados. A debandada, insisti — e eu estava certo —, fora causada pelo som do apito do vapor. Depois disso se esqueceram de Kurtz e passaram a protestar contra mim, indignados.

“O gerente se manteve ao lado do timão resmungando sozinho sobre a necessidade de descer o rio o máximo possível, a qualquer custo, antes que escurecesse. Foi quando avistei ao longe uma clareira na margem e a silhueta de algum tipo de construção. ‘O que é aquilo?’, perguntei. Ele bateu palmas, empolgado. ‘A estação!’, gritou. Estercei imediatamente, mantendo a velocidade.

“Pelo binóculo avistei a encosta de uma colina pontilhada com árvores esparsas e completamente capinada. No topo havia uma construção larga e parcialmente escondida pelo capim alto. Dava para ver de longe os grandes buracos negros em seu telhado. A selva e a vegetação mais baixa completavam o cenário. Não havia nenhum tipo de paliçada ou cerca, mas parecia ter havido anteriormente, pois perto da casa meia dúzia de mourões esguios permaneciam alinhados, ligeiramente desbastados e com esferas esculpidas em suas pontas. Os lambris, ou o que quer que havia entre eles, haviam desaparecido. Obviamente a floresta avançara sobre tudo. A praia estava deserta e, na margem, vi um homem branco com um chapéu que parecia uma roda de

carroça acenando largamente com seu braço. Ao examinar a borda da floresta de cima a baixo, tive quase certeza de ver movimentações — formas humanas se arrastando aqui e ali. Continuei prudentemente, sem parar. Depois, desliguei o motor, deixando que o vapor continuasse seu curso. O homem na margem passou a gritar, insistindo que atracássemos. ‘Fomos atacados’, gritou o gerente. ‘Eu sei, eu sei! Está tudo bem’, gritou o outro de volta da forma mais amigável que podia. ‘Venha. Está tudo bem. Que bom!’

“Sua aparência me lembrava alguém conhecido, algo engraçado que vira em outro lugar. Ao manobrar paralelo à margem, eu me perguntava: ‘Com o que esse camarada se parece?’ E, do nada, me lembrei. Ele se parecia com um arlequim. Suas roupas talvez fossem feitas de linho cru, mas era toda coberta de retalhos coloridos, em azul, vermelho e amarelo. Retalhos nas costas, retalhos na frente, retalhos nos cotovelos e nos joelhos. Barras coloridas nas bordas do casaco, vermelho nas barras das calças. E a luz do sol fazia de sua figura algo extremamente alegre e jovial, pois revelava todo o cuidado com que os retalhos foram costurados. Barba feita, um pálido rosto juvenil, sem traços marcantes, nariz descascado e pequenos olhos azuis, com sorrisos e caretas que se alternavam naquele semblante sincero, como o sol e a sombra se alternam em uma planície açoitada pelo vento.

‘Cuidado, capitão!’, ele gritou. ‘Um tronco se enroscou aí ontem à noite!’. Quê? Outro tronco? Confesso que praguejei vergonhosamente. Quase deixei abrir um buraco na minha geringonça, só para terminar de vez aquela maldita jornada. O arlequim na praia voltou seu nariz achatado para mim. ‘Inglês?’, perguntou todo sorridente. ‘E você?’, perguntei do timão. Os sorrisos desapareceram, ele sacudiu a cabeça como se pedisse desculpas por me desapontar. Então ele se reanimou. ‘Não importa!’, gritou animado. ‘Chegamos a tempo?’, perguntei. ‘Ele está lá em cima’, respondeu, apontando para o alto da colina e subitamente sua expressão se fechou. Seu rosto era como o céu de outono, nublado e ensolarado a cada momento.

“Quando o gerente, acompanhado pelos peregrinos — todos armados até os dentes —, se dirigiu para a casa, o rapaz subiu a bordo. ‘Não gosto nem um pouco disso, desses nativos embrenhados’, eu disse. Ele me assegurou com muita tranquilidade que não eram um problema. ‘São pessoas simplórias’, completou. ‘Bem, estou feliz que chegaram. Gastei um bom tempo para mantê-los afastados.’ ‘Mas você disse que não eram problema’, exclamei. ‘Ah, eu quis dizer que não são perigosos’, ele disse. Continuei a encará-lo e ele se corrigiu: ‘Não exatamente’. E então, empolgou-se: ‘Céus, sua ponte de comando precisa de uma faxina!’. Imediatamente ele

me aconselhou a manter pressão suficiente na caldeira para apitar em caso de necessidade. ‘Uma boa buzina será mais eficaz do que todos os seus rifles. São pessoas simplórias’, repetiu. Ele falava tanto que quase fiquei irritado. Parecia querer compensar um grande período de silêncio, e então lancei minha isca: ‘Você não conversa com o sr. Kurtz?’, ‘Não se conversa com aquele homem... você apenas o escuta’, exclamou, em grande exaltação. ‘Mas agora...’ Sacudiu seu braço e, em um piscar de olhos, caiu na mais profunda desolação. Em um momento ele se recompôs com um salto, agarrou minhas duas mãos e passou a sacudi-las sem parar enquanto balbuciava: ‘Irmão marujo... honra... prazer... satisfação... me apresento... russo... filho de sumo-sacerdote... Governo de Tambov... Quê? Fumo! Fumo inglês, o excelente tabaco inglês! Ora, quanta bondade. Você fuma? Nunca vi um marujo que não fumasse’.

“O tabaco o acalmou e gradualmente compreendi que ele havia fugido da escola e partido para o mar em um navio russo. Fugiu novamente, serviu por algum tempo em navios ingleses e agora havia se reconciliado com o sumo-sacerdote. Fez questão de me contar. ‘Mas quando somos jovens é preciso ver as coisas, ganhar experiência, ideias, engrandecer a mente.’ ‘Aqui?’, interrompi. ‘Nunca se sabe! Aqui encontrei o sr. Kurtz’, ele disse com serena alegria e culpa. Segurei minha

língua depois daquilo. Parecia que o rapaz havia convencido uma distribuidora holandesa no litoral a lhe fornecer mantimentos e outros produtos, então seguira para o interior cheio de confiança, sem fazer a mínima ideia do que o esperava. Ele vagou pelo rio, sozinho, por quase dois anos, distante de tudo e de todos. ‘Não sou tão jovem quanto pareço. Tenho vinte e cinco’, ele disse. ‘No começo, o velho Van Shuyten me mandou cair fora’, ele narrava com pura diversão. ‘Mas não desisti e tentei e tentei até que finalmente ele ficou com medo que eu matasse seu cachorro de tanto falar e me deu umas bugigangas e algumas armas. E disse que esperava nunca mais ver minha cara novamente. O bom e velho holandês Van Shuyten. Enviei a ele um pequeno lote de marfim no ano passado, assim não vai poder me chamar de ladrãozinho quando eu voltar. Espero que tenha chegado até ele. Quanto ao resto, que se dane. Deixei um pouco de lenha empilhada para vocês lá na minha antiga casa. Vocês viram?’

“Dei a ele o livro de Towson. Parecia que iria me beijar, mas se conteve. ‘O único livro que deixei. Achei que estivesse perdido’, ele disse, fitando-o em êxtase. ‘Muitos contratemplos acontecem com alguém que vaga sozinho por aí, sabe? Às vezes, as canoas se irritam... e outras vezes é melhor dar no pé rapidinho quando as pessoas é que ficam com raiva.’ Ele folheava as páginas. ‘Você fez anotações em

russo?', perguntei. Ele assentiu. 'Achei que eram algum tipo de código', eu disse. Ele riu e depois ficou sério. 'Tive muito trabalho para manter essa gente afastada', ele contou. 'Eles tentaram te matar?', perguntei. 'Ah, não!', ele exclamou e calou-se. 'Por que nos atacaram?', continuei. Ele hesitou e então disse, envergonhado: 'Eles não querem que ele vá embora.' 'Não querem?' perguntei, curioso. Ele confirmou com um menear repleto de mistérios e segredos. 'Vou te contar', exclamou. 'Esse homem abriu minha mente', depois, esticou seus braços e me fitou com seus olhinhos azuis perfeitamente redondos."

III

“ O encarei, completamente perplexo. Ali estava ele, diante de mim, todo colorido como um fugitivo de uma trupe de mímicos, entusiasmado e fabuloso. Sua própria existência era improvável, inexplicável e, acima de tudo, desorientadora. Ele era uma equação sem resposta. Era inconcebível o fato de ele existir, ter conseguido chegar tão longe, ter sobrevivido de alguma forma... sem ter simplesmente desaparecido. ‘Fui um pouquinho mais adiante’, ele disse, ‘e depois mais um pouquinho... até que cheguei tão longe que não sei mais como voltar. Não importa. Tenho tempo de sobra. Vou conseguir. Você, leve Kurtz embora o mais rápido possível. Ouça o que eu digo.’ O deslumbramento da juventude recobria seus trapos coloridos, sua privação, sua solidão e a desolação íntima de seu vagar inútil. Por meses, por anos, sua vida não tinha valido um tostão. Agora, lá estava ele, galante, despreocupadamente vivo e aparentemente indestrutível pela simples razão de sua virtude juvenil e audácia inconsequente. Fui atraído por algo parecido com admiração, quase uma inveja. O deslumbramento o impelia e o mantinha incólume. Ele certamente não desejava a vastidão, mas espaço para respirar e passar através dela. Tinha necessidade

de existir e continuar adiante, correndo os maiores riscos possíveis com o máximo de privação. Se algum dia o espírito absolutamente puro, descuidado e custoso da aventura se apossou de algum ser humano, esse alguém era aquele jovem em remendos. Quase invejei sua aura tão modesta e luminosa. Parecia que ela havia consumido todo pensamento egoísta de maneira tão cabal que mesmo quando ele se dirigia a você não era possível se lembrar de que era ele — a pessoa diante de seus olhos — que havia passado por tudo aquilo. Porém, eu não invejava sua devoção à Kurtz. Ele não havia mentalizado sobre isso. Aquilo simplesmente apareceu em seu caminho e ele aceitou tudo como uma espécie de fatalismo incitante. Preciso reconhecer que para mim aquilo pareceu algo extremamente perigoso, mais ainda do que todo o resto que ele já havia enfrentado.

“Eram inevitavelmente unidos, como dois barcos que se aproximam e roçam seus cascos na calmaria. Acho que Kurtz queria plateia, pois em determinada ocasião, acampado na floresta, conversaram a noite toda ou, mais provavelmente, Kurtz discursou a noite toda. ‘Falamos de tudo’, ele disse, com o pensamento longe em sua lembrança. ‘Me esqueci que existia sono. A noite passou num piscar de olhos. Tudo! Tudo! Inclusive sobre o amor.’ ‘Ah, ele falou com você sobre o amor?’, perguntei, muito curioso. ‘Não é o que você pensa’,

ele exclamou quase que por impulso. ‘Foi superficial. Ele me abriu os olhos... os olhos.’

“Ele ergueu os braços. Estávamos no convés e o chefe dos lenhadores, repousando ali por perto, se voltou para ele com olhos ferinos e brilhantes. Olhei em volta e não sei explicar por que, mas asseguro que nunca antes em minha vida aquele território, o rio, a selva e até o próprio céu reluzente me pareceram tão desgraçados e soturnos, tão inalcançáveis ao saber humano e tão implacáveis às nossas fraquezas. Então perguntei: ‘Obviamente, desde então você se juntou a ele’.

“Pelo contrário. Parecia que sua interação havia sido interrompida por diversas causas. Ele, conforme me contou, com orgulho, cuidara de Kurtz em duas ocasiões de doença (ele descreveu essa tarefa como algo de grande risco), mas o costume de Kurtz era vagar sozinho pelas profundezas da floresta. ‘Vinha muito pouco à estação. Eu esperava por dias que aparecesse de volta’, ele disse. ‘Ah, mas às vezes valia a pena esperar!’ ‘O que ele fazia por lá? Explorava?’, perguntei. ‘Ah, sim, claro.’ Ele havia descoberto muitas aldeias e também um lago — que não sabia dizer exatamente em qual direção ficava. Era perigoso perguntar demais, mas por regra suas expedições buscavam marfim. ‘Mas como, se ele não tinha mercadorias para trocar nessa época?’, inquiri. ‘Até hoje temos um bom estoque de cartuchos guardados’, ele respondeu

desviando o olhar. ‘Falando sinceramente, ele saqueou o território’, eu disse. Ele concordou. ‘Certamente não conseguiu sozinho!’ Ele resmungou algo sobre as aldeias ao redor do lago. ‘Kurtz seduziu a tribo a apoiá-lo, certo?’, sugeri. Ele se inquietou. ‘Eles o adoravam’, disse. O tom dessas palavras era tão extraordinário que o fitei com ar inquisidor. Era curioso ver sua oscilação entre o entusiasmo e a relutância ao falar de Kurtz. Aquela pessoa dava sentido à sua vida, ocupava seus pensamentos e mexia com suas emoções. ‘O que você esperava?’, ele disparou. ‘Ele chegou soltando raios e trovões, não foi? Eles nunca tinham visto nada parecido ou tão amedrontador. Ele sabia ser terrível. Não se pode julgar o sr. Kurtz como um homem comum. Não, não, não! Ora, apenas para lhe dar uma noção, vou contar a você. Um dia, ele tentou atirar até em mim. Mas eu não o julgo.’ ‘Tentou atirar em você!’, exclamei. ‘Por quê?’ ‘Sabe, eu tinha um pequeno lote de marfim que o chefe de uma aldeia perto de onde eu morava me deu. Isso porque eu costumava ajudá-los a caçar. Bem, ele queria meu marfim de qualquer jeito. Ele declarou que atiraria em mim se não lhe desse o marfim e sumisse do seu território. Não apenas porque ele tinha o direito, mas porque seria um prazer. Segundo ele, não havia nada no mundo que o impedisse de matar quem quer que quisesse. E isso também era verdade. Eu dei o marfim a ele.

Eu nem queria aquilo! Mas eu não fui embora. Não, não. Eu não poderia abandoná-lo. Precisei ser cauteloso, é claro, até ficarmos amigos novamente. Foi quando a segunda doença se abateu sobre ele. Depois eu tive que sair do seu caminho. Mas tudo bem. Ele vivia a maior parte do tempo nas aldeias do lago. Quando descia para o rio, às vezes me chamava, mas às vezes era melhor que eu me cuidasse. Esse homem sofreu muito. Ele odiava tudo isso e, ao mesmo tempo, não conseguia se livrar. Quando tive a chance, implorei a ele que fosse embora enquanto ainda era tempo. Me ofereci para voltar junto com ele. A princípio ele concordou, mas depois decidiu ficar para começar outra caçada de marfim. Desapareceu por semanas e esqueceu-se de si mesmo junto àquela gente... esqueceu-se, entende?’ ‘Oras! Ele é louco’, eu disse. Ele protestou, indignado dizendo que era impossível o sr. Kurtz ser louco. De acordo com ele, se eu o ouvisse falar dois dias atrás, não ousaria sequer imaginar uma coisa dessas. Eu havia pegado meus binóculos enquanto conversávamos para observar a praia à distância. Percorri o perímetro da floresta de ambos os lados e a parte de trás da casa. Saber que naquela mata haviam pessoas, tão silenciosas e imóveis, assim como as ruínas da casa na colina, me deixava aflito. Não havia um só elemento naquela história inacreditável que não fosse contado acompanhado de pesadas exclamações,

um encolher de ombros, frases interrompidas ou sugestões finais em profundos suspiros. A mata se mantinha impávida como uma máscara: pesada como as portas trancadas de uma cela. Pareciam transmitir algum conhecimento secreto em sua espera paciente e seu silêncio indestrutível. O russo me explicava que apenas mais recentemente o sr. Kurtz havia descido até o rio e trazido consigo todos os guerreiros da tribo do lago. Ele estivera ausente por meses — sendo adorado, eu suponho — e chegara sem aviso, parecendo preparar um saque rio abaixo ou na outra margem. Evidentemente o apetite por mais marfim havia superado, por assim dizer, seus outros desejos materiais. Contudo, ele parecia estar agora em muito pior estado. ‘Ouvi dizerem que ele estava refestelado e indefeso, então aproveitei e fui até lá’, disse o russo. ‘Ah, ele é malvado, muito mesmo.’ Movi minhas lentes para a casa. Não havia sinal de vida ali, somente um telhado esburacado e suas compridas paredes de barro sobre a grama, suas janelinhas quadradas, duas das quais eram do mesmo tamanho. Tudo aquilo parecia estar ao alcance das minhas mãos — e realmente estava. Então, fiz um movimento brusco, quando um dos mourões da cerca em pandarecos se colocou entre mim e a casa. Vocês se lembram que me detive, à distância, sobre certos ornamentos que se destacavam naquele cenário rústico. Quando tive essa visão mais próxima, instintivamente

joguei minha cabeça para trás como se tivesse tomado um soco. Então repassei vagorosamente de mourão em mourão com meu binóculo e entendi meu engano. Aquelas formas arredondadas não eram enfeites, mas símbolos. Eram expressivos e inacreditáveis, atordoantes e perturbadores. Alimentavam meus pensamentos assim como os urubus, se algum deles as visse do alto. No mínimo alimentariam as formigas, esforçadas o bastante para escalarem os mourões. Aquelas cabeças fincadas seriam ainda mais aterrorizantes se não estivessem com as faces voltadas para a casa. Somente uma, a primeira que discerni, olhava em minha direção. Não fiquei tão chocado quanto podem pensar. Meu recuo repentino não passou de um movimento involuntário. Eu esperava ver um entalhe de madeira ali, imaginem vocês. Retornei deliberadamente para a primeira que havia focado, e lá estava ela: negra, ressecada e com as pálpebras afundadas sobre os olhos fechados; uma cabeça que parecia dormir no topo de uma estaca, com seus lábios enrugados e retraídos mostrando uma fileira de dentes brancos, sorrindo um riso contínuo, infinito e jocoso, causado por algum sonho de seu sono eterno.

“Não estou revelando nenhum segredo comercial aqui. Na verdade, o gerente me disse algum tempo depois que os métodos do sr. Kurtz arruinaram aquela região. Não teço

opinião quanto a isso, mas quero que entendam claramente que aquelas cabeças ali não tinham nada a ver com lucratividade. Elas apenas demonstravam que o sr. Kurtz não tinha limites em satisfazer seus inúmeros fetiches, que havia algum desejo inalcançável dentro dele — alguma questão ínfima que, quando sob pressão, tornava-se invisível sob sua magnífica eloquência. Não ousou dizer que ele próprio conhecia essa sua deficiência. Acho que, no final, ele tomou ciência disso, mas somente muito no fim. A vastidão o havia possuído logo de início e inculcado nele uma terrível maldição, tudo em razão de sua invasão absurda. Talvez ela sussurrou em seus ouvidos algo que ele mesmo não sabia sobre si, coisas que não fazia ideia até travar conhecimento com aquela grande solidão — por isso o sussurro se tornou irresistivelmente fascinante. Ecoou forte dentro dele, pois seu íntimo estava vazio. Baixei o binóculo e a cabeça que me dava a impressão de estar perto o suficiente a ponto de me ouvir pareceu ter saltado para longe a uma distância inacessível.

“O admirador do sr. Kurtz estava um pouco desanimado. Em uma voz apressada e confusa ele tentou me explicar que não havia ousado tirar aqueles, digamos, símbolos, de lá. Ele não temia os nativos, pois não fariam nada sem que o sr. Kurtz mandasse. Seu domínio era extraordinário. Os campos daquela gente cercavam a estação e os chefes vinham

vê-lo diariamente. Eles engatinhavam. ‘Não quero saber nada sobre os rituais usados para se aproximarem do sr. Kurtz’, gritei. Curioso notar esse sentimento que se abateu sobre mim, de que tais detalhes seriam mais intoleráveis do que as cabeças secando nos mourões debaixo das janelas do sr. Kurtz. Afinal de contas, aquilo não passava de uma miragem primitiva, sentia como se um mero gesto fosse capaz de me transportar para alguma região sombria repleta de horrores sutis, onde a selvageria pura e simples seria um alívio, como algo que tenha o direito de existir — obviamente — em plena luz do dia. O jovem se voltou surpreso. Acredito que ainda não havia lhe ocorrido que o sr. Kurtz não era um ídolo para mim. Ele se esqueceu de que eu não ouvira nenhum daqueles esplêndidos monólogos sobre — o que mesmo? — amor, justiça, modos de vida... ou qualquer outra coisa. Se fosse necessário rastejar diante do sr. Kurtz, ele o teria feito assim como o mais selvagem dos selvagens. Eu desconhecia completamente as condições. Ele disse que aquelas eram as cabeças dos rebeldes. Então se surpreendeu com o descontrole de minha gargalhada. Rebeldes? Qual seria a próxima definição que eu teria que ouvir? Havia inimigos, criminosos, funcionários... e, agora, rebeldes. Aquelas cabeças rebeldes me pareciam bem submissas em suas estacas. ‘Você não sabe como essa vida testa um homem como Kurtz’, berrou seu

último discípulo. ‘E você sabe?’, perguntei. ‘Eu? Eu? Não passo de uma pessoa simples. Não tenho grandes ideias. Não quero nada de ninguém. Como ousa me comparar com...?’ Seus sentimentos eram maiores que sua habilidade de falar e, sem aviso, ele desabou. ‘Não entendo’, ele gemeu. ‘Tenho feito meu melhor para mantê-lo vivo. É o máximo que posso fazer. Não tenho nada a ver com tudo isso. Não tenho o talento. Há meses não temos uma gota de remédio ou um prato de sopa para os doentes. Ele foi vergonhosamente abandonado. Um homem como esse, com tantas ideias. Uma vergonha! Vergonha! Eu... eu... não durmo há dez noites.’

“Sua voz se deixou levar na calma do entardecer. As longas sombras da floresta deslizavam colina abaixo enquanto conversávamos, ultrapassando o casebre destruído e a simbólica fileira de estacas. As sombras cobriram tudo enquanto nós, lá embaixo, continuávamos banhados de sol. O largo do rio diante da clareira ainda cintilava em seu esplendor calmo, cercado acima e abaixo por uma aura sombria. Não havia nenhuma alma na praia. A mata não farfalhava.

“Um grupo de homens apareceu repentinamente, vindos de trás da casa como se saídos das profundezas da terra. Caminhavam agrupados, com o mato pela cintura, e traziam entre eles uma maca improvisada. Imediatamente, no vazio da paisagem, um lamento agudo perfurou o ar parado como

uma flecha afiada lançada diretamente no coração da terra. Então, como que por mágica, fileiras de seres humanos — todos nus — com suas lanças, arcos, escudos, olhares ferozes e gestos selvagens, invadiram a clareira cercada pela face sombria e melancólica da floresta. A mata se remexeu, o capim ondulou levemente e então tudo voltou à sua inércia, à sua imobilidade atenta.

“Agora, se ele não disser a coisa certa, estaremos todos condenados’, disse o russo ao meu lado. O grupo de homens com a maca parou a meio do caminho para o vapor, como estátuas. Vi o homem sobre a maca se sentar, fraco, e levantar seu braço acima do ombro dos carregadores. ‘Tomara que o homem que fala tão bem sobre o amor de maneira superficial tenha algum motivo para nos poupar agora’, eu disse. Eu lamentava profundamente o extremo perigo de nossa situação como se estar à mercê de um espectro bestial fosse alguma vergonha. Eu não podia ouvir nada, mas com o binóculo enxerguei o comando de seu braço magro em riste, sua mandíbula em movimento, os olhos daquele fantasma brilhando soturnamente em sua cabeça angulosa que se sacudia em movimentos grotescos. Kurtz. Kurtz significa ‘pequeno’ em alemão, não é? Bem, o nome lhe cabia tão bem quanto todo o resto de sua vida — e morte. Ele parecia ter, no mínimo, dois metros de altura. Sua coberta escorregara e, como uma

mortalha, revelou seu corpo raquítico e deplorável. Suas costelas estavam à mostra e seus braços eram somente ossos. Ele se parecia com uma antiga imagem da morte esculpida em marfim, cuja mão se estendia ameaçadoramente sobre uma multidão de homens feitos de bronze escuro e reluzente. Vi sua boca se abrir completamente, o que lhe deu um aspecto bizarro e feroz, como se quisesse engolir todo o ar, a terra e os homens diante de si. Ouvi uma voz rouca e distante. Ele devia estar gritando. De repente, caiu deitado. A maca sacudiu como se os carregadores quisessem se apressar novamente e quase ao mesmo tempo percebi que a nuvem de selvagens se diluía sem qualquer movimento perceptível de recuo. Era como se a floresta houvesse projetado esses seres para fora e, da mesma forma, depois de um longo respiro, agora os recolhia novamente para dentro de si.

“Alguns dos peregrinos seguiam armados atrás da maca. Duas espingardas, um rifle pesado e uma escopeta. Eram os relâmpagos daquele deus em frangalhos. O gerente curvou-se sobre ele para cochichar algo enquanto andavam. Eles o pousaram em uma das pequenas cabanas, cujo espaço se limitava apenas a um catre e uma ou duas banquetas. Havíamos trazido sua correspondência e uma série de envelopes rasgados e cartas abertas se espalhavam sobre sua padiola. Sua mão vasculhava debilmente por entre os papéis. Fiquei

pasmado com o ardor de seus olhos em contraste com sua expressão serena. Não era somente um efeito isolado da doença. Ele não parecia sentir dor. Aquela sombra parecia saciada e calma, embora naquele momento estivesse repleta de emoções.

“Ele folheou as cartas, olhou-me diretamente e disse: ‘Estou contente’. Alguém havia escrito para ele sobre mim. Aquelas recomendações especiais o fizeram reviver. A quantidade de tônus que ele emitia sem demonstrar esforço, quase sem mover seus lábios, era assombrosa. Que voz! Que voz! Era grave, profunda, vibrante. Os outros eram incapazes de produzir um sussurro sequer. Contudo, ele ainda tinha força suficiente — sem dúvida a duras penas — para selar nossos destinos, como logo explicarei.

“O gerente apareceu taciturno na soleira da porta. Sai dali imediatamente e ele fechou a cortina atrás de mim. O russo, observado com curiosidade pelos peregrinos, ficou plantado na praia. Segui a direção de seu olhar.

“Escuras formas humanas podiam ser divisadas à distância, perambulando indistintamente contra a sombria borda da floresta. Próximo ao rio, duas figuras bronzeadas, apoiadas em longas lanças, estavam iluminadas pelo sol com seus cocares fantásticos e peles de leopardo. Prontos para a guerra, embora completamente estáticos. E, vindo da direita

para a esquerda pela praia ensolarada, uma aparição selvagem e linda. Uma mulher.

“Ela caminhava decidida, vestia tecidos listrados com franjas, marchava orgulhosa acompanhada pelo leve tilintar de seus reluzentes ornamentos bárbaros. Ela mantinha a cabeça ereta, seu cabelo tinha o formato de um elmo. Suas caneleiras de latão iam até os joelhos e fios de metal cobriam seus antebraços. Uma mancha carmesim marcava sua face morena. Inúmeras gargantilhas de contas de vidro envolviam seu pescoço e elementos bizarros, amuletos, presentes dos feiticeiros, a cobriam e brilhavam, e chacoalhavam a cada passo. Ela carregava o equivalente a muitas presas de elefante. Era selvagem e soberba, firme e magnífica. Havia algo agourento e pomposo em sua marcha inexorável. E no silêncio que recaiu sem aviso sobre toda aquela terra desolada, a imensa vastidão, aquele imenso corpo de vida fértil e misteriosa, parecia observá-la como a imagem de sua própria alma, tenebrosa e indomável.

“Ela se aproximou do vapor, parou e nos encarou. Sua longa sombra chegou até a beira da água. Seu rosto tinha um aspecto trágico e feroz, resultado de grande tristeza e dor profunda, mescladas ao medo de algo pendente e mal resolvido. Ela nos fitou sem nenhum movimento, exatamente como a própria vastidão, com um ar de quem ruminava sobre

um assunto inescrutável. Um minuto inteiro se passaria antes que ela desse outro passo. Seus únicos movimentos eram um tilintar discreto, o brilho de seu metal amarelo e o flutuar de suas franjas. Seu coração parecia ter parado. O jovem ao meu lado rosou. Os peregrinos murmuravam atrás de mim. Ela olhou para todos nós como se sua vida dependesse daquele olhar firme e direto. De repente ela abriu os braços e os esticou acima da cabeça como se desejasse piamente tocar o céu. Ao mesmo tempo, as sombras avançaram rápidas sobre a terra, varreram o rio e engoliram o vapor com sua escuridão. Um silêncio completo pairou sobre a cena.

“Ela se virou vagorosamente, continuou a caminhar ao longo da margem e entrou na mata à esquerda. Somente mais uma vez seus olhos faiscaram para nós naquele crepúsculo antes de desaparecer por entre os arbustos.

“Se ela tivesse cogitado subir a bordo certamente eu teria atirado nela’, disse o homem dos remendos um tanto nervoso. ‘Tenho arriscado minha vida diariamente nas últimas duas semanas para mantê-la afastada da casa. Um dia ela entrou e armou uma confusão por causa de uns trapos imprestáveis que separei no armazém para remendar minhas roupas. Eu estava deplorável. Pelo menos acho que foi esse o motivo, pois ela ralhou furiosamente com Kurtz por uma hora, apontando para mim e tudo o mais. Não entendo o seu

dialeto. Minha sorte é que Kurtz estava tão mal que nem deu ouvidos, senão o caos se instalaria. Não entendo... não... é demais para mim. Ah, mas ainda bem que agora isso acabou.’

“Nesse momento ouvi a voz abafada de Kurtz atrás da cortina: ‘Me salve! Você quer dizer para salvar o marfim. Não, isso não. Me salve! Ora, eu tinha que salvar você. Agora você está atrapalhando meus planos. Louco! Louco! Não tão louco quando você quer acreditar. Dane-se. Vou tirar as minhas ideias deste lugar... e depois voltarei. Vou mostrar a você do que sou capaz. Você está me atrapalhando com sua postura ridícula... Eu voltarei. Eu...’

“O gerente saiu. Ele me puxou pelo braço e me conduziu a um canto. ‘Ele está muito, muito mal’, ele disse. Ele preferiu apenas suspirar, mas se esqueceu de transparecer alguma tristeza real. ‘Já fizemos todo o possível por ele... não acha? E não temos como nos desvencilhar do fato de que o sr. Kurtz fez mais mal do que bem à Companhia. Ele não entende que não era a hora certa de ações violentas. Cautela, cautela... esse é meu lema. Precisamos manter a cautela. Esta área está perdida para nós por algum tempo. Que lástima! Acima de tudo, o comércio será prejudicado. Não nego que há uma quantidade considerável de marfim... a maioria fóssil. Precisamos salvar isso a todo custo, mas veja como nossa posição é precária. E sabe por quê? Porque

nosso método não é eficaz.’ ‘Você chama isso de método ineficaz?’, perguntei olhando para a margem. ‘Sem dúvida’, ele exclamou irritado. ‘Você não concorda?’ ‘Eu não vejo método algum’, murmurei, depois de uma pausa. ‘Exatamente’, ele comemorou. ‘Eu previa isto. É uma completa falta de consciência. É meu dever levar isto aos meus superiores.’ ‘Ah’, eu disse. ‘Aquele rapaz... qual é mesmo o seu nome? O oleiro. Ele fará um relatório apropriado para você.’ Ele pareceu confuso por alguns instantes. Senti como se nunca tivesse respirado um ar tão vil e voltei meus pensamentos para Kurtz, para defendê-lo... sem dúvida para defendê-lo. ‘Apesar disso tudo ainda considero o sr. Kurtz uma pessoa admirável’, enfatizei. Ele se surpreendeu, lançou um olhar soturno para mim e disse muito calmamente: ‘Ele foi.’ E deu as costas para mim. Eu perdera um aliado. Me vi jogado ao lado de Kurtz como um apoiador de métodos inadequados. Eu era ineficaz! Ah, mas pelo menos já era alguma coisa poder escolher entre um pesadelo e outro.

“Na verdade, eu havia me rendido à vastidão, e não ao sr. Kurtz que, admito francamente, já estava praticamente sepultado. Por um momento também me senti enterrado em um túmulo repleto de segredos absurdos. Senti um peso intolerável apertar meu peito, o cheiro da terra úmida, a presença invisível da vitória da corrupção, a escuridão da

noite impenetrável... O russo tocou meu ombro. Ouvi seu resmungo. Ele gaguejava algo sobre ‘irmão marujo... não poderá esconder... deixar que saibam de questões que podem afetar a reputação do sr. Kurtz.’ Eu esperei. Para ele, o sr. Kurtz evidentemente não estava sepultado. Acredito que para ele o sr. Kurtz era um dos imortais. ‘Bem!’, eu disse, finalmente, ‘explique-se. Acontece que, de certa maneira, sou amigo do sr. Kurtz.’

“Ele declarou bastante formalmente que, se não fôssemos ‘da mesma profissão’, teria se ofendido pessoalmente e partiria para a ignorância. ‘Ele suspeitava que havia alguma perseguição daqueles homens para com ele e que...’ ‘Você está certo’, eu disse, lembrando a conversa que ouvira. ‘O gerente acha que ele devia ser enforcado.’ A princípio, ele demonstrou duvidar de sua própria razão, o que achei um tanto engraçado. ‘É melhor ficar fora disso’, ele disse com preocupação. ‘Não posso fazer mais nada por Kurtz e eles logo inventariam alguma desculpa. O que poderia pará-los? O posto militar mais próximo fica a cinco mil quilômetros daqui.’ ‘Bem, dou a minha palavra’, eu disse, ‘de que é melhor você partir se tiver amigos entre os selvagens daqui.’ ‘Tenho muitos’, ele disse. ‘São pessoas simples e, você sabe, não tenho ambições.’ Ele mordeu os lábios: ‘Não quero o mal de nenhum dos brancos aqui, mas é claro que me preocupo

com a reputação do sr. Kurtz... você é um irmão marujo e...' 'Calma', eu disse após algum tempo. 'A reputação do sr. Kurtz continuará a salvo'. Eu não sei bem o quanto estava sendo sincero.

"Ele me informou em voz baixa que fora Kurtz quem ordenara o ataque ao vapor. 'Ele odiava a ideia de ser levado daqui e, também... mas isso não é da minha conta. Não passo de uma pessoa comum. Ele achou que aquilo os afugentaria, que vocês desistiriam e o dariam como morto. Não pude detê-lo. Passei por maus bocados nesse último mês.' 'Tudo bem', eu disse. 'Ele está bem agora.' 'É, é, é', ele gaguejou, aparentemente não muito convencido. 'Obrigado', eu disse. 'Vou ficar de olhos abertos.' 'Mas quieto, hein?' ele ordenou, nervoso. 'Seria péssimo para a reputação dele se alguém aqui...' Prometi sigilo absoluto com extrema seriedade. 'Tenho uma canoa e três negros contratados perto daqui. Vou embora. Poderia me dar alguns cartuchos da Martini-Henry?' Eu podia e os dei, com a devida discricão. Ele se serviu, com uma piscadela, de um punhado do meu fumo. 'Entre marujos, sabe... o bom tabaco inglês.' Na porta de comando ele se virou: 'Será que você não tem um par de sapatos para me emprestar?' Ele mostrou uma das pernas: 'Olha.' As solas estavam envoltas com cadarços amarrados que imitavam chinelos em seus pés. Dei a ele um par já gasto, que olhou

admirado antes de metê-lo debaixo do braço esquerdo. Um de seus bolsos (o vermelho) estava lotado de cartuchos. Do outro (azul escuro) despontava a *Investigação*, de Towson. Com isso demonstrava se achar perfeitamente equipado para um novo encontro com a vastidão. ‘Ah! Nunca mais encontrarei alguém como ele novamente. Você precisava ver ele recitar poesia... que ele mesmo compunha, sim, ele disse. Poesia!’ Ele entrou em transe com a memória daqueles prazeres: ‘Oh, que mente admirável!’ Eu respondi dizendo: ‘Adeus’. Ele me deu a mão e desapareceu na noite. Às vezes me pergunto se realmente o vi com meus olhos... se é possível encontrar-se pessoalmente um fenômeno como ele!

“Quando acordei, pouco após a meia noite, me lembrei de seu aviso que sugeria um perigo que, naquela escuridão estrelada parecia agora tão real que me levantei para dar uma olhada ao redor. Uma grande fogueira fumegava na colina e iluminava completamente o lado avariado da sede da estação. Um dos agentes vigiava o marfim, armado e acompanhado de alguns de nossos negros. Mas nas profundezas da floresta, fochos vermelhos se agitavam. Pareciam sair e voltar para dentro do chão entre as confusas formas colunares na completa negritude. Aquilo mostrava a exata posição onde os adoradores do sr. Kurtz mantinham sua nervosa vigília. A batida monótona do grande tambor preenchia o ar com

ondas abafadas e uma vibração preguiçosa. O insistente som de muitas vozes masculinas entoando convocações variadas vinha da parede reta e negra de troncos, como o zumbido de uma colmeia. Aquilo causou um efeito narcótico sobre meus sentidos ainda sonolentos. Desconfio que ressonei sobre o parapeito até um berreiro explodir abruptamente, o incrível jorro de um frenesi reprimido me despertou assustado. Sem demora ele se calou, e o vozerio continuou com o efeito de um silêncio audível e calmante. Varri a pequena cabana com meus olhos. Uma luz queimava lá dentro, mas o sr. Kurtz não estava lá.

“Certamente eu o teria chamado se acreditasse em meus olhos. Mas, a princípio, não acreditei. Aquilo tudo me parecia impossível. O fato é que eu fui tomado por um pavor irreal e puro, distante de qualquer tipo de perigo físico. O que tornou aquela emoção tão opressiva foi — como definir? — o choque moral que recebi, como se algo imensamente monstruoso, intolerável à razão e nocivo à alma fosse jogado sobre mim sem aviso. A sensação não durou mais que uma fração de segundo, seguida pela retomada normal dos sentidos — de perigo mortal, da possibilidade de um ataque ou massacre, ou algo do tipo —, agora eram decididamente bem-vindos e revigorantes. Me senti pacificado, na verdade, a ponto de sequer soar o alarme.

“Um agente dormia em uma cadeira do convés, com seu sobretudo abotoado, a menos de um metro de mim. Os berros não o acordaram. Ele roncava suavemente. Deixei-o com seus sonhos e saltei para a terra. Não traí o sr. Kurtz — a ordem era nunca traí-lo —, estava escrito que eu deveria ser leal ao pesadelo que havia escolhido. Eu estava ansioso para lidar com aquela sombra sozinho — e até então eu não sabia por que me recusava a compartilhar essa peculiar experiência sinistra.

“Notei uma trilha assim que botei os pés na areia — uma trilha larga que seguia pela mata. Me lembro da alegria com que disse a mim mesmo: ‘Ele não pode andar... está andando de quatro... agora eu o peguei.’ O capim estava úmido de orvalho. Marchei rapidamente com os punhos cerrados. Acho que eu tinha a vaga noção de que tropeçaria nele e lhe daria uma surra. Sei lá. Eu tinha umas ideias idiotas. A tricoteira com o gato se interpôs em minha memória como a pessoa mais imprópria a se colocar do outro lado de uma situação como aquela. Avistei uma fileira de peregrinos espirrando chumbo para o alto com suas Winchesters apoiadas nos quadris. Pensei que nunca conseguiria voltar ao vapor e me vi morando sozinho e desarmado na mata, já idoso. Coisas bobas, vocês entendem. E me lembro de confundir as batidas do tambor com as de meu coração, sua cadência me acalmava.

“Continuei pela trilha e parei de ouvir. A noite estava muito clara, era uma área azul escura salpicada de orvalho ao luar. As coisas negras estavam completamente imóveis. Pensei ver algum movimento à minha frente. Naquela noite eu estava estranhamente muito seguro. Enfim me desviei da trilha e corri um grande semicírculo (acredito piamente que ria sozinho) para ver de frente aquela comoção, a movimentação que avistara... se é que havia mesmo visto algo. Eu contornava Kurtz como em uma brincadeira de criança.

“Eu o alcancei e teria caído sobre ele caso não tivesse me ouvido antes e se levantado. Ele estava em pé, titubeante, alto, pálido, indistinto, como um vapor exalado do próprio solo. Ele tremulou levemente, enevoado e silencioso diante de mim. Atrás dele as chamas se elevavam por entre as árvores e o murmúrio de muitas vozes se projetava da floresta. Minha manobra fora inteligente, mas caí em mim ao confrontá-lo, pois entendi o perigo real da situação. Aquilo não havia terminado ainda. Imaginem se ele começasse a gritar! Embora mal pudesse se manter em pé, havia ainda muito vigor em sua voz. ‘Vá embora, esconda-se’, ele disse com seu tom grave. Foi amedrontador. Olhei para trás. Estávamos a menos de trinta metros da fogueira mais próxima. Uma figura negra ficou em pé, marchou com suas longas pernas negras e acenou seus longos braços negros por entre a luz. Ele

tinha chifres em sua cabeça... chifres de antílope, eu acho... Era algum feiticeiro, sem dúvida algum tipo de xamã. Tinha uma aparência demoníaca. ‘Você sabe o que está fazendo?’, sussurrei. ‘Perfeitamente’, ele respondeu, elevando sua voz para proferir aquela única palavra — que me soou ao mesmo tempo distante e ensurdecadora, como uma saudação amplificada por um canudo. ‘Se ele se exaltar, estamos perdidos’, pensei comigo mesmo. Claramente não era a hora de brigar, ainda mais em razão de minha aversão natural a esmurrar aquela ‘sombra’, aquela coisa errante e atormentada. ‘Você estará perdido’, eu disse. ‘Completamente perdido.’ Às vezes a inspiração toma conta de nós, sabe? Eu falei a coisa certa, embora na verdade ele não pudesse estar mais distante de um resgate do que naquele exato momento, quando os alicerces de nossa intimidade estavam se formando... para resistirem... resistirem... até o fim... e além do fim.

“‘Eu tinha grandes planos’, ele murmurou hesitante. ‘Sim’, eu disse. ‘Mas se você tentar gritar eu esmago sua cabeça com...’ Não havia nem galho nem pedra por perto. ‘Eu te estrangulo’, me corrigi. ‘Eu estava no limiar de grandes conquistas’, ele alegou com uma voz saudosa e um tom melancólico que fez meu sangue gelar. ‘E agora, esse cafajeste imbecil...’ ‘Seja lá como acabar, seu sucesso na Europa continua assegurado’, disparei com firmeza. Eu não queria

ter de estrangulá-lo, entendem? E, na verdade, isso traria muito pouco resultado prático. Tentei quebrar o encanto — o encanto pesado e mudo da vastidão — que parecia sugá-lo para seu impiedoso peito com o despertar de instintos primitivos e brutais, com a memória de monstruosas paixões correspondidas. Eu sabia que fora aquilo que o havia levado à beira da floresta, à mata, na direção das fogueiras ardentes, dos tambores retumbantes, do zumbido dos estranhos cânticos. Fora aquilo que seduzira sua alma renegada para além dos limites dos desejos permitidos. E, entendam, meu medo não era ser atingido por um golpe na cabeça, embora eu também tivesse plena noção desse perigo, mas sim de ter que lidar com alguém que não ouviria nenhum apelo, do céu ou do inferno. Eu precisava invocá-lo pessoalmente em sua decadência chocante e inacreditável assim como os negros fizeram. Não havia nada nem acima nem abaixo dele, disso eu tinha certeza. Ele próprio havia se desprendido da realidade aos pontapés. Aquele maldito havia estraçalhado a própria terra. Ele estava só e eu, diante dele, não sabia se fincava os pés ou se saía voando. Tenho sido fiel na reprodução de nossos diálogos, as frases que usamos... mas para quê? Não passam de palavras comuns. Elas soam familiares e difusas quando as usamos no dia a dia. Mas e daí? Para mim, por trás delas havia a terrível sugestão de palavras ouvidas em

sonhos, de frases faladas em pesadelos. Alma! Se alguém já enfrentou uma alma, esse alguém sou eu. Mas eu não discutia com um maluco. Acreditem ou não, sua inteligência se mantinha perfeita. Suspensa sobre ele, é verdade, com terrível intensidade, embora translúcida. Ali residia minha única chance... exceto, é claro, assassiná-lo sumariamente, o que não seria o ideal devido ao inevitável alarde. Mas sua alma estava louca. Deixada sozinha na vastidão, ela havia olhado para dentro de si mesma e, céus! É verdade, ela ficou louca. Eu devia — acho que por meus pecados — passar pelo teste de olhar para dentro de mim. Nada pode ser mais destruidor para a crença de alguém na humanidade do que um jorro final de sinceridade. Ele também se digladiava consigo mesmo. Eu via e ouvia. Enxerguei o inconcebível mistério de uma alma que não tinha limites, fé ou medo, mas que mesmo assim lutava cegamente contra si. Mantive minha sanidade sob controle, mas quando finalmente o deitei sobre o sofá, enxuguei minha testa e minhas pernas tremiam como se eu tivesse carregado meia tonelada colina abaixo. Eu o trouxe com seu braço ossudo em volta de meu pescoço. Ele não era muito mais pesado do que uma criança.

“No dia seguinte, partimos ao meio-dia. A multidão cuja presença atrás da cortina de árvores eu mantive em mente o tempo todo, fluiu das matas novamente, inundou a clareira

e cobriu a encosta com uma massa de corpos nus, agitados e bronzeados. Subi um pouco contra a correnteza e depois manobrei rio abaixo. Dois mil olhos acompanharam as demonstrações do demônio aquático que expelia fumaça preta no ar e espirrava água ao bater ferozmente sua terrível cauda. Na primeira fileira ao longo do rio, três homens, cobertos de barro vermelho da cabeça aos pés, caminhavam como pavões, indo e vindo sem parar. Quando nos aproximamos novamente, eles se voltaram para o rio, bateram os pés no chão, sacudiram os chifres em suas cabeças e ondularam seus corpos escarlates. Exortavam contra o feroz demônio do rio maços de penas negras, uma pele sarnenta ainda com um rabo pendurado e algo que parecia ser uma cabaça seca. Eles eventualmente entoavam séries de palavras surpreendentes que não se pareciam com nenhuma língua humana. E os roucos murmúrios da multidão que subitamente se interrompiam, eram como a resposta àquela ladainha satânica.

“Havíamos carregado Kurtz até a cabine do piloto, pois era mais arejada. Deitado no sofá, ele espiou pela veneziana aberta e fez um tumulto eclodir entre aquela massa de corpos humanos. A mulher com o cabelo de elmo e faces pintadas saiu correndo de dentro dele até a beira do rio. Ela levantou as mãos e bradou algo. E toda aquela turba se embalou em um coro de vozes claras, rápidas e ofegantes.

“Você entende isso?’, perguntei.

“Ele manteve seu olhar através de mim com olhos atentos e sedentos, com uma expressão entre a melancolia e o ódio. Ele não respondeu, mas vi um sorriso — um sorriso de significado indefinível — aparecer em seus lábios pálidos que, no momento seguinte, se retorceram convulsivamente. ‘Se entendo!’, exclamou calmamente, ofegante, como se as palavras lhe tivessem sido arrancadas por uma força sobrenatural.

“Puxei o cordão do apito do barco após perceber que os peregrinos no convés tinham sacado suas espingardas com ar de quem esperava diversão. Houve uma convulsão violenta de terror entre aquele amontoado de corpos. ‘Não! Não os espante’, alguém gritou do convés, desapontado. Tornei a puxar a corda várias e várias vezes. Eles se dispersaram e correram, saltaram, giraram, se contorceram e se esquivaram do medo voador e vibrante. Os três rapazes vermelhos caíram de cara no chão da praia como se fulminados por um tiro. Somente a mulher bárbara e soberba praticamente não se abalou e abriu tragicamente seus braços nus para nós sobre o rio escuro e reluzente.

“Então aquele bando de imbecis no convés deu início à sua diversão. Não se via nada além de fumaça.

“A correnteza parda fluía rapidamente para longe do coração das trevas e nos levava rio abaixo, rumo ao mar, com

o dobro da velocidade de subida. A vida de Kurtz também fluía rapidamente, vazando de seu coração rumo ao oceano do tempo inexorável. O gerente, muito mais tranquilo agora, livre de seus anseios vitais, nos lançou um olhar generoso e satisfeito: o ‘negócio’ se resolvera da melhor forma possível. Em breve, eu seria o último a praticar o ‘método ineficaz’. Os peregrinos olharam para mim com ar de reprovação. Eu estava, digamos assim, marcado para morrer. Foi estranho o modo como aceitei essa parceria inesperada, o pesadelo que escolhi me conduziu a uma terra invadida por aqueles fantasmas brutos e sedentos.

“Kurtz se pronunciou. Sua voz! Sua voz! Um discurso profundo até a última palavra. Ela sobreviveu com seu poder de esconder sob magníficas modulações de eloquência a escuridão estéril de seu coração. Sim, ele relutou e relutou! O que sobrou de seu cérebro exaurido agora era assombrado por imagens tenebrosas... imagens de riqueza e fama orbitavam seu dom infinito de oratória. Minha prometida, minha estação, minha carreira, minhas ideias. Eram os temas de seus inflamados pronunciamentos ocasionais. A sombra do Kurtz original velava a farsa vazia cujo destino agora era ser imediatamente devolvido e enterrado no barro primordial. Tanto o amor diabólico como o ódio universal dos mistérios que o possuíam lutavam pelo domínio

daquela alma inchada de emoções primitivas, ávida pela fama e reconhecimento enganosos, por todas as miragens de sucesso e de poder.

“Às vezes ele era uma mera criança. Seu desejo era que reis o saudassem nas estações ferroviárias em sua viagem de volta para Lugar Nenhum onde realizaria grandes feitos. ‘Basta provar a eles sua capacidade de ser lucrativo e não haverá limites para o reconhecimento de seu talento’, ele dizia. ‘Obviamente sempre é preciso levar em conta os motivos... os motivos certos.’ O vapor passava por trechos de rio tão imensos que se pareciam um só grande colosso, curvas monótonas exatamente iguais, com suas multidões de árvores seculares observando pacientemente aquele fragmento encardido vindo de outro mundo, o arauto da mudança, da conquista, do comércio, dos massacres, das bênçãos. Eu pilotava olhando adiante. ‘Feche a veneziana’, disse Kurtz certo dia. ‘Não suporto olhar para isso’. Eu a fechei. Ficamos em silêncio. ‘Ah, mas um dia eu ainda espremei o suco de seu coração!’, ele gritou para a vastidão invisível.

“O barco enguiçou — como eu havia previsto — e tivemos que parar para o concerto na ponta de uma ilha. Esse atraso foi o primeiro abalo na confiança de Kurtz. Certa manhã ele me deu um maço de folhas e uma fotografia amarrados com um cadarço de sapato. ‘Guarde isto para mim’,

ele disse. ‘Se eu me distrair, esse canalha idiota (ele se referia ao gerente) é capaz de fuçar nas minhas caixas.’ Fui vê-lo à tarde. Estava deitado de costas com os olhos fechados. Recuei sem fazer barulho, mas o ouvi murmurar: ‘Viva dignamente, morra, morra...’ Nada mais. Ele ensaiava algum discurso em seu sonho, ou seriam trechos de alguma matéria de jornal? Ele escrevia para jornais e queria continuar pois ‘é meu dever continuar propagando minhas ideias’.

“Sua escuridão era impenetrável. Eu o via como se olha alguém que caiu no fundo de um precipício onde a luz do sol não chega. Mas meu tempo para ele era escasso, pois com a ajuda do maquinista desmontei os cilindros com vazamento, endireitei uma haste de suporte e coisas do tipo. Minha vida se tornou um amontoado de ferrugem, vedações, porcas, parafusos, chaves, marretas, furadeiras... são coisas que abomino pois não me familiarizo com elas. Eu cuidava da pequena forja que felizmente tínhamos a bordo; e trabalhava sem parar na maldita pilha de ferro-velho... exceto quando minha tremedeira me impedia de ficar em pé.

“Certa noite, ao levar uma vela, fiquei surpreso ao ouvi-lo dizer um tanto titubeante: ‘Estou aqui no escuro, deitado, esperando pela morte’. A chama estava a um palmo de seus olhos. Me forcei a murmurar: ‘Deixe disso!’ e me mantive impávido ao seu lado.

“Nunca vi nada parecido com o que aconteceu com suas feições e espero nunca mais ver. Mas não me comovi. Fiquei foi fascinado. Era como se um véu tivesse se rasgado. Vi naquela face pálida a expressão de um orgulho sombrio, uma força cruel, um terror covarde, de intenso desespero. Será que ele revivia todos os detalhes de sua vida novamente, seus desejos, tentações e entregas naquele momento supremo de onisciência? Em um sussurro agitado para alguma imagem, alguma miragem, ele gritou duas vezes, um grito que não passava de um suspiro:

“O horror! O horror!”

“Saí da cabine e apaguei a vela. Os peregrinos jantavam no refeitório e me sentei diante do gerente, que levantou seu olhar em um tom inquisidor — que consegui ignorar. Ele se espichou para trás, sereno, com aquele sorriso peculiar que escondia os segredos do que ele não demonstrava. Uma chuva insistente de mosquitinhos caía sobre o lampião, a toalha, nossas mãos e rostos. De repente, a cabeça insolente de seu ajudante apareceu na porta e disse em um tom de puro desprezo:

“O sinhô Kurtz — tá morto.”

Todos correram para verificar. Eu permaneci e terminei meu jantar. Devem ter me achado extremamente insensível. Contudo, não comi muito mais. Havia um lampião lá dentro,

uma luz... não sei bem... e lá fora a escuridão era sobrenatural. Não me aproximei mais daquele homem notável que havia registrado seu julgamento sobre as aventuras de sua alma neste plano. Sua voz havia partido. O que mais teria restado dele? Obviamente eu estava ciente de que no dia seguinte os peregrinos enterrariam algo em um buraco na lama.

“Eles quase me enterraram junto.

“Contudo, como podem ver, não me juntei a Kurtz naquele momento e nem depois. Não mesmo. Continuei a sonhar o pesadelo até seu final e assim demonstrei novamente minha lealdade a Kurtz. Destino. Meu destino! Como a vida é curiosa... a impiedosa lógica se organiza misteriosamente para um resultado fútil. O máximo que podemos esperar disso é um pouco de autoconhecimento, que acaba chegando tarde demais... uma colheita infundável de arrependimentos. Tenho me digladiado com a morte. É a batalha mais enfadonha que se pode imaginar. Ela ocorre em um ambiente cinzento e etéreo, sem um substrato, sem nada em volta, sem plateia, sem ovações, sem glória, sem grandes desejos de vitória, sem grandes medos ou derrotas, em uma atmosfera desolada e árida, sem muita certeza sobre seus direitos e muito menos os de seu adversário. Se essa é a face da sabedoria definitiva, então a vida é uma charada muito maior do que costumamos acreditar. Aquela era minha última oportunidade de

me pronunciar. Reconheci humilhado que provavelmente não tinha nada a dizer. Essa é a razão pela qual reafirmo que Kurtz era um homem sem igual. Ele tinha algo a dizer. E ele disse. Desde que espiei pelo limiar da borda, compreendi melhor o significado de seu olhar, sua incapacidade de ver a chama da vela, e ao mesmo tempo algo tão poderoso que abraçava todo o universo, ferino o bastante para penetrar em todos os corações que habitam na escuridão. Ele havia compilado tudo e dado seu veredito. ‘O horror!’ Era mesmo uma pessoa inigualável. Afinal, aquilo era a manifestação de uma espécie de crença; possuía candura, convicção, uma nota de revolta que vibrava em suas palavras, o rosto estarecedor do vislumbre da verdade... uma mescla de desejo e ódio. Mas o que mais me lembro não é a minha parte, uma visão parda e disforme, repleta de dor física e um completo desdém pela perda de todas as coisas — até mesmo dessa própria dor. Não! Essa é a parte dele, que agora me parece ser onde tenho habitado. A verdade é que ele deu o passo derradeiro e ultrapassou o limite enquanto me foi permitido recuar com pés hesitantes. Talvez a diferença toda resida aí, talvez toda a sabedoria e toda a verdade, e toda a sinceridade estejam acumuladas naquele momento furtivo quando ultrapassamos o perímetro para o invisível. Talvez! Gosto de pensar que minha compilação não traria sequer uma palavra

de completo desdém. Melhor, muito melhor, é seu lamento. Tratava-se de uma afirmação, uma vitória moral paga com incontáveis derrotas, por terrores e caprichos abomináveis. Mas era uma vitória, afinal! Por isso me mantive leal a Kurtz até o fim e também além do fim, quando muito tempo depois ouvi mais uma vez, não sua voz, mas o eco de sua eloquência magnífica arremessada contra mim por uma alma pura e translúcida como uma montanha de cristal.

“Não, eles não me enterraram, embora uma parte de minhas lembranças desse período sejam confusas, de um deslumbramento paralisante, como a passagem para um mundo inconcebível no qual não existe esperança ou desejo. Me vi de volta à cidade de lápides, incomodado em ver as pessoas apressadas pelas ruas a tramar pelo dinheiro dos outros, a devorar seus pratos sem sabor, a tomar sua cerveja choca, a sonhar seus sonhos insignificantes e tolos. Eles invadiam meus pensamentos. Eram invasores cujo conhecimento da vida para mim não passava de uma pretensão irritante, pois eu tinha certeza absoluta de que eles não sabiam o que eu sabia. Suas vidas, que eram vidas simples de gente que busca nada mais que segurança, eram tão ofensivas para mim quanto alegar loucura diante de algum perigo incompreensível por si só. Eu estava longe de querer avisá-los, mas tinha dificuldade em não gargalhar de seus rostos tão

cheios de empáfia. Arrisco dizer que eu não estava muito bem naquela época. Eu cambaleava pelas ruas, pois tinha vários assuntos a resolver... eu rosnava, revoltado, para pessoas perfeitamente respeitáveis. Admito que meu comportamento era imperdoável e minha única defesa é que minha temperatura variava muito de um dia para o outro. As tentativas de minha querida tia em ‘recuperar minha força’ pareciam completamente sem sentido. Não era minha força que precisava de cuidados, mas sim minha mente que precisava de aconchego. Guardei a pilha de papéis que Kurtz me deu sem saber exatamente o que fazer com ela. Sua mãe falecera recentemente sob os cuidados, conforme me disseram, de sua prometida. Certa vez, um homem de barba feita, com trejeitos de oficial e óculos de aros dourados me convocou para um interrogatório. A princípio um tanto esquivo, logo se mostrou mais incisivo sobre o que ele chamava de ‘certos documentos’. Não me surpreendi pois já discutira duas vezes com o gerente sobre o mesmo assunto. Me recusei a ceder a ele sequer uma letra daquele pacote, e fiz o mesmo com o oficial. No final, ele se tornou sombrio e ameaçador, afirmando que a Companhia tinha direitos sobre qualquer informação de seus ‘territórios’. Ele disse: ‘O conhecimento do sr. Kurtz sobre regiões inexploradas certamente era muito vasto e único, graças aos seus grandes talentos e à situação

deplorável na qual ele foi colocado. Portanto...’ Garanti a ele que o conhecimento do sr. Kurtz, por mais vasto, não dizia respeito a problemas comerciais ou administrativos. Então ele apelou para a ciência. ‘Seria uma perda incalculável se...’ etc. Ofereci a ele o relatório sobre o Banimento dos Costumes Selvagens, exceto seu adendo. Ele o agarrou na hora, mas acabou folheando-o com ar contrariado. ‘Isto não era o que esperávamos’, apontou. ‘Não espere nada além disso’, redargui. ‘Só há cartas pessoais.’ Ele ameaçou algo sobre procedimentos legais e nunca mais o vi. Um outro senhor, que se dizia primo de Kurtz, apareceu dois dias depois, ansioso por saber todos os detalhes dos últimos momentos de seu querido parente. Casualmente ele me contou que Kurtz fora um grande músico. ‘Ele estava destinado a um grande sucesso’, disse o homem, que era, acredito, um organista com cabelos grisalhos que caíam sobre seu colarinho oleoso. Eu não tinha motivos para duvidar, embora até hoje eu seja incapaz de dizer qual era a profissão de Kurtz, se é que teve alguma... aliás, este era um de seus grandes talentos. Eu achava que ele era um pintor que escrevia para os jornais, ou então que fosse um jornalista que pintava... mas nem seu primo (que cheirou rapé durante a conversa) sabia dizer exatamente o que ele fora. Ele era um gênio universal — e nessa hora eu concordei com o velhote, que então assoou seu nariz como

uma trombeta em um lenço de algodão e depois se foi em sua agitação senil, levando algumas cartas de família e objetos sem importância. Por último, apareceu um jornalista ansioso por saber algo sobre o destino de seu ‘caro colega’. O visitante me informou que a esfera adequada a Kurtz seria a política ‘do lado popular’. Ele tinha sobrancelhas peludas, cabelo espetado, monóculo preso a uma fita larga e, ao se soltar mais, confessou que na sua opinião Kurtz não servia para escrever, mas, ‘céus!’, como falava. Ele energizava grandes reuniões. Ele tinha fé, entendem? Ele tinha fé. Ele conseguia se forçar a acreditar em qualquer coisa. Ele teria sido um extraordinário líder político de algum partido radical. ‘De qual partido?’, perguntei. ‘Qualquer um’, respondeu o outro. ‘Ele era um... um extremista.’ Minha opinião era a mesma? Assenti. Eu saberia dizer, ele perguntou com um lampejo repentino de curiosidade, ‘o que o havia atraído para lá?’ ‘Sim’, respondi e, em seguida, dei a ele o famoso relatório para ser publicado, caso achasse válido. Ele passou os olhos por ele, balbuciando sem parar até decidir que ‘tem lá o seu valor’. E se foi levando seu espólio.

“Então fiquei somente com um tímido feixe de cartas e a foto da moça. Sua beleza me cativou... ou melhor, ela tinha um rosto lindo. Sei bem que até a luz do sol pode mentir, mas não parecia haver nenhuma manipulação ótica ou ângulo

capaz de criar contornos tão delicados artificialmente. Ela parecia pronta a me ouvir, sem preconceitos, sem julgamentos, sem egoísmo. Decidi devolver seu retrato e as cartas pessoalmente. Curiosidade? Sim, e talvez algum outro sentimento. Tudo o que uma vez fora de Kurtz agora havia passado para minhas mãos: sua alma, seu corpo, sua estação, seus planos, seu marfim, sua carreira. Restava apenas sua memória e sua prometida... e, de certa maneira, eu gostaria de também entregar esses artefatos ao passado: entregar tudo o que restava dele em meu poder para o esquecimento, que é o final comum de nossas vidas. Não estou me defendendo. Eu não tinha uma visão clara do que realmente queria. Talvez fosse um impulso de lealdade instintiva, ou o chamado de alguma daquelas necessidades irônicas que perscrutam os fatos da existência humana. Eu não sei. Não posso dizer. Mas eu fui.

“Achei que sua memória fosse como as outras memórias dos mortos, que se acumulam em nossa rotina: uma vaga sombra impressa no cérebro em sua passagem rápida e derradeira. Mas diante da porta alta e imponente, entre os sobrados da rua calma e organizada que me lembrava um cemitério, a visão dele sobre a maca se abateu sobre mim. Ele abria sua boca faminta, como se fosse devorar a terra e a humanidade. Estava vivo diante de mim. Tão vivo quanto sempre fora... uma treva insaciável de esplêndidas aparições

ou realidades assustadoras. Uma sombra mais negra que a sombra da noite, nobremente plissada com dobras da invejável eloquência. A visão pareceu entrar na casa junto comigo. A maca, os carregadores fantasmas, a multidão selvagem de obedientes adoradores, a floresta soturna, o trecho reluzente entre as margens lamacentas, a batida do tambor, regular e abafada como a batida de um coração — o vitorioso coração das trevas. Foi um momento de triunfo para a vastidão, uma investida vingativa que, ao meu ver, eu deveria assimilar para salvar uma outra alma. E a memória distante do que o ouvi falar, com as silhuetas galhadas atrás de mim, o clarão das fogueiras dentro da paciente mata, aquelas frases entrecortadas, retornam para mim e ressoaram novamente em sua simplicidade agourenta e ameaçadora. Me lembrei das juras e ameaças desprezíveis, da escala colossal de seus piores desejos, da maldade, do tormento, da aflição indomável de sua alma. Posteriormente tive a impressão de ver sua figura debilitada quando me disse, certo dia, que ‘Este lote de marfim agora é realmente meu. A Companhia não pagou por ele. Arrisquei minha vida para juntá-lo. Mas temo que dirão que é propriedade deles. É. Um caso delicado. O que acha que devo fazer? Resistir? Hein? Só quero justiça.’ Ele não queria nada além de justiça. Nada. Toquei a campainha diante da porta de mogno no primeiro andar e, enquanto

aguardava, ele parecia me fitar por detrás de uma lâmina de vidro... me fitava com um olhar vasto e imenso, abraçando, condenando e odiando todo o universo. Eu parecia ouvir seu lamento: ‘O horror! O horror!’

“A noite caía. Tive de esperar em uma grande sala de estar com três altas janelas, do chão ao teto, que se pareciam mais com três colunas luminosas feitas de tecido. As pernas e encostos da mobília, retorcidos e dourados, emitiam reflexos furta-cor. A imponente lareira de mármore tinha uma brancura fria e monumental. Um piano de cauda se posicionava no canto, com fulgores negros em sua superfície plana como um sarcófago sóbrio e lustroso. Uma grande porta se abriu, depois se fechou. Me levantei.

“Ela se aproximou, toda de preto, com seu semblante pálido, flutuando no poente até mim. Ela se mantinha de luto. Já se iam mais de um ano da morte de Kurtz, mais de um ano que as notícias chegaram até ela. A sensação era de que ela se recordaria e lamentaria por toda sua vida. Tomou minhas mãos e murmurou: ‘Me disseram que você vinha’. Notei que não era tão jovem, ou melhor, que não era tão menina. Aparentava aptidão para a fidelidade, fé e sofrimento. A sala pareceu ficar ainda mais escura, como se toda a triste luz daquela tarde nublada se refugiasse em sua testa. Seus cabelos claros, seu semblante pálido e sua fronte inocente

pareciam rodeados por uma aura prateada através da qual seus olhos me fitavam. Seu olhar era sincero, profundo, seguro e confiável. Ela mantinha seu rosto triste como se tivesse orgulho daquela tristeza, embora ela dissesse: ‘Somente... somente eu sei como guardar o luto que ele merece’. Ao nos cumprimentarmos, um pesar de completa desolação tomou seu rosto e percebi que ela era uma criatura que se recusava a ser subjugada pelo tempo. Para ela, ele havia morrido no dia anterior. E, céus, a impressão também era tão forte para mim que não parecia que ele havia morrido ontem, mas sim naquele exato minuto. Vi ambos convivendo no mesmo instante — sua morte e seu pesar. Vi sua tristeza no exato momento de sua morte. Vocês conseguem entender? Eu os imaginava juntos, os ouvia juntos. Ela disse, com um profundo suspiro: ‘Eu sobrevivi’, enquanto meus velhos ouvidos pareciam ouvir claramente, em meio ao seu tom de arrependimento e desespero, o sussurro final de sua condenação eterna. Me perguntei por que fui até lá, com uma sensação de pânico no coração como se eu houvesse invadido um lugar de mistérios cruéis e absurdos, inadequados para um ser humano. Ela me trouxe uma cadeira. Nos sentamos. Coloquei o embrulho gentilmente sobre a pequena mesa e ela pousou a mão sobre ele... ‘Você o conhecia bem’, ela murmurou depois de um momento de pesado silêncio.

“Lá, a intimidade cresce rápido’, eu disse. ‘Eu o conheci tão bem quanto é possível se conhecer uma pessoa.’

“E você o admirava’, ela constatou. ‘Era impossível conhecê-lo e não o admirar, não é?’

“Ele era alguém notável’, respondi hesitante. Então, diante de seu olhar fixo e suplicante, que parecia aguardar mais palavras, continuei: ‘Era impossível não...’

“Amá-lo’, ela completou ansiosa, me deixando completamente emudecido. ‘É verdade! É verdade! Mas penso que ninguém o conhecia tão bem quando eu. Ele confiava em mim plenamente. Eu o conhecia melhor do que todos.’

“O conhecia melhor do que todos’, repeti. E talvez conhecesse mesmo. Mas a cada palavra dita, aquele lugar ficava mais escuro e somente sua testa, lisa e branca, permanecia iluminada pela luz indestrutível da fé e do amor.

“Você foi amigo dele’, ela continuou. ‘Amigo dele’, repetiu um tom acima. ‘Deve ter sido, pois te deu isto e pediu que entregasse a mim. Sinto que posso ser sincera com você e, céus, preciso desabafar. Quero que você — você que ouviu suas últimas palavras — saiba que tenho sido fiel a ele... não é orgulho... sim! Me orgulho por conhecê-lo melhor do que qualquer pessoa... ele mesmo me disse isso. E desde que a mãe dele morreu, não tenho mais ninguém para... para...’

“Eu a ouvia. A escuridão aumentava. Eu nem tinha certeza de que ele havia me dado o pacote correto. Suspeito que ele queria que eu cuidasse de outro maço de papéis que, após sua morte, vi sendo examinado pelo gerente sob o lampião. E a garota falou, suavizando sua dor e confiando em minha simpatia. Ela falava como alguém com muita sede toma água. Eu sabia que seu noivado com Kurtz não tinha a aprovação de seus parentes. Ele não era rico o suficiente ou algo assim. E, de fato, não sabia se fora pobre a vida inteira. Ele me deu motivos para acreditar que a irritação com sua relativa pobreza o havia atraído para lá.

“Qualquer um que o ouvisse se tornaria seu amigo’, ela continuou. ‘Ele conquistava as pessoas com o que havia de melhor nelas.’ Ela me olhou intensamente. ‘Esse é o dom dos grandes homens’, continuou. O som de sua voz parecia acompanhado por todos os outros sons, cheia de mistério, esgotamento e tristeza já familiares... as ondulações do rio, o farfalhar das árvores ao vento, o vozerio das multidões, a ladainha incompreensível vinda de longe, o sussurro de uma voz que falava além do limite das trevas eternas. ‘E você o ouviu! Você sabe!’, ela exclamou.

“Sim, eu sei’, respondi com certo desespero em meu coração, e curvei minha cabeça perante sua fé, diante daquela ilusão salvadora a brilhar como um espectro na escuridão, a

escuridão triunfante da qual eu não era capaz de defendê-la... da qual nem mesmo eu podia me defender.

“Uma grande perda... para nós!’, ela se corrigiu com uma graciosa generosidade. Então adicionou em voz baixa: ‘Para o mundo.’ Nos últimos fulgores do crepúsculo pude ver o brilho de seus olhos, cheios de lágrimas — lágrimas que não rolavam.

“Fui muito feliz, tive muita sorte e me orgulho’, continuou. ‘Muita sorte. Fui feliz demais por algum tempo. E agora serei infeliz para... o resto da vida.’

“Ela se levantou. Seus cabelos claros pareciam condensar toda a luz restante em um fecho dourado. Me levantei também.

“E de tudo isso’, ela continuou pesarosa, ‘de todas as promessas, de toda a grandeza de sua mente generosa, seu coração nobre, nada restou além de uma memória. Sua e minha...’

“Lembraremos dele para sempre’, disparei.

“Não!’, ela exclamou. ‘É impossível que tudo isso se perca, que uma vida dessas seja sacrificada sem deixar vestígios... apenas tristeza. Você sabe dos grandes planos que ele tinha. Eu também sabia... talvez eu não conseguisse compreender. Outras pessoas também sabiam. Algo precisa sobreviver. Suas palavras, pelo menos, não morreram.’

“Suas palavras permanecerão’, eu disse.

“E seu exemplo’, ela disse baixo para si. ‘As pessoas o admiravam... sua bondade despontava em cada gesto. Seu exemplo...’

“É verdade’, eu disse. ‘Seu exemplo também. Sim, seu exemplo. Me esqueci disso.’

“Mas eu não. Não consigo... não posso acreditar. Ainda não. Não posso acreditar que nunca mais o verei e que ninguém mais o verá. Nunca, nunca, nunca mais.

“Ela projetou seus braços como se tentasse alcançar alguém à distância e então os recolheu com os punhos fechados sob a luz já fraca que entrava pela janela. Nunca mais? Eu o via claramente. E devo continuar a ver aquele fantasma tagarela enquanto viver. E também a verei, sua silhueta trágica e familiar, que me lembrava ainda outra, também trágica, adornada com amuletos inúteis, lançando seus braços morenos e nus sobre os brilhos de uma correnteza infernal, uma correnteza de trevas. De repente ela disse, muito baixo: ‘Ele morreu como viveu.’

“Seu fim’, eu disse, impulsionado por uma raiva latente, ‘foi completamente digno de sua vida’.

“Mas eu não estava com ele’, ela balbuciou. Minha raiva se rendeu a um sentimento de pena infinita.

“Tudo o que poderia ser feito...’, resmunguei.

“E eu acreditava mais nele do que em qualquer outra coisa... mais do que em minha mãe, mais do que ele mesmo

acreditava em si. Ele precisava de mim! De mim! Eu teria guardado cada suspiro, cada palavra, cada gesto, cada olhar.’

“Senti um aperto congelar meu peito. ‘Não’, eu disse com uma voz abafada.

“Me desculpe. Eu... eu o tenho velado por tanto tempo em silêncio... em silêncio. Você esteve com ele... até o fim? Imagino sua solidão. Ninguém por perto que o entendesse como eu. Talvez ninguém para ouvi-lo...’

“‘Até o fim’, disse, trêmulo. ‘Suas últimas palavras...’ e parei de repente.

“‘Quero ouvi-las’, ela murmurou em um tom de desamparo. ‘Quero... quero algo... algo para guardar a vida toda.’

“Eu estava a ponto de gritar: ‘Mas você não está ouvindo?’ O crepúsculo as repetia em um sussurro persistente que preenchia a tudo, algo que parecia se agigantar ameaçadoramente como a primeira lufada que anuncia um vendaval. ‘O horror! O horror!’

“‘Quero guardar... suas últimas palavras’, ela insistiu. ‘Não compreende que eu o amava? O amava... amava!’

“Me recompus e falei calmamente.

“‘A última palavra que ele pronunciou foi... o seu nome.’

“Ouvi um suave suspiro e então meu coração parou, assassinado por um terrível grito de exultação, de completo triunfo e de dor insuportável. ‘Eu sabia... eu tinha certeza!’

Ela sabia. Ela tinha certeza. Mesmo com as mãos sobre seu rosto eu a ouvia chorar. Eu sentia que a casa desabaria antes que eu pudesse escapar, que o céu despencaria sobre a minha cabeça. Mas nada disso aconteceu. O céu não desaba fácil assim. Será que teria desabado se eu tivesse concedido a Kurtz a justiça que ele merecia? Ele não tinha dito que só queria justiça? Mas fui incapaz. Não pude contar a ela. Teria sido cruel demais. Completamente cruel”.

Marlow parou e foi se sentar mais adiante, esgotado e silencioso, como um Buda a meditar. Ninguém se moveu por algum tempo. “Perdemos a vazante”, disparou o diretor. Olhei para cima. O alto mar estava coberto por uma massa de nuvens negras e o tranquilo curso do rio que leva aos confins da terra fluía, sóbrio, sob um céu carregado — parecia apontar o caminho para um coração de trevas imensas.





Heart of Darkness

Joseph Conrad

The Nellie, a cruising yawl, swung to her anchor without a flutter of the sails, and was at rest. The flood had made, the wind was nearly calm, and being bound down the river, the only thing for it was to come to and wait for the turn of the tide.

The sea-reach of the Thames stretched before us like the beginning of an interminable waterway. In the offing the sea and the sky were welded together without a joint, and in the luminous space the tanned sails of the barges drifting up with the tide seemed to stand still in red clusters of canvas sharply peaked, with gleams of varnished sprits. A haze rested on the low shores that ran out to sea in vanishing flatness. The air was dark above Gravesend, and farther back still seemed condensed into a mournful gloom, brooding motionless over the biggest, and the greatest, town on earth.

The Director of Companies was our captain and our host. We four affectionately watched his back as he stood in the bows looking to seaward. On the whole river there was nothing that looked half so nautical. He resembled a pilot, which to a seaman is trustworthiness personified. It was

difficult to realize his work was not out there in the luminous estuary, but behind him, within the brooding gloom.

Between us there was, as I have already said somewhere, the bond of the sea. Besides holding our hearts together through long periods of separation, it had the effect of making us tolerant of each other's yarns—and even convictions. The Lawyer—the best of old fellows—had, because of his many years and many virtues, the only cushion on deck, and was lying on the only rug. The Accountant had brought out already a box of dominoes, and was toying architecturally with the bones. Marlow sat cross-legged right aft, leaning against the mizzen-mast. He had sunken cheeks, a yellow complexion, a straight back, an ascetic aspect, and, with his arms dropped, the palms of hands outwards, resembled an idol. The director, satisfied the anchor had good hold, made his way aft and sat down amongst us. We exchanged a few words lazily. Afterwards there was silence on board the yacht. For some reason or other we did not begin that game of dominoes. We felt meditative, and fit for nothing but placid staring. The day was ending in a serenity of still and exquisite brilliance. The water shone pacifically; the sky, without a speck, was a benign immensity of unstained light; the very mist on the Essex marsh was like a gauzy and radiant fabric, hung from the wooded rises inland, and draping the

low shores in diaphanous folds. Only the gloom to the west, brooding over the upper reaches, became more sombre every minute, as if angered by the approach of the sun.

And at last, in its curved and imperceptible fall, the sun sank low, and from glowing white changed to a dull red without rays and without heat, as if about to go out suddenly, stricken to death by the touch of that gloom brooding over a crowd of men.

Forthwith a change came over the waters, and the serenity became less brilliant but more profound. The old river in its broad reach rested unruffled at the decline of day, after ages of good service done to the race that peopled its banks, spread out in the tranquil dignity of a waterway leading to the uttermost ends of the earth. We looked at the venerable stream not in the vivid flush of a short day that comes and departs for ever, but in the august light of abiding memories. And indeed nothing is easier for a man who has, as the phrase goes, “followed the sea” with reverence and affection, than to evoke the great spirit of the past upon the lower reaches of the Thames. The tidal current runs to and fro in its unceasing service, crowded with memories of men and ships it had borne to the rest of home or to the battles of the sea. It had known and served all the men of whom the nation is proud, from Sir Francis Drake to Sir John Franklin,

knights all, titled and untitled—the great knights-errant of the sea. It had borne all the ships whose names are like jewels flashing in the night of time, from the Golden Hind returning with her rotund flanks full of treasure, to be visited by the Queen’s Highness and thus pass out of the gigantic tale, to the Erebus and Terror, bound on other conquests—and that never returned. It had known the ships and the men. They had sailed from Deptford, from Greenwich, from Erith—the adventurers and the settlers; kings’ ships and the ships of men on ‘Change; captains, admirals, the dark “interlopers” of the Eastern trade, and the commissioned “generals” of East India fleets. Hunters for gold or pursuers of fame, they all had gone out on that stream, bearing the sword, and often the torch, messengers of the might within the land, bearers of a spark from the sacred fire. What greatness had not floated on the ebb of that river into the mystery of an unknown earth!... The dreams of men, the seed of commonwealths, the germs of empires.

The sun set; the dusk fell on the stream, and lights began to appear along the shore. The Chapman light-house, a three-legged thing erect on a mud-flat, shone strongly. Lights of ships moved in the fairway—a great stir of lights going up and going down. And farther west on the upper reaches the place of the monstrous town was still marked

ominously on the sky, a brooding gloom in sunshine, a lurid glare under the stars.

“And this also,” said Marlow suddenly, “has been one of the dark places of the earth.”

He was the only man of us who still “followed the sea.” The worst that could be said of him was that he did not represent his class. He was a seaman, but he was a wanderer, too, while most seamen lead, if one may so express it, a sedentary life. Their minds are of the stay-at-home order, and their home is always with them—the ship; and so is their country—the sea. One ship is very much like another, and the sea is always the same. In the immutability of their surroundings the foreign shores, the foreign faces, the changing immensity of life, glide past, veiled not by a sense of mystery but by a slightly disdainful ignorance; for there is nothing mysterious to a seaman unless it be the sea itself, which is the mistress of his existence and as inscrutable as Destiny. For the rest, after his hours of work, a casual stroll or a casual spree on shore suffices to unfold for him the secret of a whole continent, and generally he finds the secret not worth knowing. The yarns of seamen have a direct simplicity, the whole meaning of which lies within the shell of a cracked nut. But Marlow was not typical (if his propensity to spin yarns be excepted), and to him the meaning of an episode

was not inside like a kernel but outside, enveloping the tale which brought it out only as a glow brings out a haze, in the likeness of one of these misty halos that sometimes are made visible by the spectral illumination of moonshine.

His remark did not seem at all surprising. It was just like Marlow. It was accepted in silence. No one took the trouble to grunt even; and presently he said, very slow—"I was thinking of very old times, when the Romans first came here, nineteen hundred years ago—the other day Light came out of this river since—you say Knights? Yes; but it is like a running blaze on a plain, like a flash of lightning in the clouds. We live in the flicker—may it last as long as the old earth keeps rolling! But darkness was here yesterday. Imagine the feelings of a commander of a fine—what d'ye call 'em?—trireme in the Mediterranean, ordered suddenly to the north; run overland across the Gauls in a hurry; put in charge of one of these craft the legionaries—a wonderful lot of handy men they must have been, too—used to build, apparently by the hundred, in a month or two, if we may believe what we read. Imagine him here—the very end of the world, a sea the colour of lead, a sky the colour of smoke, a kind of ship about as rigid as a concertina—and going up this river with stores, or orders, or what you like. Sand-banks, marshes, forests, savages,—precious little to eat fit for a civilized man, nothing

but Thames water to drink. No Falernian wine here, no going ashore. Here and there a military camp lost in a wilderness, like a needle in a bundle of hay—cold, fog, tempests, disease, exile, and death—death skulking in the air, in the water, in the bush. They must have been dying like flies here. Oh, yes—he did it. Did it very well, too, no doubt, and without thinking much about it either, except afterwards to brag of what he had gone through in his time, perhaps. They were men enough to face the darkness. And perhaps he was cheered by keeping his eye on a chance of promotion to the fleet at Ravenna by and by, if he had good friends in Rome and survived the awful climate. Or think of a decent young citizen in a toga—perhaps too much dice, you know—coming out here in the train of some prefect, or tax-gatherer, or trader even, to mend his fortunes. Land in a swamp, march through the woods, and in some inland post feel the savagery, the utter savagery, had closed round him—all that mysterious life of the wilderness that stirs in the forest, in the jungles, in the hearts of wild men. There's no initiation either into such mysteries. He has to live in the midst of the incomprehensible, which is also detestable. And it has a fascination, too, that goes to work upon him. The fascination of the abomination—you know, imagine the growing regrets, the longing to escape, the powerless disgust, the surrender, the hate.”

He paused.

“Mind,” he began again, lifting one arm from the elbow, the palm of the hand outwards, so that, with his legs folded before him, he had the pose of a Buddha preaching in European clothes and without a lotus-flower—“Mind, none of us would feel exactly like this. What saves us is efficiency—the devotion to efficiency. But these chaps were not much account, really. They were no colonists; their administration was merely a squeeze, and nothing more, I suspect. They were conquerors, and for that you want only brute force—nothing to boast of, when you have it, since your strength is just an accident arising from the weakness of others. They grabbed what they could get for the sake of what was to be got. It was just robbery with violence, aggravated murder on a great scale, and men going at it blind—as is very proper for those who tackle a darkness. The conquest of the earth, which mostly means the taking it away from those who have a different complexion or slightly flatter noses than ourselves, is not a pretty thing when you look into it too much. What redeems it is the idea only. An idea at the back of it; not a sentimental pretence but an idea; and an unselfish belief in the idea—something you can set up, and bow down before, and offer a sacrifice to....”

He broke off. Flames glided in the river, small green flames, red flames, white flames, pursuing, overtaking,

joining, crossing each other—then separating slowly or hastily. The traffic of the great city went on in the deepening night upon the sleepless river. We looked on, waiting patiently—there was nothing else to do till the end of the flood; but it was only after a long silence, when he said, in a hesitating voice, “I suppose you fellows remember I did once turn fresh-water sailor for a bit,” that we knew we were fated, before the ebb began to run, to hear about one of Marlow’s inconclusive experiences.

“I don’t want to bother you much with what happened to me personally,” he began, showing in this remark the weakness of many tellers of tales who seem so often unaware of what their audience would like best to hear; “yet to understand the effect of it on me you ought to know how I got out there, what I saw, how I went up that river to the place where I first met the poor chap. It was the farthest point of navigation and the culminating point of my experience. It seemed somehow to throw a kind of light on everything about me—and into my thoughts. It was sombre enough, too—and pitiful—not extraordinary in any way—not very clear either. No, not very clear. And yet it seemed to throw a kind of light.

“I had then, as you remember, just returned to London after a lot of Indian Ocean, Pacific, China Seas—a regular

dose of the East—six years or so, and I was loafing about, hindering you fellows in your work and invading your homes, just as though I had got a heavenly mission to civilize you. It was very fine for a time, but after a bit I did get tired of resting. Then I began to look for a ship—I should think the hardest work on earth. But the ships wouldn't even look at me. And I got tired of that game, too.

“Now when I was a little chap I had a passion for maps. I would look for hours at South America, or Africa, or Australia, and lose myself in all the glories of exploration. At that time there were many blank spaces on the earth, and when I saw one that looked particularly inviting on a map (but they all look that) I would put my finger on it and say, ‘When I grow up I will go there.’ The North Pole was one of these places, I remember. Well, I haven't been there yet, and shall not try now. The glamour's off. Other places were scattered about the hemispheres. I have been in some of them, and... well, we won't talk about that. But there was one yet—the biggest, the most blank, so to speak—that I had a hankering after.

“True, by this time it was not a blank space any more. It had got filled since my boyhood with rivers and lakes and names. It had ceased to be a blank space of delightful mystery—a white patch for a boy to dream gloriously over.

It had become a place of darkness. But there was in it one river especially, a mighty big river, that you could see on the map, resembling an immense snake uncoiled, with its head in the sea, its body at rest curving afar over a vast country, and its tail lost in the depths of the land. And as I looked at the map of it in a shop-window, it fascinated me as a snake would a bird—a silly little bird. Then I remembered there was a big concern, a Company for trade on that river. Dash it all! I thought to myself, they can't trade without using some kind of craft on that lot of fresh water—steamboats! Why shouldn't I try to get charge of one? I went on along Fleet Street, but could not shake off the idea. The snake had charmed me.

“You understand it was a Continental concern, that Trading society; but I have a lot of relations living on the Continent, because it's cheap and not so nasty as it looks, they say.

“I am sorry to own I began to worry them. This was already a fresh departure for me. I was not used to get things that way, you know. I always went my own road and on my own legs where I had a mind to go. I wouldn't have believed it of myself; but, then—you see—I felt somehow I must get there by hook or by crook. So I worried them. The men said ‘My dear fellow,’ and did nothing. Then—would you

believe it?—I tried the women. I, Charlie Marlow, set the women to work—to get a job. Heavens! Well, you see, the notion drove me. I had an aunt, a dear enthusiastic soul. She wrote: ‘It will be delightful. I am ready to do anything, anything for you. It is a glorious idea. I know the wife of a very high personage in the Administration, and also a man who has lots of influence with,’ etc. She was determined to make no end of fuss to get me appointed skipper of a river steamboat, if such was my fancy.

“I got my appointment—of course; and I got it very quick. It appears the Company had received news that one of their captains had been killed in a scuffle with the natives. This was my chance, and it made me the more anxious to go. It was only months and months afterwards, when I made the attempt to recover what was left of the body, that I heard the original quarrel arose from a misunderstanding about some hens. Yes, two black hens. Fresleven—that was the fellow’s name, a Dane—thought himself wronged somehow in the bargain, so he went ashore and started to hammer the chief of the village with a stick. Oh, it didn’t surprise me in the least to hear this, and at the same time to be told that Fresleven was the gentlest, quietest creature that ever walked on two legs. No doubt he was; but he had been a couple of years already out there engaged in the noble cause, you know, and

he probably felt the need at last of asserting his self-respect in some way. Therefore he whacked the old nigger mercilessly, while a big crowd of his people watched him, thunderstruck, till some man—I was told the chief's son—in desperation at hearing the old chap yell, made a tentative jab with a spear at the white man—and of course it went quite easy between the shoulder-blades. Then the whole population cleared into the forest, expecting all kinds of calamities to happen, while, on the other hand, the steamer *Fresleven* commanded left also in a bad panic, in charge of the engineer, I believe. Afterwards nobody seemed to trouble much about *Fresleven's* remains, till I got out and stepped into his shoes. I couldn't let it rest, though; but when an opportunity offered at last to meet my predecessor, the grass growing through his ribs was tall enough to hide his bones. They were all there. The supernatural being had not been touched after he fell. And the village was deserted, the huts gaped black, rotting, all askew within the fallen enclosures. A calamity had come to it, sure enough. The people had vanished. Mad terror had scattered them, men, women, and children, through the bush, and they had never returned. What became of the hens I don't know either. I should think the cause of progress got them, anyhow. However, through this glorious affair I got my appointment, before I had fairly begun to hope for it.

“I flew around like mad to get ready, and before forty-eight hours I was crossing the Channel to show myself to my employers, and sign the contract. In a very few hours I arrived in a city that always makes me think of a whited sepulchre. Prejudice no doubt. I had no difficulty in finding the Company’s offices. It was the biggest thing in the town, and everybody I met was full of it. They were going to run an over-sea empire, and make no end of coin by trade.

“A narrow and deserted street in deep shadow, high houses, innumerable windows with venetian blinds, a dead silence, grass sprouting between the stones, imposing carriage archways right and left, immense double doors standing ponderously ajar. I slipped through one of these cracks, went up a swept and ungarnished staircase, as arid as a desert, and opened the first door I came to. Two women, one fat and the other slim, sat on straw-bottomed chairs, knitting black wool. The slim one got up and walked straight at me—still knitting with downcast eyes—and only just as I began to think of getting out of her way, as you would for a somnambulist, stood still, and looked up. Her dress was as plain as an umbrella-cover, and she turned round without a word and preceded me into a waiting-room. I gave my name, and looked about. Deal table in the middle, plain chairs all round the walls, on one end a large shining map,

marked with all the colours of a rainbow. There was a vast amount of red—good to see at any time, because one knows that some real work is done in there, a deuce of a lot of blue, a little green, smears of orange, and, on the East Coast, a purple patch, to show where the jolly pioneers of progress drink the jolly lager-beer. However, I wasn't going into any of these. I was going into the yellow. Dead in the centre. And the river was there—fascinating—deadly—like a snake. Ough! A door opened, a white-haired secretarial head, but wearing a compassionate expression, appeared, and a skinny forefinger beckoned me into the sanctuary. Its light was dim, and a heavy writing-desk squatted in the middle. From behind that structure came out an impression of pale plumpness in a frock-coat. The great man himself. He was five feet six, I should judge, and had his grip on the handle-end of ever so many millions. He shook hands, I fancy, murmured vaguely, was satisfied with my French. Bon Voyage.

“In about forty-five seconds I found myself again in the waiting-room with the compassionate secretary, who, full of desolation and sympathy, made me sign some document. I believe I undertook amongst other things not to disclose any trade secrets. Well, I am not going to.

“I began to feel slightly uneasy. You know I am not used to such ceremonies, and there was something ominous

in the atmosphere. It was just as though I had been let into some conspiracy—I don't know—something not quite right; and I was glad to get out. In the outer room the two women knitted black wool feverishly. People were arriving, and the younger one was walking back and forth introducing them. The old one sat on her chair. Her flat cloth slippers were propped up on a foot-warmer, and a cat reposed on her lap. She wore a starched white affair on her head, had a wart on one cheek, and silver-rimmed spectacles hung on the tip of her nose. She glanced at me above the glasses. The swift and indifferent placidity of that look troubled me. Two youths with foolish and cheery countenances were being piloted over, and she threw at them the same quick glance of unconcerned wisdom. She seemed to know all about them and about me, too. An eerie feeling came over me. She seemed uncanny and fateful. Often far away there I thought of these two, guarding the door of Darkness, knitting black wool as for a warm pall, one introducing, introducing continuously to the unknown, the other scrutinizing the cheery and foolish faces with unconcerned old eyes. Ave! Old knitter of black wool. Morituri te salutant. Not many of those she looked at ever saw her again—not half, by a long way.

“There was yet a visit to the doctor. ‘A simple formality,’ assured me the secretary, with an air of taking an immense

part in all my sorrows. Accordingly a young chap wearing his hat over the left eyebrow, some clerk I suppose—there must have been clerks in the business, though the house was as still as a house in a city of the dead—came from somewhere up-stairs, and led me forth. He was shabby and careless, with inkstains on the sleeves of his jacket, and his cravat was large and billowy, under a chin shaped like the toe of an old boot. It was a little too early for the doctor, so I proposed a drink, and thereupon he developed a vein of joviality. As we sat over our vermouths he glorified the Company's business, and by and by I expressed casually my surprise at him not going out there. He became very cool and collected all at once. 'I am not such a fool as I look, quoth Plato to his disciples,' he said sententiously, emptied his glass with great resolution, and we rose.

"The old doctor felt my pulse, evidently thinking of something else the while. 'Good, good for there,' he mumbled, and then with a certain eagerness asked me whether I would let him measure my head. Rather surprised, I said Yes, when he produced a thing like calipers and got the dimensions back and front and every way, taking notes carefully. He was an unshaven little man in a threadbare coat like a gaberdine, with his feet in slippers, and I thought him a harmless fool. 'I always ask leave, in the interests of science, to measure

the crania of those going out there,' he said. 'And when they come back, too?' I asked. 'Oh, I never see them,' he remarked; 'and, moreover, the changes take place inside, you know.' He smiled, as if at some quiet joke. 'So you are going out there. Famous. Interesting, too.' He gave me a searching glance, and made another note. 'Ever any madness in your family?' he asked, in a matter-of-fact tone. I felt very annoyed. 'Is that question in the interests of science, too?' 'It would be,' he said, without taking notice of my irritation, 'interesting for science to watch the mental changes of individuals, on the spot, but...'

'Are you an alienist?' I interrupted. 'Every doctor should be—a little,' answered that original, imperturbably. 'I have a little theory which you messieurs who go out there must help me to prove. This is my share in the advantages my country shall reap from the possession of such a magnificent dependency. The mere wealth I leave to others. Pardon my questions, but you are the first Englishman coming under my observation...'

I hastened to assure him I was not in the least typical. 'If I were,' said I, 'I wouldn't be talking like this with you.' 'What you say is rather profound, and probably erroneous,' he said, with a laugh. 'Avoid irritation more than exposure to the sun. Adieu. How do you English say, eh? Good-bye. Ah! Good-bye. Adieu. In the tropics one must before everything keep calm.'... He lifted a warning forefinger.... 'Du calme, du calme.'

“One thing more remained to do—say good-bye to my excellent aunt. I found her triumphant. I had a cup of tea—the last decent cup of tea for many days—and in a room that most soothingly looked just as you would expect a lady’s drawing-room to look, we had a long quiet chat by the fireside. In the course of these confidences it became quite plain to me I had been represented to the wife of the high dignitary, and goodness knows to how many more people besides, as an exceptional and gifted creature—a piece of good fortune for the Company—a man you don’t get hold of every day. Good heavens! and I was going to take charge of a two-penny-half-penny river-steamboat with a penny whistle attached! It appeared, however, I was also one of the Workers, with a capital—you know. Something like an emissary of light, something like a lower sort of apostle. There had been a lot of such rot let loose in print and talk just about that time, and the excellent woman, living right in the rush of all that humbug, got carried off her feet. She talked about ‘weaning those ignorant millions from their horrid ways,’ till, upon my word, she made me quite uncomfortable. I ventured to hint that the Company was run for profit.

“You forget, dear Charlie, that the labourer is worthy of his hire,’ she said, brightly. It’s queer how out of touch with truth women are. They live in a world of their own, and

there has never been anything like it, and never can be. It is too beautiful altogether, and if they were to set it up it would go to pieces before the first sunset. Some confounded fact we men have been living contentedly with ever since the day of creation would start up and knock the whole thing over.

“After this I got embraced, told to wear flannel, be sure to write often, and so on—and I left. In the street—I don’t know why—a queer feeling came to me that I was an imposter. Odd thing that I, who used to clear out for any part of the world at twenty-four hours’ notice, with less thought than most men give to the crossing of a street, had a moment—I won’t say of hesitation, but of startled pause, before this commonplace affair. The best way I can explain it to you is by saying that, for a second or two, I felt as though, instead of going to the centre of a continent, I were about to set off for the centre of the earth.

“I left in a French steamer, and she called in every blamed port they have out there, for, as far as I could see, the sole purpose of landing soldiers and custom-house officers. I watched the coast. Watching a coast as it slips by the ship is like thinking about an enigma. There it is before you—smiling, frowning, inviting, grand, mean, insipid, or savage, and always mute with an air of whispering, ‘Come and find out.’ This one was almost featureless, as if still in the making,

with an aspect of monotonous grimness. The edge of a colossal jungle, so dark-green as to be almost black, fringed with white surf, ran straight, like a ruled line, far, far away along a blue sea whose glitter was blurred by a creeping mist. The sun was fierce, the land seemed to glisten and drip with steam. Here and there greyish-whitish specks showed up clustered inside the white surf, with a flag flying above them perhaps. Settlements some centuries old, and still no bigger than pinheads on the untouched expanse of their background. We pounded along, stopped, landed soldiers; went on, landed custom-house clerks to levy toll in what looked like a God-forsaken wilderness, with a tin shed and a flag-pole lost in it; landed more soldiers—to take care of the custom-house clerks, presumably. Some, I heard, got drowned in the surf; but whether they did or not, nobody seemed particularly to care. They were just flung out there, and on we went. Every day the coast looked the same, as though we had not moved; but we passed various places—trading places—with names like Gran' Bassam, Little Popo; names that seemed to belong to some sordid farce acted in front of a sinister back-cloth. The idleness of a passenger, my isolation amongst all these men with whom I had no point of contact, the oily and languid sea, the uniform sombreness of the coast, seemed to keep me away from the truth of things, within the toil

of a mournful and senseless delusion. The voice of the surf heard now and then was a positive pleasure, like the speech of a brother. It was something natural, that had its reason, that had a meaning. Now and then a boat from the shore gave one a momentary contact with reality. It was paddled by black fellows. You could see from afar the white of their eyeballs glistening. They shouted, sang; their bodies streamed with perspiration; they had faces like grotesque masks—these chaps; but they had bone, muscle, a wild vitality, an intense energy of movement, that was as natural and true as the surf along their coast. They wanted no excuse for being there. They were a great comfort to look at. For a time I would feel I belonged still to a world of straightforward facts; but the feeling would not last long. Something would turn up to scare it away. Once, I remember, we came upon a man-of-war anchored off the coast. There wasn't even a shed there, and she was shelling the bush. It appears the French had one of their wars going on thereabouts. Her ensign dropped limp like a rag; the muzzles of the long six-inch guns stuck out all over the low hull; the greasy, slimy swell swung her up lazily and let her down, swaying her thin masts. In the empty immensity of earth, sky, and water, there she was, incomprehensible, firing into a continent. Pop, would go one of the six-inch guns; a small flame would dart and vanish, a

little white smoke would disappear, a tiny projectile would give a feeble screech—and nothing happened. Nothing could happen. There was a touch of insanity in the proceeding, a sense of lugubrious drollery in the sight; and it was not dissipated by somebody on board assuring me earnestly there was a camp of natives—he called them enemies!—hidden out of sight somewhere.

“We gave her her letters (I heard the men in that lonely ship were dying of fever at the rate of three a day) and went on. We called at some more places with farcical names, where the merry dance of death and trade goes on in a still and earthy atmosphere as of an overheated catacomb; all along the formless coast bordered by dangerous surf, as if Nature herself had tried to ward off intruders; in and out of rivers, streams of death in life, whose banks were rotting into mud, whose waters, thickened into slime, invaded the contorted mangroves, that seemed to writhe at us in the extremity of an impotent despair. Nowhere did we stop long enough to get a particularized impression, but the general sense of vague and oppressive wonder grew upon me. It was like a weary pilgrimage amongst hints for nightmares.

“It was upward of thirty days before I saw the mouth of the big river. We anchored off the seat of the government. But my work would not begin till some two hundred miles

farther on. So as soon as I could I made a start for a place thirty miles higher up.

“I had my passage on a little sea-going steamer. Her captain was a Swede, and knowing me for a seaman, invited me on the bridge. He was a young man, lean, fair, and morose, with lanky hair and a shuffling gait. As we left the miserable little wharf, he tossed his head contemptuously at the shore. ‘Been living there?’ he asked. I said, ‘Yes.’ ‘Fine lot these government chaps—are they not?’ he went on, speaking English with great precision and considerable bitterness. ‘It is funny what some people will do for a few francs a month. I wonder what becomes of that kind when it goes upcountry?’ I said to him I expected to see that soon. ‘So-o-o!’ he exclaimed. He shuffled athwart, keeping one eye ahead vigilantly. ‘Don’t be too sure,’ he continued. ‘The other day I took up a man who hanged himself on the road. He was a Swede, too.’ ‘Hanged himself! Why, in God’s name?’ I cried. He kept on looking out watchfully. ‘Who knows? The sun too much for him, or the country perhaps.’

“At last we opened a reach. A rocky cliff appeared, mounds of turned-up earth by the shore, houses on a hill, others with iron roofs, amongst a waste of excavations, or hanging to the declivity. A continuous noise of the rapids above hovered over this scene of inhabited devastation. A lot

of people, mostly black and naked, moved about like ants. A jetty projected into the river. A blinding sunlight drowned all this at times in a sudden recrudescence of glare. 'There's your Company's station,' said the Swede, pointing to three wooden barrack-like structures on the rocky slope. 'I will send your things up. Four boxes did you say? So. Farewell.'

"I came upon a boiler wallowing in the grass, then found a path leading up the hill. It turned aside for the boulders, and also for an undersized railway-truck lying there on its back with its wheels in the air. One was off. The thing looked as dead as the carcass of some animal. I came upon more pieces of decaying machinery, a stack of rusty rails. To the left a clump of trees made a shady spot, where dark things seemed to stir feebly. I blinked, the path was steep. A horn tooted to the right, and I saw the black people run. A heavy and dull detonation shook the ground, a puff of smoke came out of the cliff, and that was all. No change appeared on the face of the rock. They were building a railway. The cliff was not in the way or anything; but this objectless blasting was all the work going on.

"A slight clinking behind me made me turn my head. Six black men advanced in a file, toiling up the path. They walked erect and slow, balancing small baskets full of earth on their heads, and the clink kept time with their footsteps. Black rags were wound round their loins, and the short ends behind

waggled to and fro like tails. I could see every rib, the joints of their limbs were like knots in a rope; each had an iron collar on his neck, and all were connected together with a chain whose bights swung between them, rhythmically clinking. Another report from the cliff made me think suddenly of that ship of war I had seen firing into a continent. It was the same kind of ominous voice; but these men could by no stretch of imagination be called enemies. They were called criminals, and the outraged law, like the bursting shells, had come to them, an insoluble mystery from the sea. All their meagre breasts panted together, the violently dilated nostrils quivered, the eyes stared stonily uphill. They passed me within six inches, without a glance, with that complete, deathlike indifference of unhappy savages. Behind this raw matter one of the reclaimed, the product of the new forces at work, strolled despondently, carrying a rifle by its middle. He had a uniform jacket with one button off, and seeing a white man on the path, hoisted his weapon to his shoulder with alacrity. This was simple prudence, white men being so much alike at a distance that he could not tell who I might be. He was speedily reassured, and with a large, white, rascally grin, and a glance at his charge, seemed to take me into partnership in his exalted trust. After all, I also was a part of the great cause of these high and just proceedings.

“Instead of going up, I turned and descended to the left. My idea was to let that chain-gang get out of sight before I climbed the hill. You know I am not particularly tender; I’ve had to strike and to fend off. I’ve had to resist and to attack sometimes—that’s only one way of resisting—without counting the exact cost, according to the demands of such sort of life as I had blundered into. I’ve seen the devil of violence, and the devil of greed, and the devil of hot desire; but, by all the stars! these were strong, lusty, red-eyed devils, that swayed and drove men—men, I tell you. But as I stood on this hillside, I foresaw that in the blinding sunshine of that land I would become acquainted with a flabby, pretending, weak-eyed devil of a rapacious and pitiless folly. How insidious he could be, too, I was only to find out several months later and a thousand miles farther. For a moment I stood appalled, as though by a warning. Finally I descended the hill, obliquely, towards the trees I had seen.

“I avoided a vast artificial hole somebody had been digging on the slope, the purpose of which I found it impossible to divine. It wasn’t a quarry or a sandpit, anyhow. It was just a hole. It might have been connected with the philanthropic desire of giving the criminals something to do. I don’t know. Then I nearly fell into a very narrow ravine, almost no more than a scar in the hillside. I discovered that

a lot of imported drainage-pipes for the settlement had been tumbled in there. There wasn't one that was not broken. It was a wanton smash-up. At last I got under the trees. My purpose was to stroll into the shade for a moment; but no sooner within than it seemed to me I had stepped into the gloomy circle of some Inferno. The rapids were near, and an uninterrupted, uniform, headlong, rushing noise filled the mournful stillness of the grove, where not a breath stirred, not a leaf moved, with a mysterious sound—as though the tearing pace of the launched earth had suddenly become audible.

“Black shapes crouched, lay, sat between the trees leaning against the trunks, clinging to the earth, half coming out, half effaced within the dim light, in all the attitudes of pain, abandonment, and despair. Another mine on the cliff went off, followed by a slight shudder of the soil under my feet. The work was going on. The work! And this was the place where some of the helpers had withdrawn to die.

“They were dying slowly—it was very clear. They were not enemies, they were not criminals, they were nothing earthly now—nothing but black shadows of disease and starvation, lying confusedly in the greenish gloom. Brought from all the recesses of the coast in all the legality of time contracts, lost in uncongenial surroundings, fed on unfamiliar

food, they sickened, became inefficient, and were then allowed to crawl away and rest. These moribund shapes were free as air—and nearly as thin. I began to distinguish the gleam of the eyes under the trees. Then, glancing down, I saw a face near my hand. The black bones reclined at full length with one shoulder against the tree, and slowly the eyelids rose and the sunken eyes looked up at me, enormous and vacant, a kind of blind, white flicker in the depths of the orbs, which died out slowly. The man seemed young—almost a boy—but you know with them it's hard to tell. I found nothing else to do but to offer him one of my good Swede's ship's biscuits I had in my pocket. The fingers closed slowly on it and held—there was no other movement and no other glance. He had tied a bit of white worsted round his neck—Why? Where did he get it? Was it a badge—an ornament—a charm—a propitiatory act? Was there any idea at all connected with it? It looked startling round his black neck, this bit of white thread from beyond the seas.

“Near the same tree two more bundles of acute angles sat with their legs drawn up. One, with his chin propped on his knees, stared at nothing, in an intolerable and appalling manner: his brother phantom rested its forehead, as if overcome with a great weariness; and all about others were scattered in every pose of contorted collapse, as in some

picture of a massacre or a pestilence. While I stood horror-struck, one of these creatures rose to his hands and knees, and went off on all-fours towards the river to drink. He lapped out of his hand, then sat up in the sunlight, crossing his shins in front of him, and after a time let his woolly head fall on his breastbone.

“I didn’t want any more loitering in the shade, and I made haste towards the station. When near the buildings I met a white man, in such an unexpected elegance of get-up that in the first moment I took him for a sort of vision. I saw a high starched collar, white cuffs, a light alpaca jacket, snowy trousers, a clean necktie, and varnished boots. No hat. Hair parted, brushed, oiled, under a green-lined parasol held in a big white hand. He was amazing, and had a penholder behind his ear.

“I shook hands with this miracle, and I learned he was the Company’s chief accountant, and that all the book-keeping was done at this station. He had come out for a moment, he said, ‘to get a breath of fresh air. The expression sounded wonderfully odd, with its suggestion of sedentary desk-life. I wouldn’t have mentioned the fellow to you at all, only it was from his lips that I first heard the name of the man who is so indissolubly connected with the memories of that time. Moreover, I respected the fellow. Yes; I respected

his collars, his vast cuffs, his brushed hair. His appearance was certainly that of a hairdresser's dummy; but in the great demoralization of the land he kept up his appearance. That's backbone. His starched collars and got-up shirt-fronts were achievements of character. He had been out nearly three years; and, later, I could not help asking him how he managed to sport such linen. He had just the faintest blush, and said modestly, 'I've been teaching one of the native women about the station. It was difficult. She had a distaste for the work.' Thus this man had verily accomplished something. And he was devoted to his books, which were in apple-pie order.

"Everything else in the station was in a muddle—heads, things, buildings. Strings of dusty niggers with splay feet arrived and departed; a stream of manufactured goods, rubbishy cottons, beads, and brass-wire sent into the depths of darkness, and in return came a precious trickle of ivory.

"I had to wait in the station for ten days—an eternity. I lived in a hut in the yard, but to be out of the chaos I would sometimes get into the accountant's office. It was built of horizontal planks, and so badly put together that, as he bent over his high desk, he was barred from neck to heels with narrow strips of sunlight. There was no need to open the big shutter to see. It was hot there, too; big flies buzzed fiendishly, and did not sting, but stabbed. I sat generally on the floor,

while, of faultless appearance (and even slightly scented), perching on a high stool, he wrote, he wrote. Sometimes he stood up for exercise. When a truckle-bed with a sick man (some invalid agent from upcountry) was put in there, he exhibited a gentle annoyance. 'The groans of this sick person,' he said, 'distract my attention. And without that it is extremely difficult to guard against clerical errors in this climate.'

"One day he remarked, without lifting his head, 'In the interior you will no doubt meet Mr. Kurtz.' On my asking who Mr. Kurtz was, he said he was a first-class agent; and seeing my disappointment at this information, he added slowly, laying down his pen, 'He is a very remarkable person.' Further questions elicited from him that Mr. Kurtz was at present in charge of a trading-post, a very important one, in the true ivory-country, at 'the very bottom of there. Sends in as much ivory as all the others put together...' He began to write again. The sick man was too ill to groan. The flies buzzed in a great peace.

"Suddenly there was a growing murmur of voices and a great tramping of feet. A caravan had come in. A violent babble of uncouth sounds burst out on the other side of the planks. All the carriers were speaking together, and in the midst of the uproar the lamentable voice of the chief agent was

heard 'giving it up' tearfully for the twentieth time that day.... He rose slowly. 'What a frightful row,' he said. He crossed the room gently to look at the sick man, and returning, said to me, 'He does not hear.' 'What! Dead?' I asked, startled. 'No, not yet,' he answered, with great composure. Then, alluding with a toss of the head to the tumult in the station-yard, 'When one has got to make correct entries, one comes to hate those savages—hate them to the death.' He remained thoughtful for a moment. 'When you see Mr. Kurtz' he went on, 'tell him from me that everything here'—he glanced at the deck—'is very satisfactory. I don't like to write to him—with those messengers of ours you never know who may get hold of your letter—at that Central Station.' He stared at me for a moment with his mild, bulging eyes. 'Oh, he will go far, very far,' he began again. 'He will be a somebody in the Administration before long. They, above—the Council in Europe, you know—mean him to be.'

"He turned to his work. The noise outside had ceased, and presently in going out I stopped at the door. In the steady buzz of flies the homeward-bound agent was lying finished and insensible; the other, bent over his books, was making correct entries of perfectly correct transactions; and fifty feet below the doorstep I could see the still tree-tops of the grove of death.

“Next day I left that station at last, with a caravan of sixty men, for a two-hundred-mile tramp.

“No use telling you much about that. Paths, paths, everywhere; a stamped-in network of paths spreading over the empty land, through the long grass, through burnt grass, through thickets, down and up chilly ravines, up and down stony hills ablaze with heat; and a solitude, a solitude, nobody, not a hut. The population had cleared out a long time ago. Well, if a lot of mysterious niggers armed with all kinds of fearful weapons suddenly took to travelling on the road between Deal and Gravesend, catching the yokels right and left to carry heavy loads for them, I fancy every farm and cottage thereabouts would get empty very soon. Only here the dwellings were gone, too. Still I passed through several abandoned villages. There’s something pathetically childish in the ruins of grass walls. Day after day, with the stamp and shuffle of sixty pair of bare feet behind me, each pair under a 60-lb. load. Camp, cook, sleep, strike camp, march. Now and then a carrier dead in harness, at rest in the long grass near the path, with an empty water-gourd and his long staff lying by his side. A great silence around and above. Perhaps on some quiet night the tremor of far-off drums, sinking, swelling, a tremor vast, faint; a sound weird, appealing, suggestive, and wild—and perhaps with

as profound a meaning as the sound of bells in a Christian country. Once a white man in an unbuttoned uniform, camping on the path with an armed escort of lank Zanzibaris, very hospitable and festive—not to say drunk. Was looking after the upkeep of the road, he declared. Can't say I saw any road or any upkeep, unless the body of a middle-aged negro, with a bullet-hole in the forehead, upon which I absolutely stumbled three miles farther on, may be considered as a permanent improvement. I had a white companion, too, not a bad chap, but rather too fleshy and with the exasperating habit of fainting on the hot hillsides, miles away from the least bit of shade and water. Annoying, you know, to hold your own coat like a parasol over a man's head while he is coming to. I couldn't help asking him once what he meant by coming there at all. 'To make money, of course. What do you think?' he said, scornfully. Then he got fever, and had to be carried in a hammock slung under a pole. As he weighed sixteen stone I had no end of rows with the carriers. They jibbed, ran away, sneaked off with their loads in the night—quite a mutiny. So, one evening, I made a speech in English with gestures, not one of which was lost to the sixty pairs of eyes before me, and the next morning I started the hammock off in front all right. An hour afterwards I came upon the whole concern wrecked in a bush—man, hammock,

groans, blankets, horrors. The heavy pole had skinned his poor nose. He was very anxious for me to kill somebody, but there wasn't the shadow of a carrier near. I remembered the old doctor—'It would be interesting for science to watch the mental changes of individuals, on the spot.' I felt I was becoming scientifically interesting. However, all that is to no purpose. On the fifteenth day I came in sight of the big river again, and hobbled into the Central Station. It was on a back water surrounded by scrub and forest, with a pretty border of smelly mud on one side, and on the three others enclosed by a crazy fence of rushes. A neglected gap was all the gate it had, and the first glance at the place was enough to let you see the flabby devil was running that show. White men with long staves in their hands appeared languidly from amongst the buildings, strolling up to take a look at me, and then retired out of sight somewhere. One of them, a stout, excitable chap with black moustaches, informed me with great volubility and many digressions, as soon as I told him who I was, that my steamer was at the bottom of the river. I was thunderstruck. What, how, why? Oh, it was 'all right.' The 'manager himself' was there. All quite correct. 'Everybody had behaved splendidly! splendidly!'—'you must,' he said in agitation, 'go and see the general manager at once. He is waiting!'

“I did not see the real significance of that wreck at once. I fancy I see it now, but I am not sure—not at all. Certainly the affair was too stupid—when I think of it—to be altogether natural. Still... But at the moment it presented itself simply as a confounded nuisance. The steamer was sunk. They had started two days before in a sudden hurry up the river with the manager on board, in charge of some volunteer skipper, and before they had been out three hours they tore the bottom out of her on stones, and she sank near the south bank. I asked myself what I was to do there, now my boat was lost. As a matter of fact, I had plenty to do in fishing my command out of the river. I had to set about it the very next day. That, and the repairs when I brought the pieces to the station, took some months.

“My first interview with the manager was curious. He did not ask me to sit down after my twenty-mile walk that morning. He was commonplace in complexion, in features, in manners, and in voice. He was of middle size and of ordinary build. His eyes, of the usual blue, were perhaps remarkably cold, and he certainly could make his glance fall on one as trenchant and heavy as an axe. But even at these times the rest of his person seemed to disclaim the intention. Otherwise there was only an indefinable, faint expression of his lips, something stealthy—a smile—not a smile—I remember it, but

I can't explain. It was unconscious, this smile was, though just after he had said something it got intensified for an instant. It came at the end of his speeches like a seal applied on the words to make the meaning of the commonest phrase appear absolutely inscrutable. He was a common trader, from his youth up employed in these parts—nothing more. He was obeyed, yet he inspired neither love nor fear, nor even respect. He inspired uneasiness. That was it! Uneasiness. Not a definite mistrust—just uneasiness—nothing more. You have no idea how effective such a... a... faculty can be. He had no genius for organizing, for initiative, or for order even. That was evident in such things as the deplorable state of the station. He had no learning, and no intelligence. His position had come to him—why? Perhaps because he was never ill... He had served three terms of three years out there... Because triumphant health in the general rout of constitutions is a kind of power in itself. When he went home on leave he rioted on a large scale—pompously. Jack ashore—with a difference—in externals only. This one could gather from his casual talk. He originated nothing, he could keep the routine going—that's all. But he was great. He was great by this little thing that it was impossible to tell what could control such a man. He never gave that secret away. Perhaps there was nothing within him. Such a suspicion made one pause—for

out there there were no external checks. Once when various tropical diseases had laid low almost every 'agent' in the station, he was heard to say, 'Men who come out here should have no entrails.' He sealed the utterance with that smile of his, as though it had been a door opening into a darkness he had in his keeping. You fancied you had seen things—but the seal was on. When annoyed at meal-times by the constant quarrels of the white men about precedence, he ordered an immense round table to be made, for which a special house had to be built. This was the station's mess-room. Where he sat was the first place—the rest were nowhere. One felt this to be his unalterable conviction. He was neither civil nor uncivil. He was quiet. He allowed his 'boy'—an overfed young negro from the coast—to treat the white men, under his very eyes, with provoking insolence.

"He began to speak as soon as he saw me. I had been very long on the road. He could not wait. Had to start without me. The up-river stations had to be relieved. There had been so many delays already that he did not know who was dead and who was alive, and how they got on—and so on, and so on. He paid no attention to my explanations, and, playing with a stick of sealing-wax, repeated several times that the situation was 'very grave, very grave.' There were rumours that a very important station was in jeopardy, and its chief,

Mr. Kurtz, was ill. Hoped it was not true. Mr. Kurtz was... I felt weary and irritable. Hang Kurtz, I thought. I interrupted him by saying I had heard of Mr. Kurtz on the coast. 'Ah! So they talk of him down there,' he murmured to himself. Then he began again, assuring me Mr. Kurtz was the best agent he had, an exceptional man, of the greatest importance to the Company; therefore I could understand his anxiety. He was, he said, 'very, very uneasy.' Certainly he fidgeted on his chair a good deal, exclaimed, 'Ah, Mr. Kurtz!' broke the stick of sealing-wax and seemed dumfounded by the accident. Next thing he wanted to know 'how long it would take to'... I interrupted him again. Being hungry, you know, and kept on my feet too. I was getting savage. 'How can I tell?' I said. 'I haven't even seen the wreck yet—some months, no doubt.' All this talk seemed to me so futile. 'Some months,' he said. 'Well, let us say three months before we can make a start. Yes. That ought to do the affair.' I flung out of his hut (he lived all alone in a clay hut with a sort of verandah) muttering to myself my opinion of him. He was a chattering idiot. Afterwards I took it back when it was borne in upon me startingly with what extreme nicety he had estimated the time requisite for the 'affair.'

"I went to work the next day, turning, so to speak, my back on that station. In that way only it seemed to me I could

keep my hold on the redeeming facts of life. Still, one must look about sometimes; and then I saw this station, these men strolling aimlessly about in the sunshine of the yard. I asked myself sometimes what it all meant. They wandered here and there with their absurd long staves in their hands, like a lot of faithless pilgrims bewitched inside a rotten fence. The word 'ivory' rang in the air, was whispered, was sighed. You would think they were praying to it. A taint of imbecile rapacity blew through it all, like a whiff from some corpse. By Jove! I've never seen anything so unreal in my life. And outside, the silent wilderness surrounding this cleared speck on the earth struck me as something great and invincible, like evil or truth, waiting patiently for the passing away of this fantastic invasion.

“Oh, these months! Well, never mind. Various things happened. One evening a grass shed full of calico, cotton prints, beads, and I don't know what else, burst into a blaze so suddenly that you would have thought the earth had opened to let an avenging fire consume all that trash. I was smoking my pipe quietly by my dismantled steamer, and saw them all cutting capers in the light, with their arms lifted high, when the stout man with moustaches came tearing down to the river, a tin pail in his hand, assured me that everybody was 'behaving splendidly, splendidly,' dipped about a quart

of water and tore back again. I noticed there was a hole in the bottom of his pail.

“I strolled up. There was no hurry. You see the thing had gone off like a box of matches. It had been hopeless from the very first. The flame had leaped high, driven everybody back, lighted up everything—and collapsed. The shed was already a heap of embers glowing fiercely. A nigger was being beaten near by. They said he had caused the fire in some way; be that as it may, he was screeching most horribly. I saw him, later, for several days, sitting in a bit of shade looking very sick and trying to recover himself; afterwards he arose and went out—and the wilderness without a sound took him into its bosom again. As I approached the glow from the dark I found myself at the back of two men, talking. I heard the name of Kurtz pronounced, then the words, ‘take advantage of this unfortunate accident.’ One of the men was the manager. I wished him a good evening. ‘Did you ever see anything like it—eh? it is incredible,’ he said, and walked off. The other man remained. He was a first-class agent, young, gentlemanly, a bit reserved, with a forked little beard and a hooked nose. He was stand-offish with the other agents, and they on their side said he was the manager’s spy upon them. As to me, I had hardly ever spoken to him before. We got into talk, and by and by we strolled away from the hissing

ruins. Then he asked me to his room, which was in the main building of the station. He struck a match, and I perceived that this young aristocrat had not only a silver-mounted dressing-case but also a whole candle all to himself. Just at that time the manager was the only man supposed to have any right to candles. Native mats covered the clay walls; a collection of spears, assegais, shields, knives was hung up in trophies. The business intrusted to this fellow was the making of bricks—so I had been informed; but there wasn't a fragment of a brick anywhere in the station, and he had been there more than a year—waiting. It seems he could not make bricks without something, I don't know what—straw maybe. Anyway, it could not be found there and as it was not likely to be sent from Europe, it did not appear clear to me what he was waiting for. An act of special creation perhaps. However, they were all waiting—all the sixteen or twenty pilgrims of them—for something; and upon my word it did not seem an uncongenial occupation, from the way they took it, though the only thing that ever came to them was disease—as far as I could see. They beguiled the time by back-biting and intriguing against each other in a foolish kind of way. There was an air of plotting about that station, but nothing came of it, of course. It was as unreal as everything else—as the philanthropic pretence of the whole

concern, as their talk, as their government, as their show of work. The only real feeling was a desire to get appointed to a trading-post where ivory was to be had, so that they could earn percentages. They intrigued and slandered and hated each other only on that account—but as to effectually lifting a little finger—oh, no. By heavens! there is something after all in the world allowing one man to steal a horse while another must not look at a halter. Steal a horse straight out. Very well. He has done it. Perhaps he can ride. But there is a way of looking at a halter that would provoke the most charitable of saints into a kick.

“I had no idea why he wanted to be sociable, but as we chatted in there it suddenly occurred to me the fellow was trying to get at something—in fact, pumping me. He alluded constantly to Europe, to the people I was supposed to know there—putting leading questions as to my acquaintances in the sepulchral city, and so on. His little eyes glittered like mica discs—with curiosity—though he tried to keep up a bit of superciliousness. At first I was astonished, but very soon I became awfully curious to see what he would find out from me. I couldn’t possibly imagine what I had in me to make it worth his while. It was very pretty to see how he baffled himself, for in truth my body was full only of chills, and my head had nothing in it but that wretched

steamboat business. It was evident he took me for a perfectly shameless prevaricator. At last he got angry, and, to conceal a movement of furious annoyance, he yawned. I rose. Then I noticed a small sketch in oils, on a panel, representing a woman, draped and blindfolded, carrying a lighted torch. The background was sombre—almost black. The movement of the woman was stately, and the effect of the torchlight on the face was sinister.

“It arrested me, and he stood by civilly, holding an empty half-pint champagne bottle (medical comforts) with the candle stuck in it. To my question he said Mr. Kurtz had painted this—in this very station more than a year ago—while waiting for means to go to his trading post. ‘Tell me, pray,’ said I, ‘who is this Mr. Kurtz?’

“‘The chief of the Inner Station,’ he answered in a short tone, looking away. ‘Much obliged,’ I said, laughing. ‘And you are the brickmaker of the Central Station. Every one knows that.’ He was silent for a while. ‘He is a prodigy,’ he said at last. ‘He is an emissary of pity and science and progress, and devil knows what else. We want,’ he began to declaim suddenly, ‘for the guidance of the cause intrusted to us by Europe, so to speak, higher intelligence, wide sympathies, a singleness of purpose.’ ‘Who says that?’ I asked. ‘Lots of them,’ he replied. ‘Some even write that; and so he comes

here, a special being, as you ought to know.’ ‘Why ought I to know?’ I interrupted, really surprised. He paid no attention. ‘Yes. Today he is chief of the best station, next year he will be assistant-manager, two years more and... but I dare-say you know what he will be in two years’ time. You are of the new gang—the gang of virtue. The same people who sent him specially also recommended you. Oh, don’t say no. I’ve my own eyes to trust.’ Light dawned upon me. My dear aunt’s influential acquaintances were producing an unexpected effect upon that young man. I nearly burst into a laugh. ‘Do you read the Company’s confidential correspondence?’ I asked. He hadn’t a word to say. It was great fun. ‘When Mr. Kurtz,’ I continued, severely, ‘is General Manager, you won’t have the opportunity.’

“He blew the candle out suddenly, and we went outside. The moon had risen. Black figures strolled about listlessly, pouring water on the glow, whence proceeded a sound of hissing; steam ascended in the moonlight, the beaten nigger groaned somewhere. ‘What a row the brute makes!’ said the indefatigable man with the moustaches, appearing near us. ‘Serve him right. Transgression—punishment—bang! Pitiless, pitiless. That’s the only way. This will prevent all conflagrations for the future. I was just telling the manager...’ He noticed my companion, and became crestfallen all at once.

‘Not in bed yet,’ he said, with a kind of servile heartiness; ‘it’s so natural. Ha! Danger—agitation.’ He vanished. I went on to the riverside, and the other followed me. I heard a scathing murmur at my ear, ‘Heap of muffs—go to.’ The pilgrims could be seen in knots gesticulating, discussing. Several had still their staves in their hands. I verily believe they took these sticks to bed with them. Beyond the fence the forest stood up spectrally in the moonlight, and through that dim stir, through the faint sounds of that lamentable courtyard, the silence of the land went home to one’s very heart—its mystery, its greatness, the amazing reality of its concealed life. The hurt nigger moaned feebly somewhere near by, and then fetched a deep sigh that made me mend my pace away from there. I felt a hand introducing itself under my arm. ‘My dear sir,’ said the fellow, ‘I don’t want to be misunderstood, and especially by you, who will see Mr. Kurtz long before I can have that pleasure. I wouldn’t like him to get a false idea of my disposition....’

“I let him run on, this papier-mache Mephistopheles, and it seemed to me that if I tried I could poke my forefinger through him, and would find nothing inside but a little loose dirt, maybe. He, don’t you see, had been planning to be assistant-manager by and by under the present man, and I could see that the coming of that Kurtz had upset them

both not a little. He talked precipitately, and I did not try to stop him. I had my shoulders against the wreck of my steamer, hauled up on the slope like a carcass of some big river animal. The smell of mud, of primeval mud, by Jove! was in my nostrils, the high stillness of primeval forest was before my eyes; there were shiny patches on the black creek. The moon had spread over everything a thin layer of silver—over the rank grass, over the mud, upon the wall of matted vegetation standing higher than the wall of a temple, over the great river I could see through a sombre gap glittering, glittering, as it flowed broadly by without a murmur. All this was great, expectant, mute, while the man jabbered about himself. I wondered whether the stillness on the face of the immensity looking at us two were meant as an appeal or as a menace. What were we who had strayed in here? Could we handle that dumb thing, or would it handle us? I felt how big, how confoundedly big, was that thing that couldn't talk, and perhaps was deaf as well. What was in there? I could see a little ivory coming out from there, and I had heard Mr. Kurtz was in there. I had heard enough about it, too—God knows! Yet somehow it didn't bring any image with it—no more than if I had been told an angel or a fiend was in there. I believed it in the same way one of you might believe there are inhabitants in the planet Mars.

I knew once a Scotch sailmaker who was certain, dead sure, there were people in Mars. If you asked him for some idea how they looked and behaved, he would get shy and mutter something about 'walking on all-fours.' If you as much as smiled, he would—though a man of sixty—offer to fight you. I would not have gone so far as to fight for Kurtz, but I went for him near enough to a lie. You know I hate, detest, and can't bear a lie, not because I am straighter than the rest of us, but simply because it appalls me. There is a taint of death, a flavour of mortality in lies—which is exactly what I hate and detest in the world—what I want to forget. It makes me miserable and sick, like biting something rotten would do. Temperament, I suppose. Well, I went near enough to it by letting the young fool there believe anything he liked to imagine as to my influence in Europe. I became in an instant as much of a pretence as the rest of the bewitched pilgrims. This simply because I had a notion it somehow would be of help to that Kurtz whom at the time I did not see—you understand. He was just a word for me. I did not see the man in the name any more than you do. Do you see him? Do you see the story? Do you see anything? It seems to me I am trying to tell you a dream—making a vain attempt, because no relation of a dream can convey the dream-sensation, that commingling of absurdity, surprise, and bewilderment in a

tremor of struggling revolt, that notion of being captured by the incredible which is of the very essence of dreams....”

He was silent for a while.

“... No, it is impossible; it is impossible to convey the life-sensation of any given epoch of one’s existence—that which makes its truth, its meaning—its subtle and penetrating essence. It is impossible. We live, as we dream—alone....”

He paused again as if reflecting, then added:

“Of course in this you fellows see more than I could then. You see me, whom you know....”

It had become so pitch dark that we listeners could hardly see one another. For a long time already he, sitting apart, had been no more to us than a voice. There was not a word from anybody. The others might have been asleep, but I was awake. I listened, I listened on the watch for the sentence, for the word, that would give me the clue to the faint uneasiness inspired by this narrative that seemed to shape itself without human lips in the heavy night-air of the river.

“... Yes—I let him run on,” Marlow began again, “and think what he pleased about the powers that were behind me. I did! And there was nothing behind me! There was nothing but that wretched, old, mangled steamboat I was leaning against, while he talked fluently about ‘the necessity for every man to get on.’ ‘And when one comes out here,

you conceive, it is not to gaze at the moon.' Mr. Kurtz was a 'universal genius,' but even a genius would find it easier to work with 'adequate tools—intelligent men.' He did not make bricks—why, there was a physical impossibility in the way—as I was well aware; and if he did secretarial work for the manager, it was because 'no sensible man rejects wantonly the confidence of his superiors.' Did I see it? I saw it. What more did I want? What I really wanted was rivets, by heaven! Rivets. To get on with the work—to stop the hole. Rivets I wanted. There were cases of them down at the coast—cases—piled up—burst—split! You kicked a loose rivet at every second step in that station-yard on the hillside. Rivets had rolled into the grove of death. You could fill your pockets with rivets for the trouble of stooping down—and there wasn't one rivet to be found where it was wanted. We had plates that would do, but nothing to fasten them with. And every week the messenger, a long negro, letter-bag on shoulder and staff in hand, left our station for the coast. And several times a week a coast caravan came in with trade goods—ghastly glazed calico that made you shudder only to look at it, glass beads value about a penny a quart, confounded spotted cotton handkerchiefs. And no rivets. Three carriers could have brought all that was wanted to set that steamboat afloat.

“He was becoming confidential now, but I fancy my unresponsive attitude must have exasperated him at last, for he judged it necessary to inform me he feared neither God nor devil, let alone any mere man. I said I could see that very well, but what I wanted was a certain quantity of rivets—and rivets were what really Mr. Kurtz wanted, if he had only known it. Now letters went to the coast every week.... ‘My dear sir,’ he cried, ‘I write from dictation.’ I demanded rivets. There was a way—for an intelligent man. He changed his manner; became very cold, and suddenly began to talk about a hippopotamus; wondered whether sleeping on board the steamer (I stuck to my salvage night and day) I wasn’t disturbed. There was an old hippo that had the bad habit of getting out on the bank and roaming at night over the station grounds. The pilgrims used to turn out in a body and empty every rifle they could lay hands on at him. Some even had sat up o’ nights for him. All this energy was wasted, though. ‘That animal has a charmed life,’ he said; ‘but you can say this only of brutes in this country. No man—you apprehend me?—no man here bears a charmed life.’ He stood there for a moment in the moonlight with his delicate hooked nose set a little askew, and his mica eyes glittering without a wink, then, with a curt Good-night, he strode off. I could see he was disturbed and considerably

puzzled, which made me feel more hopeful than I had been for days. It was a great comfort to turn from that chap to my influential friend, the battered, twisted, ruined, tin-pot steamboat. I clambered on board. She rang under my feet like an empty Huntley & Palmer biscuit-tin kicked along a gutter; she was nothing so solid in make, and rather less pretty in shape, but I had expended enough hard work on her to make me love her. No influential friend would have served me better. She had given me a chance to come out a bit—to find out what I could do. No, I don't like work. I had rather laze about and think of all the fine things that can be done. I don't like work—no man does—but I like what is in the work—the chance to find yourself. Your own reality—for yourself, not for others—what no other man can ever know. They can only see the mere show, and never can tell what it really means.

“I was not surprised to see somebody sitting aft, on the deck, with his legs dangling over the mud. You see I rather chummed with the few mechanics there were in that station, whom the other pilgrims naturally despised—on account of their imperfect manners, I suppose. This was the foreman—a boiler-maker by trade—a good worker. He was a lank, bony, yellow-faced man, with big intense eyes. His aspect was worried, and his head was as bald as the palm of

my hand; but his hair in falling seemed to have stuck to his chin, and had prospered in the new locality, for his beard hung down to his waist. He was a widower with six young children (he had left them in charge of a sister of his to come out there), and the passion of his life was pigeon-flying. He was an enthusiast and a connoisseur. He would rave about pigeons. After work hours he used sometimes to come over from his hut for a talk about his children and his pigeons; at work, when he had to crawl in the mud under the bottom of the steamboat, he would tie up that beard of his in a kind of white serviette he brought for the purpose. It had loops to go over his ears. In the evening he could be seen squatted on the bank rinsing that wrapper in the creek with great care, then spreading it solemnly on a bush to dry.

“I slapped him on the back and shouted, ‘We shall have rivets!’ He scrambled to his feet exclaiming, ‘No! Rivets!’ as though he couldn’t believe his ears. Then in a low voice, ‘You... eh?’ I don’t know why we behaved like lunatics. I put my finger to the side of my nose and nodded mysteriously. ‘Good for you!’ he cried, snapped his fingers above his head, lifting one foot. I tried a jig. We capered on the iron deck. A frightful clatter came out of that hulk, and the virgin forest on the other bank of the creek sent it back in a thundering roll upon the sleeping station. It must have made some of

the pilgrims sit up in their hovels. A dark figure obscured the lighted doorway of the manager's hut, vanished, then, a second or so after, the doorway itself vanished, too. We stopped, and the silence driven away by the stamping of our feet flowed back again from the recesses of the land. The great wall of vegetation, an exuberant and entangled mass of trunks, branches, leaves, boughs, festoons, motionless in the moonlight, was like a rioting invasion of soundless life, a rolling wave of plants, piled up, crested, ready to topple over the creek, to sweep every little man of us out of his little existence. And it moved not. A deadened burst of mighty splashes and snorts reached us from afar, as though an ichthyosaurus had been taking a bath of glitter in the great river. 'After all,' said the boiler-maker in a reasonable tone, 'why shouldn't we get the rivets?' Why not, indeed! I did not know of any reason why we shouldn't. 'They'll come in three weeks,' I said confidently.

"But they didn't. Instead of rivets there came an invasion, an infliction, a visitation. It came in sections during the next three weeks, each section headed by a donkey carrying a white man in new clothes and tan shoes, bowing from that elevation right and left to the impressed pilgrims. A quarrelsome band of footsore sulky niggers trod on the heels of the donkey; a lot of tents, camp-stools, tin boxes, white

cases, brown bales would be shot down in the courtyard, and the air of mystery would deepen a little over the muddle of the station. Five such instalments came, with their absurd air of disorderly flight with the loot of innumerable outfit shops and provision stores, that, one would think, they were lugging, after a raid, into the wilderness for equitable division. It was an inextricable mess of things decent in themselves but that human folly made look like the spoils of thieving.

“This devoted band called itself the Eldorado Exploring Expedition, and I believe they were sworn to secrecy. Their talk, however, was the talk of sordid buccaneers: it was reckless without hardihood, greedy without audacity, and cruel without courage; there was not an atom of foresight or of serious intention in the whole batch of them, and they did not seem aware these things are wanted for the work of the world. To tear treasure out of the bowels of the land was their desire, with no more moral purpose at the back of it than there is in burglars breaking into a safe. Who paid the expenses of the noble enterprise I don't know; but the uncle of our manager was leader of that lot.

“In exterior he resembled a butcher in a poor neighbourhood, and his eyes had a look of sleepy cunning. He carried his fat paunch with ostentation on his short legs, and during the time his gang infested the station spoke to

no one but his nephew. You could see these two roaming about all day long with their heads close together in an everlasting confab.

“I had given up worrying myself about the rivets. One’s capacity for that kind of folly is more limited than you would suppose. I said Hang!—and let things slide. I had plenty of time for meditation, and now and then I would give some thought to Kurtz. I wasn’t very interested in him. No. Still, I was curious to see whether this man, who had come out equipped with moral ideas of some sort, would climb to the top after all and how he would set about his work when there.”

II

“ One evening as I was lying flat on the deck of my steamboat, I heard voices approaching—and there were the nephew and the uncle strolling along the bank. I laid my head on my arm again, and had nearly lost myself in a doze, when somebody said in my ear, as it were: ‘I am as harmless as a little child, but I don’t like to be dictated to. Am I the manager—or am I not? I was ordered to send him there. It’s incredible.’ ... I became aware that the two were standing on the shore alongside the forepart of the steamboat, just below my head. I did not move; it did not occur to me to move: I was sleepy. ‘It is unpleasant,’ grunted the uncle. ‘He has asked the Administration to be sent there,’ said the other, ‘with the idea of showing what he could do; and I was instructed accordingly. Look at the influence that man must have. Is it not frightful?’ They both agreed it was frightful, then made several bizarre remarks: ‘Make rain and fine weather—one man—the Council—by the nose’—bits of absurd sentences that got the better of my drowsiness, so that I had pretty near the whole of my wits about me when the uncle said, ‘The climate may do away with this difficulty for you. Is he alone there?’ ‘Yes,’ answered the manager; ‘he

sent his assistant down the river with a note to me in these terms: "Clear this poor devil out of the country, and don't bother sending more of that sort. I had rather be alone than have the kind of men you can dispose of with me." It was more than a year ago. Can you imagine such impudence! 'Anything since then?' asked the other hoarsely. 'Ivory,' jerked the nephew; 'lots of it—prime sort—lots—most annoying, from him.' 'And with that?' questioned the heavy rumble. 'Invoice,' was the reply fired out, so to speak. Then silence. They had been talking about Kurtz.

"I was broad awake by this time, but, lying perfectly at ease, remained still, having no inducement to change my position. 'How did that ivory come all this way?' growled the elder man, who seemed very vexed. The other explained that it had come with a fleet of canoes in charge of an English half-caste clerk Kurtz had with him; that Kurtz had apparently intended to return himself, the station being by that time bare of goods and stores, but after coming three hundred miles, had suddenly decided to go back, which he started to do alone in a small dugout with four paddlers, leaving the half-caste to continue down the river with the ivory. The two fellows there seemed astounded at anybody attempting such a thing. They were at a loss for an adequate motive. As to me, I seemed to see Kurtz for the first time. It was a distinct

glimpse: the dugout, four paddling savages, and the lone white man turning his back suddenly on the headquarters, on relief, on thoughts of home—perhaps; setting his face towards the depths of the wilderness, towards his empty and desolate station. I did not know the motive. Perhaps he was just simply a fine fellow who stuck to his work for its own sake. His name, you understand, had not been pronounced once. He was ‘that man.’ The half-caste, who, as far as I could see, had conducted a difficult trip with great prudence and pluck, was invariably alluded to as ‘that scoundrel.’ The ‘scoundrel’ had reported that the ‘man’ had been very ill—had recovered imperfectly.... The two below me moved away then a few paces, and strolled back and forth at some little distance. I heard: ‘Military post—doctor—two hundred miles—quite alone now—unavoidable delays—nine months—no news—strange rumours.’ They approached again, just as the manager was saying, ‘No one, as far as I know, unless a species of wandering trader—a pestilential fellow, snapping ivory from the natives.’ Who was it they were talking about now? I gathered in snatches that this was some man supposed to be in Kurtz’s district, and of whom the manager did not approve. ‘We will not be free from unfair competition till one of these fellows is hanged for an example,’ he said. ‘Certainly,’ grunted the other; ‘get him hanged! Why not?’

Anything—anything can be done in this country. That’s what I say; nobody here, you understand, here, can endanger your position. And why? You stand the climate—you outlast them all. The danger is in Europe; but there before I left I took care to—’ They moved off and whispered, then their voices rose again. ‘The extraordinary series of delays is not my fault. I did my best.’ The fat man sighed. ‘Very sad.’ ‘And the pestiferous absurdity of his talk,’ continued the other; ‘he bothered me enough when he was here. “Each station should be like a beacon on the road towards better things, a centre for trade of course, but also for humanizing, improving, instructing.” Conceive you—that ass! And he wants to be manager! No, it’s—’ Here he got choked by excessive indignation, and I lifted my head the least bit. I was surprised to see how near they were—right under me. I could have spat upon their hats. They were looking on the ground, absorbed in thought. The manager was switching his leg with a slender twig: his sagacious relative lifted his head. ‘You have been well since you came out this time?’ he asked. The other gave a start. ‘Who? I? Oh! Like a charm—like a charm. But the rest—oh, my goodness! All sick. They die so quick, too, that I haven’t the time to send them out of the country—it’s incredible!’ ‘Hm’m. Just so,’ grunted the uncle. ‘Ah! my boy, trust to this—I say, trust to this.’ I saw him extend his short flipper

of an arm for a gesture that took in the forest, the creek, the mud, the river—seemed to beckon with a dishonouring flourish before the sunlit face of the land a treacherous appeal to the lurking death, to the hidden evil, to the profound darkness of its heart. It was so startling that I leaped to my feet and looked back at the edge of the forest, as though I had expected an answer of some sort to that black display of confidence. You know the foolish notions that come to one sometimes. The high stillness confronted these two figures with its ominous patience, waiting for the passing away of a fantastic invasion.

“They swore aloud together—out of sheer fright, I believe—then pretending not to know anything of my existence, turned back to the station. The sun was low; and leaning forward side by side, they seemed to be tugging painfully uphill their two ridiculous shadows of unequal length, that trailed behind them slowly over the tall grass without bending a single blade.

“In a few days the Eldorado Expedition went into the patient wilderness, that closed upon it as the sea closes over a diver. Long afterwards the news came that all the donkeys were dead. I know nothing as to the fate of the less valuable animals. They, no doubt, like the rest of us, found what they deserved. I did not inquire. I was then rather excited at

the prospect of meeting Kurtz very soon. When I say very soon I mean it comparatively. It was just two months from the day we left the creek when we came to the bank below Kurtz's station.

“Going up that river was like traveling back to the earliest beginnings of the world, when vegetation rioted on the earth and the big trees were kings. An empty stream, a great silence, an impenetrable forest. The air was warm, thick, heavy, sluggish. There was no joy in the brilliance of sunshine. The long stretches of the waterway ran on, deserted, into the gloom of overshadowed distances. On silvery sand-banks hippos and alligators sunned themselves side by side. The broadening waters flowed through a mob of wooded islands; you lost your way on that river as you would in a desert, and butted all day long against shoals, trying to find the channel, till you thought yourself bewitched and cut off for ever from everything you had known once—somewhere—far away—in another existence perhaps. There were moments when one's past came back to one, as it will sometimes when you have not a moment to spare for yourself; but it came in the shape of an unrestful and noisy dream, remembered with wonder amongst the overwhelming realities of this strange world of plants, and water, and silence. And this stillness of life did not in the

least resemble a peace. It was the stillness of an implacable force brooding over an inscrutable intention. It looked at you with a vengeful aspect. I got used to it afterwards; I did not see it any more; I had no time. I had to keep guessing at the channel; I had to discern, mostly by inspiration, the signs of hidden banks; I watched for sunken stones; I was learning to clap my teeth smartly before my heart flew out, when I shaved by a fluke some infernal sly old snag that would have ripped the life out of the tin-pot steamboat and drowned all the pilgrims; I had to keep a lookout for the signs of dead wood we could cut up in the night for next day's steaming. When you have to attend to things of that sort, to the mere incidents of the surface, the reality—the reality, I tell you—fades. The inner truth is hidden—luckily, luckily. But I felt it all the same; I felt often its mysterious stillness watching me at my monkey tricks, just as it watches you fellows performing on your respective tight-ropes for—what is it? half-a-crown a tumble—”

“Try to be civil, Marlow,” growled a voice, and I knew there was at least one listener awake besides myself.

“I beg your pardon. I forgot the heartache which makes up the rest of the price. And indeed what does the price matter, if the trick be well done? You do your tricks very well. And I didn't do badly either, since I managed not to

sink that steamboat on my first trip. It's a wonder to me yet. Imagine a blindfolded man set to drive a van over a bad road. I sweated and shivered over that business considerably, I can tell you. After all, for a seaman, to scrape the bottom of the thing that's supposed to float all the time under his care is the unpardonable sin. No one may know of it, but you never forget the thump—eh? A blow on the very heart. You remember it, you dream of it, you wake up at night and think of it—years after—and go hot and cold all over. I don't pretend to say that steamboat floated all the time. More than once she had to wade for a bit, with twenty cannibals splashing around and pushing. We had enlisted some of these chaps on the way for a crew. Fine fellows—cannibals—in their place. They were men one could work with, and I am grateful to them. And, after all, they did not eat each other before my face: they had brought along a provision of hippo-meat which went rotten, and made the mystery of the wilderness stink in my nostrils. Phoo! I can sniff it now. I had the manager on board and three or four pilgrims with their staves—all complete. Sometimes we came upon a station close by the bank, clinging to the skirts of the unknown, and the white men rushing out of a tumble-down hovel, with great gestures of joy and surprise and welcome, seemed very strange—had the appearance of

being held there captive by a spell. The word ivory would ring in the air for a while—and on we went again into the silence, along empty reaches, round the still bends, between the high walls of our winding way, reverberating in hollow claps the ponderous beat of the stern-wheel. Trees, trees, millions of trees, massive, immense, running up high; and at their foot, hugging the bank against the stream, crept the little begrimed steamboat, like a sluggish beetle crawling on the floor of a lofty portico. It made you feel very small, very lost, and yet it was not altogether depressing, that feeling. After all, if you were small, the grimy beetle crawled on—which was just what you wanted it to do. Where the pilgrims imagined it crawled to I don't know. To some place where they expected to get something. I bet! For me it crawled towards Kurtz—exclusively; but when the steam-pipes started leaking we crawled very slow. The reaches opened before us and closed behind, as if the forest had stepped leisurely across the water to bar the way for our return. We penetrated deeper and deeper into the heart of darkness. It was very quiet there. At night sometimes the roll of drums behind the curtain of trees would run up the river and remain sustained faintly, as if hovering in the air high over our heads, till the first break of day. Whether it meant war, peace, or prayer we could not tell. The dawns were heralded by the descent

of a chill stillness; the wood-cutters slept, their fires burned low; the snapping of a twig would make you start. We were wanderers on a prehistoric earth, on an earth that wore the aspect of an unknown planet. We could have fancied ourselves the first of men taking possession of an accursed inheritance, to be subdued at the cost of profound anguish and of excessive toil. But suddenly, as we struggled round a bend, there would be a glimpse of rush walls, of peaked grass-roofs, a burst of yells, a whirl of black limbs, a mass of hands clapping of feet stamping, of bodies swaying, of eyes rolling, under the droop of heavy and motionless foliage. The steamer toiled along slowly on the edge of a black and incomprehensible frenzy. The prehistoric man was cursing us, praying to us, welcoming us—who could tell? We were cut off from the comprehension of our surroundings; we glided past like phantoms, wondering and secretly appalled, as sane men would be before an enthusiastic outbreak in a madhouse. We could not understand because we were too far and could not remember because we were travelling in the night of first ages, of those ages that are gone, leaving hardly a sign—and no memories.

“The earth seemed unearthly. We are accustomed to look upon the shackled form of a conquered monster, but there—there you could look at a thing monstrous and

free. It was unearthly, and the men were—No, they were not inhuman. Well, you know, that was the worst of it—this suspicion of their not being inhuman. It would come slowly to one. They howled and leaped, and spun, and made horrid faces; but what thrilled you was just the thought of their humanity—like yours—the thought of your remote kinship with this wild and passionate uproar. Ugly. Yes, it was ugly enough; but if you were man enough you would admit to yourself that there was in you just the faintest trace of a response to the terrible frankness of that noise, a dim suspicion of there being a meaning in it which you—you so remote from the night of first ages—could comprehend. And why not? The mind of man is capable of anything—because everything is in it, all the past as well as all the future. What was there after all? Joy, fear, sorrow, devotion, valour, rage—who can tell?—but truth—truth stripped of its cloak of time. Let the fool gape and shudder—the man knows, and can look on without a wink. But he must at least be as much of a man as these on the shore. He must meet that truth with his own true stuff—with his own inborn strength. Principles won't do. Acquisitions, clothes, pretty rags—rags that would fly off at the first good shake. No; you want a deliberate belief. An appeal to me in this fiendish row—is there? Very well; I hear; I admit, but I have a voice, too, and for good or evil

mine is the speech that cannot be silenced. Of course, a fool, what with sheer fright and fine sentiments, is always safe. Who's that grunting? You wonder I didn't go ashore for a howl and a dance? Well, no—I didn't. Fine sentiments, you say? Fine sentiments, be hanged! I had no time. I had to mess about with white-lead and strips of woolen blanket helping to put bandages on those leaky steam-pipes—I tell you. I had to watch the steering, and circumvent those snags, and get the tin-pot along by hook or by crook. There was surface-truth enough in these things to save a wiser man. And between whiles I had to look after the savage who was fireman. He was an improved specimen; he could fire up a vertical boiler. He was there below me, and, upon my word, to look at him was as edifying as seeing a dog in a parody of breeches and a feather hat, walking on his hind-legs. A few months of training had done for that really fine chap. He squinted at the steam-gauge and at the water-gauge with an evident effort of intrepidity—and he had filed teeth, too, the poor devil, and the wool of his pate shaved into queer patterns, and three ornamental scars on each of his cheeks. He ought to have been clapping his hands and stamping his feet on the bank, instead of which he was hard at work, a thrall to strange witchcraft, full of improving knowledge. He was useful because he had been instructed; and what he

knew was this—that should the water in that transparent thing disappear, the evil spirit inside the boiler would get angry through the greatness of his thirst, and take a terrible vengeance. So he sweated and fired up and watched the glass fearfully (with an impromptu charm, made of rags, tied to his arm, and a piece of polished bone, as big as a watch, stuck flatways through his lower lip), while the wooded banks slipped past us slowly, the short noise was left behind, the interminable miles of silence—and we crept on, towards Kurtz. But the snags were thick, the water was treacherous and shallow, the boiler seemed indeed to have a sulky devil in it, and thus neither that fireman nor I had any time to peer into our creepy thoughts.

“Some fifty miles below the Inner Station we came upon a hut of reeds, an inclined and melancholy pole, with the unrecognizable tatters of what had been a flag of some sort flying from it, and a neatly stacked wood-pile. This was unexpected. We came to the bank, and on the stack of firewood found a flat piece of board with some faded pencil-writing on it. When deciphered it said: ‘Wood for you. Hurry up. Approach cautiously.’ There was a signature, but it was illegible—not Kurtz—a much longer word. ‘Hurry up.’ Where? Up the river? ‘Approach cautiously.’ We had not done so. But the warning could not have been meant

for the place where it could be only found after approach. Something was wrong above. But what—and how much? That was the question. We commented adversely upon the imbecility of that telegraphic style. The bush around said nothing, and would not let us look very far, either. A torn curtain of red twill hung in the doorway of the hut, and flapped sadly in our faces. The dwelling was dismantled; but we could see a white man had lived there not very long ago. There remained a rude table—a plank on two posts; a heap of rubbish reposed in a dark corner, and by the door I picked up a book. It had lost its covers, and the pages had been thumbed into a state of extremely dirty softness; but the back had been lovingly stitched afresh with white cotton thread, which looked clean yet. It was an extraordinary find. Its title was, *An Inquiry into some Points of Seamanship*, by a man Towser, Towson—some such name—Master in his Majesty's Navy. The matter looked dreary reading enough, with illustrative diagrams and repulsive tables of figures, and the copy was sixty years old. I handled this amazing antiquity with the greatest possible tenderness, lest it should dissolve in my hands. Within, Towson or Towser was inquiring earnestly into the breaking strain of ships' chains and tackle, and other such matters. Not a very enthralling book; but at the first glance you could see there a singleness of intention,

an honest concern for the right way of going to work, which made these humble pages, thought out so many years ago, luminous with another than a professional light. The simple old sailor, with his talk of chains and purchases, made me forget the jungle and the pilgrims in a delicious sensation of having come upon something unmistakably real. Such a book being there was wonderful enough; but still more astounding were the notes pencilled in the margin, and plainly referring to the text. I couldn't believe my eyes! They were in cipher! Yes, it looked like cipher. Fancy a man lugging with him a book of that description into this nowhere and studying it—and making notes—in cipher at that! It was an extravagant mystery.

“I had been dimly aware for some time of a worrying noise, and when I lifted my eyes I saw the wood-pile was gone, and the manager, aided by all the pilgrims, was shouting at me from the riverside. I slipped the book into my pocket. I assure you to leave off reading was like tearing myself away from the shelter of an old and solid friendship.

“I started the lame engine ahead. ‘It must be this miserable trader—this intruder,’ exclaimed the manager, looking back malevolently at the place we had left. ‘He must be English,’ I said. ‘It will not save him from getting into trouble if he is not careful,’ muttered the manager darkly.

I observed with assumed innocence that no man was safe from trouble in this world.

“The current was more rapid now, the steamer seemed at her last gasp, the stern-wheel flopped languidly, and I caught myself listening on tiptoe for the next beat of the boat, for in sober truth I expected the wretched thing to give up every moment. It was like watching the last flickers of a life. But still we crawled. Sometimes I would pick out a tree a little way ahead to measure our progress towards Kurtz by, but I lost it invariably before we got abreast. To keep the eyes so long on one thing was too much for human patience. The manager displayed a beautiful resignation. I fretted and fumed and took to arguing with myself whether or no I would talk openly with Kurtz; but before I could come to any conclusion it occurred to me that my speech or my silence, indeed any action of mine, would be a mere futility. What did it matter what any one knew or ignored? What did it matter who was manager? One gets sometimes such a flash of insight. The essentials of this affair lay deep under the surface, beyond my reach, and beyond my power of meddling.

“Towards the evening of the second day we judged ourselves about eight miles from Kurtz’s station. I wanted to push on; but the manager looked grave, and told me

the navigation up there was so dangerous that it would be advisable, the sun being very low already, to wait where we were till next morning. Moreover, he pointed out that if the warning to approach cautiously were to be followed, we must approach in daylight—not at dusk or in the dark. This was sensible enough. Eight miles meant nearly three hours' steaming for us, and I could also see suspicious ripples at the upper end of the reach. Nevertheless, I was annoyed beyond expression at the delay, and most unreasonably, too, since one night more could not matter much after so many months. As we had plenty of wood, and caution was the word, I brought up in the middle of the stream. The reach was narrow, straight, with high sides like a railway cutting. The dusk came gliding into it long before the sun had set. The current ran smooth and swift, but a dumb immobility sat on the banks. The living trees, lashed together by the creepers and every living bush of the undergrowth, might have been changed into stone, even to the slenderest twig, to the lightest leaf. It was not sleep—it seemed unnatural, like a state of trance. Not the faintest sound of any kind could be heard. You looked on amazed, and began to suspect yourself of being deaf—then the night came suddenly, and struck you blind as well. About three in the morning some large fish leaped, and the loud splash made me jump as though a gun

had been fired. When the sun rose there was a white fog, very warm and clammy, and more blinding than the night. It did not shift or drive; it was just there, standing all round you like something solid. At eight or nine, perhaps, it lifted as a shutter lifts. We had a glimpse of the towering multitude of trees, of the immense matted jungle, with the blazing little ball of the sun hanging over it—all perfectly still—and then the white shutter came down again, smoothly, as if sliding in greased grooves. I ordered the chain, which we had begun to heave in, to be paid out again. Before it stopped running with a muffled rattle, a cry, a very loud cry, as of infinite desolation, soared slowly in the opaque air. It ceased. A complaining clamour, modulated in savage discords, filled our ears. The sheer unexpectedness of it made my hair stir under my cap. I don't know how it struck the others: to me it seemed as though the mist itself had screamed, so suddenly, and apparently from all sides at once, did this tumultuous and mournful uproar arise. It culminated in a hurried outbreak of almost intolerably excessive shrieking, which stopped short, leaving us stiffened in a variety of silly attitudes, and obstinately listening to the nearly as appalling and excessive silence. 'Good God! What is the meaning—' stammered at my elbow one of the pilgrims—a little fat man, with sandy hair and red whiskers, who wore sidespring boots, and

pink pyjamas tucked into his socks. Two others remained open-mouthed a while minute, then dashed into the little cabin, to rush out incontinently and stand darting scared glances, with Winchesters at 'ready' in their hands. What we could see was just the steamer we were on, her outlines blurred as though she had been on the point of dissolving, and a misty strip of water, perhaps two feet broad, around her—and that was all. The rest of the world was nowhere, as far as our eyes and ears were concerned. Just nowhere. Gone, disappeared; swept off without leaving a whisper or a shadow behind.

"I went forward, and ordered the chain to be hauled in short, so as to be ready to trip the anchor and move the steamboat at once if necessary. 'Will they attack?' whispered an awed voice. 'We will be all butchered in this fog,' murmured another. The faces twitched with the strain, the hands trembled slightly, the eyes forgot to wink. It was very curious to see the contrast of expressions of the white men and of the black fellows of our crew, who were as much strangers to that part of the river as we, though their homes were only eight hundred miles away. The whites, of course greatly discomposed, had besides a curious look of being painfully shocked by such an outrageous row. The others had an alert, naturally interested expression; but their

faces were essentially quiet, even those of the one or two who grinned as they hauled at the chain. Several exchanged short, grunting phrases, which seemed to settle the matter to their satisfaction. Their headman, a young, broad-chested black, severely draped in dark-blue fringed cloths, with fierce nostrils and his hair all done up artfully in oily ringlets, stood near me. 'Aha!' I said, just for good fellowship's sake. 'Catch 'im,' he snapped, with a bloodshot widening of his eyes and a flash of sharp teeth—'catch 'im. Give 'im to us.' 'To you, eh?' I asked; 'what would you do with them?' 'Eat 'im!' he said curtly, and, leaning his elbow on the rail, looked out into the fog in a dignified and profoundly pensive attitude. I would no doubt have been properly horrified, had it not occurred to me that he and his chaps must be very hungry: that they must have been growing increasingly hungry for at least this month past. They had been engaged for six months (I don't think a single one of them had any clear idea of time, as we at the end of countless ages have. They still belonged to the beginnings of time—had no inherited experience to teach them as it were), and of course, as long as there was a piece of paper written over in accordance with some farcical law or other made down the river, it didn't enter anybody's head to trouble how they would live. Certainly they had brought with them some rotten hippo-meat, which couldn't have lasted

very long, anyway, even if the pilgrims hadn't, in the midst of a shocking hullabaloo, thrown a considerable quantity of it overboard. It looked like a high-handed proceeding; but it was really a case of legitimate self-defence. You can't breathe dead hippo waking, sleeping, and eating, and at the same time keep your precarious grip on existence. Besides that, they had given them every week three pieces of brass wire, each about nine inches long; and the theory was they were to buy their provisions with that currency in riverside villages. You can see how that worked. There were either no villages, or the people were hostile, or the director, who like the rest of us fed out of tins, with an occasional old he-goat thrown in, didn't want to stop the steamer for some more or less recondite reason. So, unless they swallowed the wire itself, or made loops of it to snare the fishes with, I don't see what good their extravagant salary could be to them. I must say it was paid with a regularity worthy of a large and honourable trading company. For the rest, the only thing to eat—though it didn't look eatable in the least—I saw in their possession was a few lumps of some stuff like half-cooked dough, of a dirty lavender colour, they kept wrapped in leaves, and now and then swallowed a piece of, but so small that it seemed done more for the looks of the thing than for any serious purpose of sustenance. Why in the name of all the

gnawing devils of hunger they didn't go for us—they were thirty to five—and have a good tuck-in for once, amazes me now when I think of it. They were big powerful men, with not much capacity to weigh the consequences, with courage, with strength, even yet, though their skins were no longer glossy and their muscles no longer hard. And I saw that something restraining, one of those human secrets that baffle probability, had come into play there. I looked at them with a swift quickening of interest—not because it occurred to me I might be eaten by them before very long, though I own to you that just then I perceived—in a new light, as it were—how unwholesome the pilgrims looked, and I hoped, yes, I positively hoped, that my aspect was not so—what shall I say?—so—unappetizing: a touch of fantastic vanity which fitted well with the dream-sensation that pervaded all my days at that time. Perhaps I had a little fever, too. One can't live with one's finger everlastingly on one's pulse. I had often 'a little fever,' or a little touch of other things—the playful paw-strokes of the wilderness, the preliminary trifling before the more serious onslaught which came in due course. Yes; I looked at them as you would on any human being, with a curiosity of their impulses, motives, capacities, weaknesses, when brought to the test of an inexorable physical necessity. Restraint! What possible restraint? Was it superstition,

disgust, patience, fear—or some kind of primitive honour? No fear can stand up to hunger, no patience can wear it out, disgust simply does not exist where hunger is; and as to superstition, beliefs, and what you may call principles, they are less than chaff in a breeze. Don't you know the devilry of lingering starvation, its exasperating torment, its black thoughts, its sombre and brooding ferocity? Well, I do. It takes a man all his inborn strength to fight hunger properly. It's really easier to face bereavement, dishonour, and the perdition of one's soul—than this kind of prolonged hunger. Sad, but true. And these chaps, too, had no earthly reason for any kind of scruple. Restraint! I would just as soon have expected restraint from a hyena prowling amongst the corpses of a battlefield. But there was the fact facing me—the fact dazzling, to be seen, like the foam on the depths of the sea, like a ripple on an unfathomable enigma, a mystery greater—when I thought of it—than the curious, inexplicable note of desperate grief in this savage clamour that had swept by us on the river-bank, behind the blind whiteness of the fog.

“Two pilgrims were quarrelling in hurried whispers as to which bank. ‘Left.’ ‘no, no; how can you? Right, right, of course.’ ‘It is very serious,’ said the manager's voice behind me; ‘I would be desolated if anything should happen to Mr. Kurtz before we came up.’ I looked at him, and had not the slightest

doubt he was sincere. He was just the kind of man who would wish to preserve appearances. That was his restraint. But when he muttered something about going on at once, I did not even take the trouble to answer him. I knew, and he knew, that it was impossible. Were we to let go our hold of the bottom, we would be absolutely in the air—in space. We wouldn't be able to tell where we were going to—whether up or down stream, or across—till we fetched against one bank or the other—and then we wouldn't know at first which it was. Of course I made no move. I had no mind for a smash-up. You couldn't imagine a more deadly place for a shipwreck. Whether we drowned at once or not, we were sure to perish speedily in one way or another. 'I authorize you to take all the risks,' he said, after a short silence. 'I refuse to take any,' I said shortly; which was just the answer he expected, though its tone might have surprised him. 'Well, I must defer to your judgment. You are captain,' he said with marked civility. I turned my shoulder to him in sign of my appreciation, and looked into the fog. How long would it last? It was the most hopeless lookout. The approach to this Kurtz grubbing for ivory in the wretched bush was beset by as many dangers as though he had been an enchanted princess sleeping in a fabulous castle. 'Will they attack, do you think?' asked the manager, in a confidential tone.

“I did not think they would attack, for several obvious reasons. The thick fog was one. If they left the bank in their canoes they would get lost in it, as we would be if we attempted to move. Still, I had also judged the jungle of both banks quite impenetrable—and yet eyes were in it, eyes that had seen us. The riverside bushes were certainly very thick; but the undergrowth behind was evidently penetrable. However, during the short lift I had seen no canoes anywhere in the reach—certainly not abreast of the steamer. But what made the idea of attack inconceivable to me was the nature of the noise—of the cries we had heard. They had not the fierce character boding immediate hostile intention. Unexpected, wild, and violent as they had been, they had given me an irresistible impression of sorrow. The glimpse of the steamboat had for some reason filled those savages with unrestrained grief. The danger, if any, I expounded, was from our proximity to a great human passion let loose. Even extreme grief may ultimately vent itself in violence—but more generally takes the form of apathy....

“You should have seen the pilgrims stare! They had no heart to grin, or even to revile me: but I believe they thought me gone mad—with fright, maybe. I delivered a regular lecture. My dear boys, it was no good bothering. Keep a lookout? Well, you may guess I watched the fog for

the signs of lifting as a cat watches a mouse; but for anything else our eyes were of no more use to us than if we had been buried miles deep in a heap of cotton-wool. It felt like it, too—choking, warm, stifling. Besides, all I said, though it sounded extravagant, was absolutely true to fact. What we afterwards alluded to as an attack was really an attempt at repulse. The action was very far from being aggressive—it was not even defensive, in the usual sense: it was undertaken under the stress of desperation, and in its essence was purely protective.

“It developed itself, I should say, two hours after the fog lifted, and its commencement was at a spot, roughly speaking, about a mile and a half below Kurtz’s station. We had just floundered and flopped round a bend, when I saw an islet, a mere grassy hummock of bright green, in the middle of the stream. It was the only thing of the kind; but as we opened the reach more, I perceived it was the head of a long sand-bank, or rather of a chain of shallow patches stretching down the middle of the river. They were discoloured, just awash, and the whole lot was seen just under the water, exactly as a man’s backbone is seen running down the middle of his back under the skin. Now, as far as I did see, I could go to the right or to the left of this. I didn’t know either channel, of course. The banks looked pretty well alike, the depth appeared the

same; but as I had been informed the station was on the west side, I naturally headed for the western passage.

“No sooner had we fairly entered it than I became aware it was much narrower than I had supposed. To the left of us there was the long uninterrupted shoal, and to the right a high, steep bank heavily overgrown with bushes. Above the bush the trees stood in serried ranks. The twigs overhung the current thickly, and from distance to distance a large limb of some tree projected rigidly over the stream. It was then well on in the afternoon, the face of the forest was gloomy, and a broad strip of shadow had already fallen on the water. In this shadow we steamed up—very slowly, as you may imagine. I sheered her well inshore—the water being deepest near the bank, as the sounding-pole informed me.

“One of my hungry and forbearing friends was sounding in the bows just below me. This steamboat was exactly like a decked scow. On the deck, there were two little teakwood houses, with doors and windows. The boiler was in the fore-end, and the machinery right astern. Over the whole there was a light roof, supported on stanchions. The funnel projected through that roof, and in front of the funnel a small cabin built of light planks served for a pilot-house. It contained a couch, two camp-stools, a loaded Martini-Henry leaning in one corner, a tiny table, and the steering-wheel.

It had a wide door in front and a broad shutter at each side. All these were always thrown open, of course. I spent my days perched up there on the extreme fore-end of that roof, before the door. At night I slept, or tried to, on the couch. An athletic black belonging to some coast tribe and educated by my poor predecessor, was the helmsman. He sported a pair of brass earrings, wore a blue cloth wrapper from the waist to the ankles, and thought all the world of himself. He was the most unstable kind of fool I had ever seen. He steered with no end of a swagger while you were by; but if he lost sight of you, he became instantly the prey of an abject funk, and would let that cripple of a steamboat get the upper hand of him in a minute.

“I was looking down at the sounding-pole, and feeling much annoyed to see at each try a little more of it stick out of that river, when I saw my poleman give up on the business suddenly, and stretch himself flat on the deck, without even taking the trouble to haul his pole in. He kept hold on it though, and it trailed in the water. At the same time the fireman, whom I could also see below me, sat down abruptly before his furnace and ducked his head. I was amazed. Then I had to look at the river mighty quick, because there was a snag in the fairway. Sticks, little sticks, were flying about—thick: they were whizzing before my nose, dropping below

me, striking behind me against my pilot-house. All this time the river, the shore, the woods, were very quiet—perfectly quiet. I could only hear the heavy splashing thump of the stern-wheel and the patter of these things. We cleared the snag clumsily. Arrows, by Jove! We were being shot at! I stepped in quickly to close the shutter on the landside. That fool-helmsman, his hands on the spokes, was lifting his knees high, stamping his feet, champing his mouth, like a reined-in horse. Confound him! And we were staggering within ten feet of the bank. I had to lean right out to swing the heavy shutter, and I saw a face amongst the leaves on the level with my own, looking at me very fierce and steady; and then suddenly, as though a veil had been removed from my eyes, I made out, deep in the tangled gloom, naked breasts, arms, legs, glaring eyes—the bush was swarming with human limbs in movement, glistening of bronze colour. The twigs shook, swayed, and rustled, the arrows flew out of them, and then the shutter came to. ‘Steer her straight,’ I said to the helmsman. He held his head rigid, face forward; but his eyes rolled, he kept on lifting and setting down his feet gently, his mouth foamed a little. ‘Keep quiet!’ I said in a fury. I might just as well have ordered a tree not to sway in the wind. I darted out. Below me there was a great scuffle of feet on the iron deck; confused exclamations; a voice screamed, ‘Can you

turn back?’ I caught sight of a V-shaped ripple on the water ahead. What? Another snag! A fusillade burst out under my feet. The pilgrims had opened with their Winchesters, and were simply squirting lead into that bush. A deuce of a lot of smoke came up and drove slowly forward. I swore at it. Now I couldn’t see the ripple or the snag either. I stood in the doorway, peering, and the arrows came in swarms. They might have been poisoned, but they looked as though they wouldn’t kill a cat. The bush began to howl. Our woodcutters raised a warlike whoop; the report of a rifle just at my back deafened me. I glanced over my shoulder, and the pilot-house was yet full of noise and smoke when I made a dash at the wheel. The fool-nigger had dropped everything, to throw the shutter open and let off that Martini-Henry. He stood before the wide opening, glaring, and I yelled at him to come back, while I straightened the sudden twist out of that steamboat. There was no room to turn even if I had wanted to, the snag was somewhere very near ahead in that confounded smoke, there was no time to lose, so I just crowded her into the bank—right into the bank, where I knew the water was deep.

“We tore slowly along the overhanging bushes in a whirl of broken twigs and flying leaves. The fusillade below stopped short, as I had foreseen it would when the squirts

got empty. I threw my head back to a glinting whizz that traversed the pilot-house, in at one shutter-hole and out at the other. Looking past that mad helmsman, who was shaking the empty rifle and yelling at the shore, I saw vague forms of men running bent double, leaping, gliding, distinct, incomplete, evanescent. Something big appeared in the air before the shutter, the rifle went overboard, and the man stepped back swiftly, looked at me over his shoulder in an extraordinary, profound, familiar manner, and fell upon my feet. The side of his head hit the wheel twice, and the end of what appeared a long cane clattered round and knocked over a little camp-stool. It looked as though after wrenching that thing from somebody ashore he had lost his balance in the effort. The thin smoke had blown away, we were clear of the snag, and looking ahead I could see that in another hundred yards or so I would be free to sheer off, away from the bank; but my feet felt so very warm and wet that I had to look down. The man had rolled on his back and stared straight up at me; both his hands clutched that cane. It was the shaft of a spear that, either thrown or lunged through the opening, had caught him in the side, just below the ribs; the blade had gone in out of sight, after making a frightful gash; my shoes were full; a pool of blood lay very still, gleaming dark-red under the wheel; his eyes shone with an amazing lustre.

The fusillade burst out again. He looked at me anxiously, gripping the spear like something precious, with an air of being afraid I would try to take it away from him. I had to make an effort to free my eyes from his gaze and attend to the steering. With one hand I felt above my head for the line of the steam whistle, and jerked out screech after screech hurriedly. The tumult of angry and warlike yells was checked instantly, and then from the depths of the woods went out such a tremulous and prolonged wail of mournful fear and utter despair as may be imagined to follow the flight of the last hope from the earth. There was a great commotion in the bush; the shower of arrows stopped, a few dropping shots rang out sharply—then silence, in which the languid beat of the stern-wheel came plainly to my ears. I put the helm hard a-starboard at the moment when the pilgrim in pink pyjamas, very hot and agitated, appeared in the doorway. ‘The manager sends me—’ he began in an official tone, and stopped short. ‘Good God!’ he said, glaring at the wounded man.

“We two whites stood over him, and his lustrous and inquiring glance enveloped us both. I declare it looked as though he would presently put to us some questions in an understandable language; but he died without uttering a sound, without moving a limb, without twitching a muscle.

Only in the very last moment, as though in response to some sign we could not see, to some whisper we could not hear, he frowned heavily, and that frown gave to his black death-mask an inconceivably sombre, brooding, and menacing expression. The lustre of inquiring glance faded swiftly into vacant glassiness. 'Can you steer?' I asked the agent eagerly. He looked very dubious; but I made a grab at his arm, and he understood at once I meant him to steer whether or no. To tell you the truth, I was morbidly anxious to change my shoes and socks. 'He is dead,' murmured the fellow, immensely impressed. 'No doubt about it,' said I, tugging like mad at the shoe-laces. 'And by the way, I suppose Mr. Kurtz is dead as well by this time.'

"For the moment that was the dominant thought. There was a sense of extreme disappointment, as though I had found out I had been striving after something altogether without a substance. I couldn't have been more disgusted if I had travelled all this way for the sole purpose of talking with Mr. Kurtz. Talking with... I flung one shoe overboard, and became aware that that was exactly what I had been looking forward to—a talk with Kurtz. I made the strange discovery that I had never imagined him as doing, you know, but as discoursing. I didn't say to myself, 'Now I will never see him,' or 'Now I will never shake him by the hand,' but, 'Now I will never hear

him.’ The man presented himself as a voice. Not of course that I did not connect him with some sort of action. Hadn’t I been told in all the tones of jealousy and admiration that he had collected, bartered, swindled, or stolen more ivory than all the other agents together? That was not the point. The point was in his being a gifted creature, and that of all his gifts the one that stood out preeminently, that carried with it a sense of real presence, was his ability to talk, his words—the gift of expression, the bewildering, the illuminating, the most exalted and the most contemptible, the pulsating stream of light, or the deceitful flow from the heart of an impenetrable darkness.

“The other shoe went flying unto the devil-god of that river. I thought, ‘By Jove! it’s all over. We are too late; he has vanished—the gift has vanished, by means of some spear, arrow, or club. I will never hear that chap speak after all’—and my sorrow had a startling extravagance of emotion, even such as I had noticed in the howling sorrow of these savages in the bush. I couldn’t have felt more of lonely desolation somehow, had I been robbed of a belief or had missed my destiny in life.... Why do you sigh in this beastly way, somebody? Absurd? Well, absurd. Good Lord! mustn’t a man ever—Here, give me some tobacco.”...

There was a pause of profound stillness, then a match flared, and Marlow’s lean face appeared, worn, hollow, with

downward folds and dropped eyelids, with an aspect of concentrated attention; and as he took vigorous draws at his pipe, it seemed to retreat and advance out of the night in the regular flicker of tiny flame. The match went out.

“Absurd!” he cried. “This is the worst of trying to tell.... Here you all are, each moored with two good addresses, like a hulk with two anchors, a butcher round one corner, a policeman round another, excellent appetites, and temperature normal—you hear—normal from year’s end to year’s end. And you say, Absurd! Absurd be—exploded! Absurd! My dear boys, what can you expect from a man who out of sheer nervousness had just flung overboard a pair of new shoes! Now I think of it, it is amazing I did not shed tears. I am, upon the whole, proud of my fortitude. I was cut to the quick at the idea of having lost the inestimable privilege of listening to the gifted Kurtz. Of course I was wrong. The privilege was waiting for me. Oh, yes, I heard more than enough. And I was right, too. A voice. He was very little more than a voice. And I heard—him—it—this voice—other voices—all of them were so little more than voices—and the memory of that time itself lingers around me, impalpable, like a dying vibration of one immense jabber, silly, atrocious, sordid, savage, or simply mean, without any kind of sense. Voices, voices—even the girl herself—now—”

He was silent for a long time.

“I laid the ghost of his gifts at last with a lie,” he began, suddenly. “Girl! What? Did I mention a girl? Oh, she is out of it—completely. They—the women, I mean—are out of it—should be out of it. We must help them to stay in that beautiful world of their own, lest ours gets worse. Oh, she had to be out of it. You should have heard the disinterred body of Mr. Kurtz saying, ‘My Intended.’ You would have perceived directly then how completely she was out of it. And the lofty frontal bone of Mr. Kurtz! They say the hair goes on growing sometimes, but this—ah—specimen, was impressively bald. The wilderness had patted him on the head, and, behold, it was like a ball—an ivory ball; it had caressed him, and—lo!—he had withered; it had taken him, loved him, embraced him, got into his veins, consumed his flesh, and sealed his soul to its own by the inconceivable ceremonies of some devilish initiation. He was its spoiled and pampered favourite. Ivory? I should think so. Heaps of it, stacks of it. The old mud shanty was bursting with it. You would think there was not a single tusk left either above or below the ground in the whole country. ‘Mostly fossil,’ the manager had remarked, disparagingly. It was no more fossil than I am; but they call it fossil when it is dug up. It appears these niggers do bury the tusks sometimes—but evidently

they couldn't bury this parcel deep enough to save the gifted Mr. Kurtz from his fate. We filled the steamboat with it, and had to pile a lot on the deck. Thus he could see and enjoy as long as he could see, because the appreciation of this favour had remained with him to the last. You should have heard him say, 'My ivory.' Oh, yes, I heard him. 'My Intended, my ivory, my station, my river, my—' everything belonged to him. It made me hold my breath in expectation of hearing the wilderness burst into a prodigious peal of laughter that would shake the fixed stars in their places. Everything belonged to him—but that was a trifle. The thing was to know what he belonged to, how many powers of darkness claimed him for their own. That was the reflection that made you creepy all over. It was impossible—it was not good for one either—trying to imagine. He had taken a high seat amongst the devils of the land—I mean literally. You can't understand. How could you?—with solid pavement under your feet, surrounded by kind neighbours ready to cheer you or to fall on you, stepping delicately between the butcher and the policeman, in the holy terror of scandal and gallows and lunatic asylums—how can you imagine what particular region of the first ages a man's untrammelled feet may take him into by the way of solitude—utter solitude without a policeman—by the way of silence—utter silence, where no

warning voice of a kind neighbour can be heard whispering of public opinion? These little things make all the great difference. When they are gone you must fall back upon your own innate strength, upon your own capacity for faithfulness. Of course you may be too much of a fool to go wrong—too dull even to know you are being assaulted by the powers of darkness. I take it, no fool ever made a bargain for his soul with the devil; the fool is too much of a fool, or the devil too much of a devil—I don't know which. Or you may be such a thunderingly exalted creature as to be altogether deaf and blind to anything but heavenly sights and sounds. Then the earth for you is only a standing place—and whether to be like this is your loss or your gain I won't pretend to say. But most of us are neither one nor the other. The earth for us is a place to live in, where we must put up with sights, with sounds, with smells, too, by Jove!—breathe dead hippo, so to speak, and not be contaminated. And there, don't you see? Your strength comes in, the faith in your ability for the digging of unostentatious holes to bury the stuff in—your power of devotion, not to yourself, but to an obscure, back-breaking business. And that's difficult enough. Mind, I am not trying to excuse or even explain—I am trying to account to myself for—for—Mr. Kurtz—for the shade of Mr. Kurtz. This initiated wraith from the back of Nowhere honoured

me with its amazing confidence before it vanished altogether. This was because it could speak English to me. The original Kurtz had been educated partly in England, and—as he was good enough to say himself—his sympathies were in the right place. His mother was half-English, his father was half-French. All Europe contributed to the making of Kurtz; and by and by I learned that, most appropriately, the International Society for the Suppression of Savage Customs had intrusted him with the making of a report, for its future guidance. And he had written it, too. I've seen it. I've read it. It was eloquent, vibrating with eloquence, but too high-strung, I think. Seventeen pages of close writing he had found time for! But this must have been before his—let us say—nerves, went wrong, and caused him to preside at certain midnight dances ending with unspeakable rites, which—as far as I reluctantly gathered from what I heard at various times—were offered up to him—do you understand?—to Mr. Kurtz himself. But it was a beautiful piece of writing. The opening paragraph, however, in the light of later information, strikes me now as ominous. He began with the argument that we whites, from the point of development we had arrived at, 'must necessarily appear to them [savages] in the nature of supernatural beings—we approach them with the might of a deity,' and so on, and so on. 'By the simple exercise of

our will we can exert a power for good practically unbounded,' etc., etc. From that point he soared and took me with him. The peroration was magnificent, though difficult to remember, you know. It gave me the notion of an exotic Immensity ruled by an august Benevolence. It made me tingle with enthusiasm. This was the unbounded power of eloquence—of words—of burning noble words. There were no practical hints to interrupt the magic current of phrases, unless a kind of note at the foot of the last page, scrawled evidently much later, in an unsteady hand, may be regarded as the exposition of a method. It was very simple, and at the end of that moving appeal to every altruistic sentiment it blazed at you, luminous and terrifying, like a flash of lightning in a serene sky: 'Exterminate all the brutes!' The curious part was that he had apparently forgotten all about that valuable postscriptum, because, later on, when he in a sense came to himself, he repeatedly entreated me to take good care of 'my pamphlet' (he called it), as it was sure to have in the future a good influence upon his career. I had full information about all these things, and, besides, as it turned out, I was to have the care of his memory. I've done enough for it to give me the indisputable right to lay it, if I choose, for an everlasting rest in the dust-bin of progress, amongst all the sweepings and, figuratively speaking, all the dead cats of

civilization. But then, you see, I can't choose. He won't be forgotten. Whatever he was, he was not common. He had the power to charm or frighten rudimentary souls into an aggravated witch-dance in his honour; he could also fill the small souls of the pilgrims with bitter misgivings: he had one devoted friend at least, and he had conquered one soul in the world that was neither rudimentary nor tainted with self-seeking. No; I can't forget him, though I am not prepared to affirm the fellow was exactly worth the life we lost in getting to him. I missed my late helmsman awfully—I missed him even while his body was still lying in the pilot-house. Perhaps you will think it passing strange this regret for a savage who was no more account than a grain of sand in a black Sahara. Well, don't you see, he had done something, he had steered; for months I had him at my back—a help—an instrument. It was a kind of partnership. He steered for me—I had to look after him, I worried about his deficiencies, and thus a subtle bond had been created, of which I only became aware when it was suddenly broken. And the intimate profundity of that look he gave me when he received his hurt remains to this day in my memory—like a claim of distant kinship affirmed in a supreme moment.

“Poor fool! If he had only left that shutter alone. He had no restraint, no restraint—just like Kurtz—a tree swayed

by the wind. As soon as I had put on a dry pair of slippers, I dragged him out, after first jerking the spear out of his side, which operation I confess I performed with my eyes shut tight. His heels leaped together over the little doorstep; his shoulders were pressed to my breast; I hugged him from behind desperately. Oh! he was heavy, heavy; heavier than any man on earth, I should imagine. Then without more ado I tipped him overboard. The current snatched him as though he had been a wisp of grass, and I saw the body roll over twice before I lost sight of it for ever. All the pilgrims and the manager were then congregated on the awning-deck about the pilot-house, chattering at each other like a flock of excited magpies, and there was a scandalized murmur at my heartless promptitude. What they wanted to keep that body hanging about for I can't guess. Embalm it, maybe. But I had also heard another, and a very ominous, murmur on the deck below. My friends the wood-cutters were likewise scandalized, and with a better show of reason—though I admit that the reason itself was quite inadmissible. Oh, quite! I had made up my mind that if my late helmsman was to be eaten, the fishes alone should have him. He had been a very second-rate helmsman while alive, but now he was dead he might have become a first-class temptation, and possibly cause some startling trouble. Besides, I was anxious

to take the wheel, the man in pink pyjamas showing himself a hopeless duffer at the business.

“This I did directly the simple funeral was over. We were going half-speed, keeping right in the middle of the stream, and I listened to the talk about me. They had given up Kurtz, they had given up the station; Kurtz was dead, and the station had been burnt—and so on—and so on. The red-haired pilgrim was beside himself with the thought that at least this poor Kurtz had been properly avenged. ‘Say! We must have made a glorious slaughter of them in the bush. Eh? What do you think? Say?’ He positively danced, the bloodthirsty little gingery beggar. And he had nearly fainted when he saw the wounded man! I could not help saying, ‘You made a glorious lot of smoke, anyhow.’ I had seen, from the way the tops of the bushes rustled and flew, that almost all the shots had gone too high. You can’t hit anything unless you take aim and fire from the shoulder; but these chaps fired from the hip with their eyes shut. The retreat, I maintained—and I was right—was caused by the screeching of the steam whistle. Upon this they forgot Kurtz, and began to howl at me with indignant protests.

“The manager stood by the wheel murmuring confidentially about the necessity of getting well away down the river before dark at all events, when I saw in the distance a clearing on the

riverside and the outlines of some sort of building. 'What's this?' I asked. He clapped his hands in wonder. 'The station!' he cried. I edged in at once, still going half-speed.

"Through my glasses I saw the slope of a hill interspersed with rare trees and perfectly free from undergrowth. A long decaying building on the summit was half buried in the high grass; the large holes in the peaked roof gaped black from afar; the jungle and the woods made a background. There was no enclosure or fence of any kind; but there had been one apparently, for near the house half-a-dozen slim posts remained in a row, roughly trimmed, and with their upper ends ornamented with round carved balls. The rails, or whatever there had been between, had disappeared. Of course the forest surrounded all that. The river-bank was clear, and on the waterside I saw a white man under a hat like a cart-wheel beckoning persistently with his whole arm. Examining the edge of the forest above and below, I was almost certain I could see movements—human forms gliding here and there. I steamed past prudently, then stopped the engines and let her drift down. The man on the shore began to shout, urging us to land. 'We have been attacked,' screamed the manager. 'I know—I know. It's all right,' yelled back the other, as cheerful as you please. 'Come along. It's all right. I am glad.'

“His aspect reminded me of something I had seen—something funny I had seen somewhere. As I manoeuvred to get alongside, I was asking myself, ‘What does this fellow look like?’ Suddenly I got it. He looked like a harlequin. His clothes had been made of some stuff that was brown holland probably, but it was covered with patches all over, with bright patches, blue, red, and yellow—patches on the back, patches on the front, patches on elbows, on knees; coloured binding around his jacket, scarlet edging at the bottom of his trousers; and the sunshine made him look extremely gay and wonderfully neat withal, because you could see how beautifully all this patching had been done. A beardless, boyish face, very fair, no features to speak of, nose peeling, little blue eyes, smiles and frowns chasing each other over that open countenance like sunshine and shadow on a wind-swept plain. ‘Look out, captain!’ he cried; ‘there’s a snag lodged in here last night.’ What! Another snag? I confess I swore shamefully. I had nearly holed my cripple, to finish off that charming trip. The harlequin on the bank turned his little pug-nose up to me. ‘You English?’ he asked, all smiles. ‘Are you?’ I shouted from the wheel. The smiles vanished, and he shook his head as if sorry for my disappointment. Then he brightened up. ‘Never mind!’ he cried encouragingly. ‘Are we in time?’ I asked. ‘He is up there,’ he replied, with

a toss of the head up the hill, and becoming gloomy all of a sudden. His face was like the autumn sky, overcast one moment and bright the next.

“When the manager, escorted by the pilgrims, all of them armed to the teeth, had gone to the house this chap came on board. ‘I say, I don’t like this. These natives are in the bush,’ I said. He assured me earnestly it was all right. ‘They are simple people,’ he added; ‘well, I am glad you came. It took me all my time to keep them off.’ ‘But you said it was all right,’ I cried. ‘Oh, they meant no harm,’ he said; and as I stared he corrected himself, ‘Not exactly.’ Then vivaciously, ‘My faith, your pilot-house wants a clean-up!’ In the next breath he advised me to keep enough steam on the boiler to blow the whistle in case of any trouble. ‘One good screech will do more for you than all your rifles. They are simple people,’ he repeated. He rattled away at such a rate he quite overwhelmed me. He seemed to be trying to make up for lots of silence, and actually hinted, laughing, that such was the case. ‘Don’t you talk with Mr. Kurtz?’ I said. ‘You don’t talk with that man—you listen to him,’ he exclaimed with severe exaltation. ‘But now—’ He waved his arm, and in the twinkling of an eye was in the uttermost depths of despondency. In a moment he came up again with a jump, possessed himself of both my hands, shook them

continuously, while he gabbled: 'Brother sailor... honour... pleasure... delight... introduce myself... Russian... son of an arch-priest... Government of Tambov... What? Tobacco! English tobacco; the excellent English tobacco! Now, that's brotherly. Smoke? Where's a sailor that does not smoke?'

"The pipe soothed him, and gradually I made out he had run away from school, had gone to sea in a Russian ship; ran away again; served some time in English ships; was now reconciled with the arch-priest. He made a point of that. 'But when one is young one must see things, gather experience, ideas; enlarge the mind.' 'Here!' I interrupted. 'You can never tell! Here I met Mr. Kurtz,' he said, youthfully solemn and reproachful. I held my tongue after that. It appears he had persuaded a Dutch trading-house on the coast to fit him out with stores and goods, and had started for the interior with a light heart and no more idea of what would happen to him than a baby. He had been wandering about that river for nearly two years alone, cut off from everybody and everything. 'I am not so young as I look. I am twenty-five,' he said. 'At first old Van Shuyten would tell me to go to the devil,' he narrated with keen enjoyment; 'but I stuck to him, and talked and talked, till at last he got afraid I would talk the hind-leg off his favourite dog, so he gave me some cheap things and a few guns, and told me he hoped he would never

see my face again. Good old Dutchman, Van Shuyten. I've sent him one small lot of ivory a year ago, so that he can't call me a little thief when I get back. I hope he got it. And for the rest I don't care. I had some wood stacked for you. That was my old house. Did you see?'

"I gave him Towson's book. He made as though he would kiss me, but restrained himself. 'The only book I had left, and I thought I had lost it,' he said, looking at it ecstatically. 'So many accidents happen to a man going about alone, you know. Canoes get upset sometimes—and sometimes you've got to clear out so quick when the people get angry.' He thumbed the pages. 'You made notes in Russian?' I asked. He nodded. 'I thought they were written in cipher,' I said. He laughed, then became serious. 'I had lots of trouble to keep these people off,' he said. 'Did they want to kill you?' I asked. 'Oh, no!' he cried, and checked himself. 'Why did they attack us?' I pursued. He hesitated, then said shamefacedly, 'They don't want him to go.' 'Don't they?' I said curiously. He nodded a nod full of mystery and wisdom. 'I tell you,' he cried, 'this man has enlarged my mind.' He opened his arms wide, staring at me with his little blue eyes that were perfectly round."

III

“ I looked at him, lost in astonishment. There he was before me, in motley, as though he had absconded from a troupe of mimes, enthusiastic, fabulous. His very existence was improbable, inexplicable, and altogether bewildering. He was an insoluble problem. It was inconceivable how he had existed, how he had succeeded in getting so far, how he had managed to remain—why he did not instantly disappear. ‘I went a little farther,’ he said, ‘then still a little farther—till I had gone so far that I don’t know how I’ll ever get back. Never mind. Plenty time. I can manage. You take Kurtz away quick—quick—I tell you.’ The glamour of youth enveloped his parti-coloured rags, his destitution, his loneliness, the essential desolation of his futile wanderings. For months—for years—his life hadn’t been worth a day’s purchase; and there he was gallantly, thoughtlessly alive, to all appearances indestructible solely by the virtue of his few years and of his unreflecting audacity. I was seduced into something like admiration—like envy. Glamour urged him on, glamour kept him unscathed. He surely wanted nothing from the wilderness but space to breathe in and to push on through. His need was to exist, and to move onwards at the greatest possible risk,

and with a maximum of privation. If the absolutely pure, uncalculating, unpractical spirit of adventure had ever ruled a human being, it ruled this bepatched youth. I almost envied him the possession of this modest and clear flame. It seemed to have consumed all thought of self so completely, that even while he was talking to you, you forgot that it was he—the man before your eyes—who had gone through these things. I did not envy him his devotion to Kurtz, though. He had not meditated over it. It came to him, and he accepted it with a sort of eager fatalism. I must say that to me it appeared about the most dangerous thing in every way he had come upon so far.

“They had come together unavoidably, like two ships becalmed near each other, and lay rubbing sides at last. I suppose Kurtz wanted an audience, because on a certain occasion, when encamped in the forest, they had talked all night, or more probably Kurtz had talked. ‘We talked of everything,’ he said, quite transported at the recollection. ‘I forgot there was such a thing as sleep. The night did not seem to last an hour. Everything! Everything!... Of love, too.’ ‘Ah, he talked to you of love!’ I said, much amused. ‘It isn’t what you think,’ he cried, almost passionately. ‘It was in general. He made me see things—things.’

“He threw his arms up. We were on deck at the time, and the headman of my wood-cutters, lounging near by,

turned upon him his heavy and glittering eyes. I looked around, and I don't know why, but I assure you that never, never before, did this land, this river, this jungle, the very arch of this blazing sky, appear to me so hopeless and so dark, so impenetrable to human thought, so pitiless to human weakness. 'And, ever since, you have been with him, of course?' I said.

"On the contrary. It appears their intercourse had been very much broken by various causes. He had, as he informed me proudly, managed to nurse Kurtz through two illnesses (he alluded to it as you would to some risky feat), but as a rule Kurtz wandered alone, far in the depths of the forest. 'Very often coming to this station, I had to wait days and days before he would turn up,' he said. 'Ah, it was worth waiting for!—sometimes.' 'What was he doing? exploring or what?' I asked. 'Oh, yes, of course'; he had discovered lots of villages, a lake, too—he did not know exactly in what direction; it was dangerous to inquire too much—but mostly his expeditions had been for ivory. 'But he had no goods to trade with by that time,' I objected. 'There's a good lot of cartridges left even yet,' he answered, looking away. 'To speak plainly, he raided the country,' I said. He nodded. 'Not alone, surely!' He muttered something about the villages round that lake. 'Kurtz got the tribe to follow him, did he?' I suggested. He

fidged a little. 'They adored him,' he said. The tone of these words was so extraordinary that I looked at him searchingly. It was curious to see his mingled eagerness and reluctance to speak of Kurtz. The man filled his life, occupied his thoughts, swayed his emotions. 'What can you expect?' he burst out; 'he came to them with thunder and lightning, you know—and they had never seen anything like it—and very terrible. He could be very terrible. You can't judge Mr. Kurtz as you would an ordinary man. No, no, no! Now—just to give you an idea—I don't mind telling you, he wanted to shoot me, too, one day—but I don't judge him.' 'Shoot you!' I cried 'What for?' 'Well, I had a small lot of ivory the chief of that village near my house gave me. You see I used to shoot game for them. Well, he wanted it, and wouldn't hear reason. He declared he would shoot me unless I gave him the ivory and then cleared out of the country, because he could do so, and had a fancy for it, and there was nothing on earth to prevent him killing whom he jolly well pleased. And it was true, too. I gave him the ivory. What did I care! But I didn't clear out. No, no. I couldn't leave him. I had to be careful, of course, till we got friendly again for a time. He had his second illness then. Afterwards I had to keep out of the way; but I didn't mind. He was living for the most part in those villages on the lake. When he came down to the river, sometimes he

would take to me, and sometimes it was better for me to be careful. This man suffered too much. He hated all this, and somehow he couldn't get away. When I had a chance I begged him to try and leave while there was time; I offered to go back with him. And he would say yes, and then he would remain; go off on another ivory hunt; disappear for weeks; forget himself amongst these people—forget himself—you know.' 'Why! he's mad,' I said. He protested indignantly. Mr. Kurtz couldn't be mad. If I had heard him talk, only two days ago, I wouldn't dare hint at such a thing.... I had taken up my binoculars while we talked, and was looking at the shore, sweeping the limit of the forest at each side and at the back of the house. The consciousness of there being people in that bush, so silent, so quiet—as silent and quiet as the ruined house on the hill—made me uneasy. There was no sign on the face of nature of this amazing tale that was not so much told as suggested to me in desolate exclamations, completed by shrugs, in interrupted phrases, in hints ending in deep sighs. The woods were unmoved, like a mask—heavy, like the closed door of a prison—they looked with their air of hidden knowledge, of patient expectation, of unapproachable silence. The Russian was explaining to me that it was only lately that Mr. Kurtz had come down to the river, bringing along with him all the fighting men of that lake tribe. He

had been absent for several months—getting himself adored, I suppose—and had come down unexpectedly, with the intention to all appearance of making a raid either across the river or down stream. Evidently the appetite for more ivory had got the better of the—what shall I say?—less material aspirations. However he had got much worse suddenly. ‘I heard he was lying helpless, and so I came up—took my chance,’ said the Russian. ‘Oh, he is bad, very bad.’ I directed my glass to the house. There were no signs of life, but there was the ruined roof, the long mud wall peeping above the grass, with three little square window-holes, no two of the same size; all this brought within reach of my hand, as it were. And then I made a brusque movement, and one of the remaining posts of that vanished fence leaped up in the field of my glass. You remember I told you I had been struck at the distance by certain attempts at ornamentation, rather remarkable in the ruinous aspect of the place. Now I had suddenly a nearer view, and its first result was to make me throw my head back as if before a blow. Then I went carefully from post to post with my glass, and I saw my mistake. These round knobs were not ornamental but symbolic; they were expressive and puzzling, striking and disturbing—food for thought and also for vultures if there had been any looking down from the sky; but at all events for such ants as were

industrious enough to ascend the pole. They would have been even more impressive, those heads on the stakes, if their faces had not been turned to the house. Only one, the first I had made out, was facing my way. I was not so shocked as you may think. The start back I had given was really nothing but a movement of surprise. I had expected to see a knob of wood there, you know. I returned deliberately to the first I had seen—and there it was, black, dried, sunken, with closed eyelids—a head that seemed to sleep at the top of that pole, and, with the shrunken dry lips showing a narrow white line of the teeth, was smiling, too, smiling continuously at some endless and jocose dream of that eternal slumber.

“I am not disclosing any trade secrets. In fact, the manager said afterwards that Mr. Kurtz’s methods had ruined the district. I have no opinion on that point, but I want you clearly to understand that there was nothing exactly profitable in these heads being there. They only showed that Mr. Kurtz lacked restraint in the gratification of his various lusts, that there was something wanting in him—some small matter which, when the pressing need arose, could not be found under his magnificent eloquence. Whether he knew of this deficiency himself I can’t say. I think the knowledge came to him at last—only at the very last. But the wilderness had found him out early, and had

taken on him a terrible vengeance for the fantastic invasion. I think it had whispered to him things about himself which he did not know, things of which he had no conception till he took counsel with this great solitude—and the whisper had proved irresistibly fascinating. It echoed loudly within him because he was hollow at the core.... I put down the glass, and the head that had appeared near enough to be spoken to seemed at once to have leaped away from me into inaccessible distance.

“The admirer of Mr. Kurtz was a bit crestfallen. In a hurried, indistinct voice he began to assure me he had not dared to take these—say, symbols—down. He was not afraid of the natives; they would not stir till Mr. Kurtz gave the word. His ascendancy was extraordinary. The camps of these people surrounded the place, and the chiefs came every day to see him. They would crawl.... ‘I don’t want to know anything of the ceremonies used when approaching Mr. Kurtz,’ I shouted. Curious, this feeling that came over me that such details would be more intolerable than those heads drying on the stakes under Mr. Kurtz’s windows. After all, that was only a savage sight, while I seemed at one bound to have been transported into some lightless region of subtle horrors, where pure, uncomplicated savagery was a positive relief, being something that had a right to exist—obviously—in

the sunshine. The young man looked at me with surprise. I suppose it did not occur to him that Mr. Kurtz was no idol of mine. He forgot I hadn't heard any of these splendid monologues on, what was it? on love, justice, conduct of life—or what not. If it had come to crawling before Mr. Kurtz, he crawled as much as the veriest savage of them all. I had no idea of the conditions, he said: these heads were the heads of rebels. I shocked him excessively by laughing. Rebels! What would be the next definition I was to hear? There had been enemies, criminals, workers—and these were rebels. Those rebellious heads looked very subdued to me on their sticks. 'You don't know how such a life tries a man like Kurtz,' cried Kurtz's last disciple. 'Well, and you?' I said. 'I! I! I am a simple man. I have no great thoughts. I want nothing from anybody. How can you compare me to...?' His feelings were too much for speech, and suddenly he broke down. 'I don't understand,' he groaned. 'I've been doing my best to keep him alive, and that's enough. I had no hand in all this. I have no abilities. There hasn't been a drop of medicine or a mouthful of invalid food for months here. He was shamefully abandoned. A man like this, with such ideas. Shamefully! Shamefully! I—I—haven't slept for the last ten nights...'

“His voice lost itself in the calm of the evening. The long shadows of the forest had slipped downhill while we

talked, had gone far beyond the ruined hovel, beyond the symbolic row of stakes. All this was in the gloom, while we down there were yet in the sunshine, and the stretch of the river abreast of the clearing glittered in a still and dazzling splendour, with a murky and overshadowed bend above and below. Not a living soul was seen on the shore. The bushes did not rustle.

“Suddenly round the corner of the house a group of men appeared, as though they had come up from the ground. They waded waist-deep in the grass, in a compact body, bearing an improvised stretcher in their midst. Instantly, in the emptiness of the landscape, a cry arose whose shrillness pierced the still air like a sharp arrow flying straight to the very heart of the land; and, as if by enchantment, streams of human beings—of naked human beings—with spears in their hands, with bows, with shields, with wild glances and savage movements, were poured into the clearing by the dark-faced and pensive forest. The bushes shook, the grass swayed for a time, and then everything stood still in attentive immobility.

“Now, if he does not say the right thing to them we are all done for,” said the Russian at my elbow. The knot of men with the stretcher had stopped, too, halfway to the steamer, as if petrified. I saw the man on the stretcher sit up, lank and

with an uplifted arm, above the shoulders of the bearers. 'Let us hope that the man who can talk so well of love in general will find some particular reason to spare us this time,' I said. I resented bitterly the absurd danger of our situation, as if to be at the mercy of that atrocious phantom had been a dishonouring necessity. I could not hear a sound, but through my glasses I saw the thin arm extended commandingly, the lower jaw moving, the eyes of that apparition shining darkly far in its bony head that nodded with grotesque jerks. Kurtz—Kurtz—that means short in German—don't it? Well, the name was as true as everything else in his life—and death. He looked at least seven feet long. His covering had fallen off, and his body emerged from it pitiful and appalling as from a winding-sheet. I could see the cage of his ribs all astir, the bones of his arm waving. It was as though an animated image of death carved out of old ivory had been shaking its hand with menaces at a motionless crowd of men made of dark and glittering bronze. I saw him open his mouth wide—it gave him a weirdly voracious aspect, as though he had wanted to swallow all the air, all the earth, all the men before him. A deep voice reached me faintly. He must have been shouting. He fell back suddenly. The stretcher shook as the bearers staggered forward again, and almost at the same time I noticed that the crowd of savages was vanishing without any perceptible movement of retreat,

as if the forest that had ejected these beings so suddenly had drawn them in again as the breath is drawn in a long aspiration.

“Some of the pilgrims behind the stretcher carried his arms—two shot-guns, a heavy rifle, and a light revolver-carbine—the thunderbolts of that pitiful Jupiter. The manager bent over him murmuring as he walked beside his head. They laid him down in one of the little cabins—just a room for a bed place and a camp-stool or two, you know. We had brought his belated correspondence, and a lot of torn envelopes and open letters littered his bed. His hand roamed feebly amongst these papers. I was struck by the fire of his eyes and the composed languor of his expression. It was not so much the exhaustion of disease. He did not seem in pain. This shadow looked satiated and calm, as though for the moment it had had its fill of all the emotions.

“He rustled one of the letters, and looking straight in my face said, ‘I am glad.’ Somebody had been writing to him about me. These special recommendations were turning up again. The volume of tone he emitted without effort, almost without the trouble of moving his lips, amazed me. A voice! a voice! It was grave, profound, vibrating, while the man did not seem capable of a whisper. However, he had enough strength in him—factitious no doubt—to very nearly make an end of us, as you shall hear directly.

“The manager appeared silently in the doorway; I stepped out at once and he drew the curtain after me. The Russian, eyed curiously by the pilgrims, was staring at the shore. I followed the direction of his glance.

“Dark human shapes could be made out in the distance, flitting indistinctly against the gloomy border of the forest, and near the river two bronze figures, leaning on tall spears, stood in the sunlight under fantastic head-dresses of spotted skins, warlike and still in statuesque repose. And from right to left along the lighted shore moved a wild and gorgeous apparition of a woman.

“She walked with measured steps, draped in striped and fringed cloths, treading the earth proudly, with a slight jingle and flash of barbarous ornaments. She carried her head high; her hair was done in the shape of a helmet; she had brass leggings to the knee, brass wire gauntlets to the elbow, a crimson spot on her tawny cheek, innumerable necklaces of glass beads on her neck; bizarre things, charms, gifts of witch-men, that hung about her, glittered and trembled at every step. She must have had the value of several elephant tusks upon her. She was savage and superb, wild-eyed and magnificent; there was something ominous and stately in her deliberate progress. And in the hush that had fallen suddenly upon the whole sorrowful land, the immense wilderness,

the colossal body of the fecund and mysterious life seemed to look at her, pensive, as though it had been looking at the image of its own tenebrous and passionate soul.

“She came abreast of the steamer, stood still, and faced us. Her long shadow fell to the water’s edge. Her face had a tragic and fierce aspect of wild sorrow and of dumb pain mingled with the fear of some struggling, half-shaped resolve. She stood looking at us without a stir, and like the wilderness itself, with an air of brooding over an inscrutable purpose. A whole minute passed, and then she made a step forward. There was a low jingle, a glint of yellow metal, a sway of fringed draperies, and she stopped as if her heart had failed her. The young fellow by my side growled. The pilgrims murmured at my back. She looked at us all as if her life had depended upon the unswerving steadiness of her glance. Suddenly she opened her bared arms and threw them up rigid above her head, as though in an uncontrollable desire to touch the sky, and at the same time the swift shadows darted out on the earth, swept around on the river, gathering the steamer into a shadowy embrace. A formidable silence hung over the scene.

“She turned away slowly, walked on, following the bank, and passed into the bushes to the left. Once only her eyes gleamed back at us in the dusk of the thickets before she disappeared.

“If she had offered to come aboard I really think I would have tried to shoot her,’ said the man of patches, nervously. ‘I have been risking my life every day for the last fortnight to keep her out of the house. She got in one day and kicked up a row about those miserable rags I picked up in the storeroom to mend my clothes with. I wasn’t decent. At least it must have been that, for she talked like a fury to Kurtz for an hour, pointing at me now and then. I don’t understand the dialect of this tribe. Luckily for me, I fancy Kurtz felt too ill that day to care, or there would have been mischief. I don’t understand.... No—it’s too much for me. Ah, well, it’s all over now.’

“At this moment I heard Kurtz’s deep voice behind the curtain: ‘Save me!—save the ivory, you mean. Don’t tell me. Save me! Why, I’ve had to save you. You are interrupting my plans now. Sick! Sick! Not so sick as you would like to believe. Never mind. I’ll carry my ideas out yet—I will return. I’ll show you what can be done. You with your little peddling notions—you are interfering with me. I will return. I....’

“The manager came out. He did me the honour to take me under the arm and lead me aside. ‘He is very low, very low,’ he said. He considered it necessary to sigh, but neglected to be consistently sorrowful. ‘We have done all we could for him—haven’t we? But there is no disguising the fact, Mr.

Kurtz has done more harm than good to the Company. He did not see the time was not ripe for vigorous action. Cautiously, cautiously—that's my principle. We must be cautious yet. The district is closed to us for a time. Deplorable! Upon the whole, the trade will suffer. I don't deny there is a remarkable quantity of ivory—mostly fossil. We must save it, at all events—but look how precarious the position is—and why? Because the method is unsound.' 'Do you,' said I, looking at the shore, 'call it "unsound method?"' 'Without doubt,' he exclaimed hotly. 'Don't you?'... 'No method at all,' I murmured after a while. 'Exactly,' he exulted. 'I anticipated this. Shows a complete want of judgment. It is my duty to point it out in the proper quarter.' 'Oh,' said I, 'that fellow—what's his name?—the brickmaker, will make a readable report for you.' He appeared confounded for a moment. It seemed to me I had never breathed an atmosphere so vile, and I turned mentally to Kurtz for relief—positively for relief. 'Nevertheless I think Mr. Kurtz is a remarkable man,' I said with emphasis. He started, dropped on me a heavy glance, said very quietly, 'he was,' and turned his back on me. My hour of favour was over; I found myself lumped along with Kurtz as a partisan of methods for which the time was not ripe: I was unsound! Ah! but it was something to have at least a choice of nightmares.

“I had turned to the wilderness really, not to Mr. Kurtz, who, I was ready to admit, was as good as buried. And for a moment it seemed to me as if I also were buried in a vast grave full of unspeakable secrets. I felt an intolerable weight oppressing my breast, the smell of the damp earth, the unseen presence of victorious corruption, the darkness of an impenetrable night.... The Russian tapped me on the shoulder. I heard him mumbling and stammering something about ‘brother seaman—couldn’t conceal—knowledge of matters that would affect Mr. Kurtz’s reputation.’ I waited. For him evidently Mr. Kurtz was not in his grave; I suspect that for him Mr. Kurtz was one of the immortals. ‘Well!’ said I at last, ‘speak out. As it happens, I am Mr. Kurtz’s friend—in a way.’

“He stated with a good deal of formality that had we not been ‘of the same profession,’ he would have kept the matter to himself without regard to consequences. ‘He suspected there was an active ill-will towards him on the part of these white men that—’ ‘You are right,’ I said, remembering a certain conversation I had overheard. ‘The manager thinks you ought to be hanged.’ He showed a concern at this intelligence which amused me at first. ‘I had better get out of the way quietly,’ he said earnestly. ‘I can do no more for Kurtz now, and they would soon find some excuse. What’s

to stop them? There's a military post three hundred miles from here.' 'Well, upon my word,' said I, 'perhaps you had better go if you have any friends amongst the savages near by.' 'Plenty,' he said. 'They are simple people—and I want nothing, you know.' He stood biting his lip, then: 'I don't want any harm to happen to these whites here, but of course I was thinking of Mr. Kurtz's reputation—but you are a brother seaman and—' 'All right,' said I, after a time. 'Mr. Kurtz's reputation is safe with me.' I did not know how truly I spoke.

"He informed me, lowering his voice, that it was Kurtz who had ordered the attack to be made on the steamer. 'He hated sometimes the idea of being taken away—and then again.... But I don't understand these matters. I am a simple man. He thought it would scare you away—that you would give it up, thinking him dead. I could not stop him. Oh, I had an awful time of it this last month.' 'Very well,' I said. 'He is all right now.' 'Ye-e-es,' he muttered, not very convinced apparently. 'Thanks,' said I; 'I shall keep my eyes open.' 'But quiet-eh?' he urged anxiously. 'It would be awful for his reputation if anybody here—' I promised a complete discretion with great gravity. 'I have a canoe and three black fellows waiting not very far. I am off. Could you give me a few Martini-Henry cartridges?' I could, and did, with proper secrecy. He helped himself, with a wink at me, to a handful

of my tobacco. 'Between sailors—you know—good English tobacco.' At the door of the pilot-house he turned round—'I say, haven't you a pair of shoes you could spare?' He raised one leg. 'Look.' The soles were tied with knotted strings sandalwise under his bare feet. I rooted out an old pair, at which he looked with admiration before tucking it under his left arm. One of his pockets (bright red) was bulging with cartridges, from the other (dark blue) peeped 'Towson's Inquiry,' etc., etc. He seemed to think himself excellently well equipped for a renewed encounter with the wilderness. 'Ah! I'll never, never meet such a man again. You ought to have heard him recite poetry—his own, too, it was, he told me. Poetry!' He rolled his eyes at the recollection of these delights. 'Oh, he enlarged my mind!' 'Good-bye,' said I. He shook hands and vanished in the night. Sometimes I ask myself whether I had ever really seen him—whether it was possible to meet such a phenomenon!...

"When I woke up shortly after midnight his warning came to my mind with its hint of danger that seemed, in the starred darkness, real enough to make me get up for the purpose of having a look round. On the hill a big fire burned, illuminating fitfully a crooked corner of the station-house. One of the agents with a picket of a few of our blacks, armed for the purpose, was keeping guard over the ivory; but deep

within the forest, red gleams that wavered, that seemed to sink and rise from the ground amongst confused columnar shapes of intense blackness, showed the exact position of the camp where Mr. Kurtz's adorers were keeping their uneasy vigil. The monotonous beating of a big drum filled the air with muffled shocks and a lingering vibration. A steady droning sound of many men chanting each to himself some weird incantation came out from the black, flat wall of the woods as the humming of bees comes out of a hive, and had a strange narcotic effect upon my half-awake senses. I believe I dozed off leaning over the rail, till an abrupt burst of yells, an overwhelming outbreak of a pent-up and mysterious frenzy, woke me up in a bewildered wonder. It was cut short all at once, and the low droning went on with an effect of audible and soothing silence. I glanced casually into the little cabin. A light was burning within, but Mr. Kurtz was not there.

“I think I would have raised an outcry if I had believed my eyes. But I didn't believe them at first—the thing seemed so impossible. The fact is I was completely unnerved by a sheer blank fright, pure abstract terror, unconnected with any distinct shape of physical danger. What made this emotion so overpowering was—how shall I define it?—the moral shock I received, as if something altogether monstrous, intolerable to thought and odious to the soul, had been thrust upon me

unexpectedly. This lasted of course the merest fraction of a second, and then the usual sense of commonplace, deadly danger, the possibility of a sudden onslaught and massacre, or something of the kind, which I saw impending, was positively welcome and composing. It pacified me, in fact, so much that I did not raise an alarm.

“There was an agent buttoned up inside an ulster and sleeping on a chair on deck within three feet of me. The yells had not awakened him; he snored very slightly; I left him to his slumbers and leaped ashore. I did not betray Mr. Kurtz—it was ordered I should never betray him—it was written I should be loyal to the nightmare of my choice. I was anxious to deal with this shadow by myself alone—and to this day I don’t know why I was so jealous of sharing with any one the peculiar blackness of that experience.

“As soon as I got on the bank I saw a trail—a broad trail through the grass. I remember the exultation with which I said to myself, ‘He can’t walk—he is crawling on all-fours—I’ve got him.’ The grass was wet with dew. I strode rapidly with clenched fists. I fancy I had some vague notion of falling upon him and giving him a drubbing. I don’t know. I had some imbecile thoughts. The knitting old woman with the cat obtruded herself upon my memory as a most improper person to be sitting at the other end of such an affair. I saw a

row of pilgrims squirting lead in the air out of Winchesters held to the hip. I thought I would never get back to the steamer, and imagined myself living alone and unarmed in the woods to an advanced age. Such silly things—you know. And I remember I confounded the beat of the drum with the beating of my heart, and was pleased at its calm regularity.

“I kept to the track though—then stopped to listen. The night was very clear; a dark blue space, sparkling with dew and starlight, in which black things stood very still. I thought I could see a kind of motion ahead of me. I was strangely cocksure of everything that night. I actually left the track and ran in a wide semicircle (I verily believe chuckling to myself) so as to get in front of that stir, of that motion I had seen—if indeed I had seen anything. I was circumventing Kurtz as though it had been a boyish game.

“I came upon him, and, if he had not heard me coming, I would have fallen over him, too, but he got up in time. He rose, unsteady, long, pale, indistinct, like a vapour exhaled by the earth, and swayed slightly, misty and silent before me; while at my back the fires loomed between the trees, and the murmur of many voices issued from the forest. I had cut him off cleverly; but when actually confronting him I seemed to come to my senses, I saw the danger in its right proportion. It was by no means over yet. Suppose he

began to shout? Though he could hardly stand, there was still plenty of vigour in his voice. 'Go away—hide yourself,' he said, in that profound tone. It was very awful. I glanced back. We were within thirty yards from the nearest fire. A black figure stood up, strode on long black legs, waving long black arms, across the glow. It had horns—antelope horns, I think—on its head. Some sorcerer, some witch-man, no doubt: it looked fiendlike enough. 'Do you know what you are doing?' I whispered. 'Perfectly,' he answered, raising his voice for that single word: it sounded to me far off and yet loud, like a hail through a speaking-trumpet. 'If he makes a row we are lost,' I thought to myself. This clearly was not a case for fisticuffs, even apart from the very natural aversion I had to beat that Shadow—this wandering and tormented thing. 'You will be lost,' I said—'utterly lost.' One gets sometimes such a flash of inspiration, you know. I did say the right thing, though indeed he could not have been more irretrievably lost than he was at this very moment, when the foundations of our intimacy were being laid—to endure—to endure—even to the end—even beyond.

"'I had immense plans,' he muttered irresolutely. 'Yes,' said I; 'but if you try to shout I'll smash your head with—' There was not a stick or a stone near. 'I will throttle you for good,' I corrected myself. 'I was on the threshold of great

things,' he pleaded, in a voice of longing, with a wistfulness of tone that made my blood run cold. 'And now for this stupid scoundrel—' 'Your success in Europe is assured in any case,' I affirmed steadily. I did not want to have the throttling of him, you understand—and indeed it would have been very little use for any practical purpose. I tried to break the spell—the heavy, mute spell of the wilderness—that seemed to draw him to its pitiless breast by the awakening of forgotten and brutal instincts, by the memory of gratified and monstrous passions. This alone, I was convinced, had driven him out to the edge of the forest, to the bush, towards the gleam of fires, the throb of drums, the drone of weird incantations; this alone had beguiled his unlawful soul beyond the bounds of permitted aspirations. And, don't you see, the terror of the position was not in being knocked on the head—though I had a very lively sense of that danger, too—but in this, that I had to deal with a being to whom I could not appeal in the name of anything high or low. I had, even like the niggers, to invoke him—himself—his own exalted and incredible degradation. There was nothing either above or below him, and I knew it. He had kicked himself loose of the earth. Confound the man! he had kicked the very earth to pieces. He was alone, and I before him did not know whether I stood on the ground or floated in the air. I've been telling you what we said—repeating

the phrases we pronounced—but what’s the good? They were common everyday words—the familiar, vague sounds exchanged on every waking day of life. But what of that? They had behind them, to my mind, the terrific suggestiveness of words heard in dreams, of phrases spoken in nightmares. Soul! If anybody ever struggled with a soul, I am the man. And I wasn’t arguing with a lunatic either. Believe me or not, his intelligence was perfectly clear—concentrated, it is true, upon himself with horrible intensity, yet clear; and therein was my only chance—barring, of course, the killing him there and then, which wasn’t so good, on account of unavoidable noise. But his soul was mad. Being alone in the wilderness, it had looked within itself, and, by heavens! I tell you, it had gone mad. I had—for my sins, I suppose—to go through the ordeal of looking into it myself. No eloquence could have been so withering to one’s belief in mankind as his final burst of sincerity. He struggled with himself, too. I saw it—I heard it. I saw the inconceivable mystery of a soul that knew no restraint, no faith, and no fear, yet struggling blindly with itself. I kept my head pretty well; but when I had him at last stretched on the couch, I wiped my forehead, while my legs shook under me as though I had carried half a ton on my back down that hill. And yet I had only supported him, his bony arm clasped round my neck—and he was not much heavier than a child.

“When next day we left at noon, the crowd, of whose presence behind the curtain of trees I had been acutely conscious all the time, flowed out of the woods again, filled the clearing, covered the slope with a mass of naked, breathing, quivering, bronze bodies. I steamed up a bit, then swung down stream, and two thousand eyes followed the evolutions of the splashing, thumping, fierce river-demon beating the water with its terrible tail and breathing black smoke into the air. In front of the first rank, along the river, three men, plastered with bright red earth from head to foot, strutted to and fro restlessly. When we came abreast again, they faced the river, stamped their feet, nodded their horned heads, swayed their scarlet bodies; they shook towards the fierce river-demon a bunch of black feathers, a mangy skin with a pendent tail—something that looked a dried gourd; they shouted periodically together strings of amazing words that resembled no sounds of human language; and the deep murmurs of the crowd, interrupted suddenly, were like the responses of some satanic litany.

“We had carried Kurtz into the pilot-house: there was more air there. Lying on the couch, he stared through the open shutter. There was an eddy in the mass of human bodies, and the woman with helmeted head and tawny cheeks rushed out to the very brink of the stream. She put

out her hands, shouted something, and all that wild mob took up the shout in a roaring chorus of articulated, rapid, breathless utterance.

“Do you understand this?’ I asked.

“He kept on looking out past me with fiery, longing eyes, with a mingled expression of wistfulness and hate. He made no answer, but I saw a smile, a smile of indefinable meaning, appear on his colourless lips that a moment after twitched convulsively. ‘Do I not?’ he said slowly, gasping, as if the words had been torn out of him by a supernatural power.

“I pulled the string of the whistle, and I did this because I saw the pilgrims on deck getting out their rifles with an air of anticipating a jolly lark. At the sudden screech there was a movement of abject terror through that wedged mass of bodies. ‘Don’t! don’t you frighten them away,’ cried some one on deck disconsolately. I pulled the string time after time. They broke and ran, they leaped, they crouched, they swerved, they dodged the flying terror of the sound. The three red chaps had fallen flat, face down on the shore, as though they had been shot dead. Only the barbarous and superb woman did not so much as flinch, and stretched tragically her bare arms after us over the sombre and glittering river.

“And then that imbecile crowd down on the deck started their little fun, and I could see nothing more for smoke.

“The brown current ran swiftly out of the heart of darkness, bearing us down towards the sea with twice the speed of our upward progress; and Kurtz’s life was running swiftly, too, ebbing, ebbing out of his heart into the sea of inexorable time. The manager was very placid, he had no vital anxieties now, he took us both in with a comprehensive and satisfied glance: the ‘affair’ had come off as well as could be wished. I saw the time approaching when I would be left alone of the party of ‘unsound method.’ The pilgrims looked upon me with disfavour. I was, so to speak, numbered with the dead. It is strange how I accepted this unforeseen partnership, this choice of nightmares forced upon me in the tenebrous land invaded by these mean and greedy phantoms.

“Kurtz discoursed. A voice! a voice! It rang deep to the very last. It survived his strength to hide in the magnificent folds of eloquence the barren darkness of his heart. Oh, he struggled! he struggled! The wastes of his weary brain were haunted by shadowy images now—images of wealth and fame revolving obsequiously round his unextinguishable gift of noble and lofty expression. My Intended, my station, my career, my ideas—these were the subjects for the occasional utterances of elevated sentiments. The shade of the original Kurtz frequented the bedside of the hollow sham, whose fate it was to be buried presently in the mould of primeval

earth. But both the diabolic love and the unearthly hate of the mysteries it had penetrated fought for the possession of that soul satiated with primitive emotions, avid of lying fame, of sham distinction, of all the appearances of success and power.

“Sometimes he was contemptibly childish. He desired to have kings meet him at railway-stations on his return from some ghastly Nowhere, where he intended to accomplish great things. ‘You show them you have in you something that is really profitable, and then there will be no limits to the recognition of your ability,’ he would say. ‘Of course you must take care of the motives—right motives—always.’ The long reaches that were like one and the same reach, monotonous bends that were exactly alike, slipped past the steamer with their multitude of secular trees looking patiently after this grimy fragment of another world, the forerunner of change, of conquest, of trade, of massacres, of blessings. I looked ahead—piloting. ‘Close the shutter,’ said Kurtz suddenly one day; ‘I can’t bear to look at this.’ I did so. There was a silence. ‘Oh, but I will wring your heart yet!’ he cried at the invisible wilderness.

“We broke down—as I had expected—and had to lie up for repairs at the head of an island. This delay was the first thing that shook Kurtz’s confidence. One morning he

gave me a packet of papers and a photograph—the lot tied together with a shoe-string. ‘Keep this for me,’ he said. ‘This noxious fool’ (meaning the manager) ‘is capable of prying into my boxes when I am not looking.’ In the afternoon I saw him. He was lying on his back with closed eyes, and I withdrew quietly, but I heard him mutter, ‘Live rightly, die, die...’ I listened. There was nothing more. Was he rehearsing some speech in his sleep, or was it a fragment of a phrase from some newspaper article? He had been writing for the papers and meant to do so again, ‘for the furthering of my ideas. It’s a duty.’

“His was an impenetrable darkness. I looked at him as you peer down at a man who is lying at the bottom of a precipice where the sun never shines. But I had not much time to give him, because I was helping the engine-driver to take to pieces the leaky cylinders, to straighten a bent connecting-rod, and in other such matters. I lived in an infernal mess of rust, filings, nuts, bolts, spanners, hammers, ratchet-drills—things I abominate, because I don’t get on with them. I tended the little forge we fortunately had aboard; I toiled wearily in a wretched scrap-heap—unless I had the shakes too bad to stand.

“One evening coming in with a candle I was startled to hear him say a little tremulously, ‘I am lying here in the

dark waiting for death.’ The light was within a foot of his eyes. I forced myself to murmur, ‘Oh, nonsense!’ and stood over him as if transfixed.

“Anything approaching the change that came over his features I have never seen before, and hope never to see again. Oh, I wasn’t touched. I was fascinated. It was as though a veil had been rent. I saw on that ivory face the expression of sombre pride, of ruthless power, of craven terror—of an intense and hopeless despair. Did he live his life again in every detail of desire, temptation, and surrender during that supreme moment of complete knowledge? He cried in a whisper at some image, at some vision—he cried out twice, a cry that was no more than a breath:

“‘The horror! The horror!’

“I blew the candle out and left the cabin. The pilgrims were dining in the mess-room, and I took my place opposite the manager, who lifted his eyes to give me a questioning glance, which I successfully ignored. He leaned back, serene, with that peculiar smile of his sealing the unexpressed depths of his meanness. A continuous shower of small flies streamed upon the lamp, upon the cloth, upon our hands and faces. Suddenly the manager’s boy put his insolent black head in the doorway, and said in a tone of scathing contempt:

“‘Mistah Kurtz—he dead.’

“All the pilgrims rushed out to see. I remained, and went on with my dinner. I believe I was considered brutally callous. However, I did not eat much. There was a lamp in there—light, don’t you know—and outside it was so beastly, beastly dark. I went no more near the remarkable man who had pronounced a judgment upon the adventures of his soul on this earth. The voice was gone. What else had been there? But I am of course aware that next day the pilgrims buried something in a muddy hole.

“And then they very nearly buried me.

“However, as you see, I did not go to join Kurtz there and then. I did not. I remained to dream the nightmare out to the end, and to show my loyalty to Kurtz once more. Destiny. My destiny! Droll thing life is—that mysterious arrangement of merciless logic for a futile purpose. The most you can hope from it is some knowledge of yourself—that comes too late—a crop of unextinguishable regrets. I have wrestled with death. It is the most unexciting contest you can imagine. It takes place in an impalpable greyness, with nothing underfoot, with nothing around, without spectators, without clamour, without glory, without the great desire of victory, without the great fear of defeat, in a sickly atmosphere of tepid scepticism, without much belief in your own right, and still less in that of your adversary. If

such is the form of ultimate wisdom, then life is a greater riddle than some of us think it to be. I was within a hair's breadth of the last opportunity for pronouncement, and I found with humiliation that probably I would have nothing to say. This is the reason why I affirm that Kurtz was a remarkable man. He had something to say. He said it. Since I had peeped over the edge myself, I understand better the meaning of his stare, that could not see the flame of the candle, but was wide enough to embrace the whole universe, piercing enough to penetrate all the hearts that beat in the darkness. He had summed up—he had judged. 'The horror!' He was a remarkable man. After all, this was the expression of some sort of belief; it had candour, it had conviction, it had a vibrating note of revolt in its whisper, it had the appalling face of a glimpsed truth—the strange commingling of desire and hate. And it is not my own extremity I remember best—a vision of greyness without form filled with physical pain, and a careless contempt for the evanescence of all things—even of this pain itself. No! It is his extremity that I seem to have lived through. True, he had made that last stride, he had stepped over the edge, while I had been permitted to draw back my hesitating foot. And perhaps in this is the whole difference; perhaps all the wisdom, and all truth, and all sincerity, are just compressed into that inappreciable moment of time in

which we step over the threshold of the invisible. Perhaps! I like to think my summing-up would not have been a word of careless contempt. Better his cry—much better. It was an affirmation, a moral victory paid for by innumerable defeats, by abominable terrors, by abominable satisfactions. But it was a victory! That is why I have remained loyal to Kurtz to the last, and even beyond, when a long time after I heard once more, not his own voice, but the echo of his magnificent eloquence thrown to me from a soul as translucently pure as a cliff of crystal.

“No, they did not bury me, though there is a period of time which I remember mistily, with a shuddering wonder, like a passage through some inconceivable world that had no hope in it and no desire. I found myself back in the sepulchral city resenting the sight of people hurrying through the streets to filch a little money from each other, to devour their infamous cookery, to gulp their unwholesome beer, to dream their insignificant and silly dreams. They trespassed upon my thoughts. They were intruders whose knowledge of life was to me an irritating pretence, because I felt so sure they could not possibly know the things I knew. Their bearing, which was simply the bearing of commonplace individuals going about their business in the assurance of perfect safety, was offensive to me like the outrageous flauntings of folly in the face of a

danger it is unable to comprehend. I had no particular desire to enlighten them, but I had some difficulty in restraining myself from laughing in their faces so full of stupid importance. I daresay I was not very well at that time. I tottered about the streets—there were various affairs to settle—grinning bitterly at perfectly respectable persons. I admit my behaviour was inexcusable, but then my temperature was seldom normal in these days. My dear aunt's endeavours to 'nurse up my strength' seemed altogether beside the mark. It was not my strength that wanted nursing, it was my imagination that wanted soothing. I kept the bundle of papers given me by Kurtz, not knowing exactly what to do with it. His mother had died lately, watched over, as I was told, by his Intended. A clean-shaved man, with an official manner and wearing gold-rimmed spectacles, called on me one day and made inquiries, at first circuitous, afterwards suavely pressing, about what he was pleased to denominate certain 'documents.' I was not surprised, because I had had two rows with the manager on the subject out there. I had refused to give up the smallest scrap out of that package, and I took the same attitude with the spectacled man. He became darkly menacing at last, and with much heat argued that the Company had the right to every bit of information about its 'territories.' And said he, 'Mr. Kurtz's knowledge of unexplored regions must have been necessarily

extensive and peculiar—owing to his great abilities and to the deplorable circumstances in which he had been placed: therefore—’ I assured him Mr. Kurtz’s knowledge, however extensive, did not bear upon the problems of commerce or administration. He invoked then the name of science. ‘It would be an incalculable loss if,’ etc., etc. I offered him the report on the ‘Suppression of Savage Customs,’ with the postscriptum torn off. He took it up eagerly, but ended by sniffing at it with an air of contempt. ‘This is not what we had a right to expect,’ he remarked. ‘Expect nothing else,’ I said. ‘There are only private letters.’ He withdrew upon some threat of legal proceedings, and I saw him no more; but another fellow, calling himself Kurtz’s cousin, appeared two days later, and was anxious to hear all the details about his dear relative’s last moments. Incidentally he gave me to understand that Kurtz had been essentially a great musician. ‘There was the making of an immense success,’ said the man, who was an organist, I believe, with lank grey hair flowing over a greasy coat-collar. I had no reason to doubt his statement; and to this day I am unable to say what was Kurtz’s profession, whether he ever had any—which was the greatest of his talents. I had taken him for a painter who wrote for the papers, or else for a journalist who could paint—but even the cousin (who took snuff during the interview) could not tell

me what he had been—exactly. He was a universal genius—on that point I agreed with the old chap, who thereupon blew his nose noisily into a large cotton handkerchief and withdrew in senile agitation, bearing off some family letters and memoranda without importance. Ultimately a journalist anxious to know something of the fate of his ‘dear colleague’ turned up. This visitor informed me Kurtz’s proper sphere ought to have been politics ‘on the popular side.’ He had furry straight eyebrows, bristly hair cropped short, an eyeglass on a broad ribbon, and, becoming expansive, confessed his opinion that Kurtz really couldn’t write a bit—’but heavens! how that man could talk. He electrified large meetings. He had faith—don’t you see?—he had the faith. He could get himself to believe anything—anything. He would have been a splendid leader of an extreme party.’ ‘What party?’ I asked. ‘Any party,’ answered the other. ‘He was an—an—extremist.’ Did I not think so? I assented. Did I know, he asked, with a sudden flash of curiosity, ‘what it was that had induced him to go out there?’ ‘Yes,’ said I, and forthwith handed him the famous Report for publication, if he thought fit. He glanced through it hurriedly, mumbling all the time, judged ‘it would do,’ and took himself off with this plunder.

“Thus I was left at last with a slim packet of letters and the girl’s portrait. She struck me as beautiful—I mean she

had a beautiful expression. I know that the sunlight can be made to lie, too, yet one felt that no manipulation of light and pose could have conveyed the delicate shade of truthfulness upon those features. She seemed ready to listen without mental reservation, without suspicion, without a thought for herself. I concluded I would go and give her back her portrait and those letters myself. Curiosity? Yes; and also some other feeling perhaps. All that had been Kurtz's had passed out of my hands: his soul, his body, his station, his plans, his ivory, his career. There remained only his memory and his Intended—and I wanted to give that up, too, to the past, in a way—to surrender personally all that remained of him with me to that oblivion which is the last word of our common fate. I don't defend myself. I had no clear perception of what it was I really wanted. Perhaps it was an impulse of unconscious loyalty, or the fulfilment of one of those ironic necessities that lurk in the facts of human existence. I don't know. I can't tell. But I went.

“I thought his memory was like the other memories of the dead that accumulate in every man's life—a vague impress on the brain of shadows that had fallen on it in their swift and final passage; but before the high and ponderous door, between the tall houses of a street as still and decorous as a well-kept alley in a cemetery, I had a vision of him on the

stretcher, opening his mouth voraciously, as if to devour all the earth with all its mankind. He lived then before me; he lived as much as he had ever lived—a shadow insatiable of splendid appearances, of frightful realities; a shadow darker than the shadow of the night, and draped nobly in the folds of a gorgeous eloquence. The vision seemed to enter the house with me—the stretcher, the phantom-bearers, the wild crowd of obedient worshippers, the gloom of the forests, the glitter of the reach between the murky bends, the beat of the drum, regular and muffled like the beating of a heart—the heart of a conquering darkness. It was a moment of triumph for the wilderness, an invading and vengeful rush which, it seemed to me, I would have to keep back alone for the salvation of another soul. And the memory of what I had heard him say afar there, with the horned shapes stirring at my back, in the glow of fires, within the patient woods, those broken phrases came back to me, were heard again in their ominous and terrifying simplicity. I remembered his abject pleading, his abject threats, the colossal scale of his vile desires, the meanness, the torment, the tempestuous anguish of his soul. And later on I seemed to see his collected languid manner, when he said one day, ‘This lot of ivory now is really mine. The Company did not pay for it. I collected it myself at a very great personal risk. I am afraid they will try

to claim it as theirs though. H'm. It is a difficult case. What do you think I ought to do—resist? Eh? I want no more than justice.'... He wanted no more than justice—no more than justice. I rang the bell before a mahogany door on the first floor, and while I waited he seemed to stare at me out of the glassy panel—stare with that wide and immense stare embracing, condemning, loathing all the universe. I seemed to hear the whispered cry, "The horror! The horror!"

"The dusk was falling. I had to wait in a lofty drawing-room with three long windows from floor to ceiling that were like three luminous and bedraped columns. The bent gilt legs and backs of the furniture shone in indistinct curves. The tall marble fireplace had a cold and monumental whiteness. A grand piano stood massively in a corner; with dark gleams on the flat surfaces like a sombre and polished sarcophagus. A high door opened—closed. I rose.

"She came forward, all in black, with a pale head, floating towards me in the dusk. She was in mourning. It was more than a year since his death, more than a year since the news came; she seemed as though she would remember and mourn forever. She took both my hands in hers and murmured, 'I had heard you were coming.' I noticed she was not very young—I mean not girlish. She had a mature capacity for fidelity, for belief, for suffering. The room seemed to have

grown darker, as if all the sad light of the cloudy evening had taken refuge on her forehead. This fair hair, this pale visage, this pure brow, seemed surrounded by an ashy halo from which the dark eyes looked out at me. Their glance was guileless, profound, confident, and trustful. She carried her sorrowful head as though she were proud of that sorrow, as though she would say, 'I—I alone know how to mourn for him as he deserves.' But while we were still shaking hands, such a look of awful desolation came upon her face that I perceived she was one of those creatures that are not the playthings of Time. For her he had died only yesterday. And, by Jove! the impression was so powerful that for me, too, he seemed to have died only yesterday—nay, this very minute. I saw her and him in the same instant of time—his death and her sorrow—I saw her sorrow in the very moment of his death. Do you understand? I saw them together—I heard them together. She had said, with a deep catch of the breath, 'I have survived' while my strained ears seemed to hear distinctly, mingled with her tone of despairing regret, the summing up whisper of his eternal condemnation. I asked myself what I was doing there, with a sensation of panic in my heart as though I had blundered into a place of cruel and absurd mysteries not fit for a human being to behold. She motioned me to a chair. We sat down. I laid the

packet gently on the little table, and she put her hand over it... 'You knew him well,' she murmured, after a moment of mourning silence.

"'Intimacy grows quickly out there,' I said. 'I knew him as well as it is possible for one man to know another.'

"'And you admired him,' she said. 'It was impossible to know him and not to admire him. Was it?'

"'He was a remarkable man,' I said, unsteadily. Then before the appealing fixity of her gaze, that seemed to watch for more words on my lips, I went on, 'It was impossible not to—'

"'Love him,' she finished eagerly, silencing me into an appalled dumbness. 'How true! how true! But when you think that no one knew him so well as I! I had all his noble confidence. I knew him best.'

"'You knew him best,' I repeated. And perhaps she did. But with every word spoken the room was growing darker, and only her forehead, smooth and white, remained illumined by the inextinguishable light of belief and love.

"'You were his friend,' she went on. 'His friend,' she repeated, a little louder. 'You must have been, if he had given you this, and sent you to me. I feel I can speak to you—and oh! I must speak. I want you—you who have heard his last words—to know I have been worthy of him.... It is not pride....

Yes! I am proud to know I understood him better than any one on earth—he told me so himself. And since his mother died I have had no one—no one—to—to—’

“I listened. The darkness deepened. I was not even sure whether he had given me the right bundle. I rather suspect he wanted me to take care of another batch of his papers which, after his death, I saw the manager examining under the lamp. And the girl talked, easing her pain in the certitude of my sympathy; she talked as thirsty men drink. I had heard that her engagement with Kurtz had been disapproved by her people. He wasn’t rich enough or something. And indeed I don’t know whether he had not been a pauper all his life. He had given me some reason to infer that it was his impatience of comparative poverty that drove him out there.

“... Who was not his friend who had heard him speak once?’ she was saying. ‘He drew men towards him by what was best in them.’ She looked at me with intensity. ‘It is the gift of the great,’ she went on, and the sound of her low voice seemed to have the accompaniment of all the other sounds, full of mystery, desolation, and sorrow, I had ever heard—the ripple of the river, the souging of the trees swayed by the wind, the murmurs of the crowds, the faint ring of incomprehensible words cried from afar, the whisper of a voice speaking from beyond the threshold of

an eternal darkness. 'But you have heard him! You know!' she cried.

"'Yes, I know,' I said with something like despair in my heart, but bowing my head before the faith that was in her, before that great and saving illusion that shone with an unearthly glow in the darkness, in the triumphant darkness from which I could not have defended her—from which I could not even defend myself.

"'What a loss to me—to us!'—she corrected herself with beautiful generosity; then added in a murmur, 'To the world.' By the last gleams of twilight I could see the glitter of her eyes, full of tears—of tears that would not fall.

"'I have been very happy—very fortunate—very proud,' she went on. 'Too fortunate. Too happy for a little while. And now I am unhappy for—for life.'

"She stood up; her fair hair seemed to catch all the remaining light in a glimmer of gold. I rose, too.

"'And of all this,' she went on mournfully, 'of all his promise, and of all his greatness, of his generous mind, of his noble heart, nothing remains—nothing but a memory. You and I—'

"'We shall always remember him,' I said hastily.

"'No!' she cried. 'It is impossible that all this should be lost—that such a life should be sacrificed to leave nothing—'

but sorrow. You know what vast plans he had. I knew of them, too—I could not perhaps understand—but others knew of them. Something must remain. His words, at least, have not died.’

“‘His words will remain,’ I said.

“‘And his example,’ she whispered to herself. ‘Men looked up to him—his goodness shone in every act. His example—’

“‘True,’ I said; ‘his example, too. Yes, his example. I forgot that.’

“‘But I do not. I cannot—I cannot believe—not yet. I cannot believe that I shall never see him again, that nobody will see him again, never, never, never.’

“She put out her arms as if after a retreating figure, stretching them back and with clasped pale hands across the fading and narrow sheen of the window. Never see him! I saw him clearly enough then. I shall see this eloquent phantom as long as I live, and I shall see her, too, a tragic and familiar Shade, resembling in this gesture another one, tragic also, and bedecked with powerless charms, stretching bare brown arms over the glitter of the infernal stream, the stream of darkness. She said suddenly very low, ‘He died as he lived.’

“‘His end,’ said I, with dull anger stirring in me, ‘was in every way worthy of his life.’

“And I was not with him,’ she murmured. My anger subsided before a feeling of infinite pity.

“Everything that could be done—’ I mumbled.

“Ah, but I believed in him more than any one on earth—more than his own mother, more than—himself. He needed me! Me! I would have treasured every sigh, every word, every sign, every glance.’

“I felt like a chill grip on my chest. ‘Don’t,’ I said, in a muffled voice.

“Forgive me. I—I have mourned so long in silence—in silence.... You were with him—to the last? I think of his loneliness. Nobody near to understand him as I would have understood. Perhaps no one to hear....’

“To the very end,’ I said, shakily. ‘I heard his very last words....’ I stopped in a fright.

“Repeat them,’ she murmured in a heart-broken tone. ‘I want—I want—something—something—to—to live with.’

“I was on the point of crying at her, ‘Don’t you hear them?’ The dusk was repeating them in a persistent whisper all around us, in a whisper that seemed to swell menacingly like the first whisper of a rising wind. ‘The horror! The horror!’

“His last word—to live with,’ she insisted. ‘Don’t you understand I loved him—I loved him—I loved him!’

“I pulled myself together and spoke slowly.

“The last word he pronounced was—your name.’

“I heard a light sigh and then my heart stood still, stopped dead short by an exulting and terrible cry, by the cry of inconceivable triumph and of unspeakable pain. ‘I knew it—I was sure!’... She knew. She was sure. I heard her weeping; she had hidden her face in her hands. It seemed to me that the house would collapse before I could escape, that the heavens would fall upon my head. But nothing happened. The heavens do not fall for such a trifle. Would they have fallen, I wonder, if I had rendered Kurtz that justice which was his due? Hadn’t he said he wanted only justice? But I couldn’t. I could not tell her. It would have been too dark—too dark altogether....”

Marlow ceased, and sat apart, indistinct and silent, in the pose of a meditating Buddha. Nobody moved for a time. “We have lost the first of the ebb,” said the Director suddenly. I raised my head. The offing was barred by a black bank of clouds, and the tranquil waterway leading to the uttermost ends of the earth flowed sombre under an overcast sky—seemed to lead into the heart of an immense darkness.

CORAÇÃO DAS TREVAS

Coração das trevas	3
I	7
II	66
III	117
Heart of Darkness	169
I	171
II	228
III	276
Literatura Livre	325
Ficha técnica	332

LITERATURA LIVRE

As obras consideradas clássicas são aquelas que sobreviveram ao tempo e ainda hoje despertam interesse. Há trabalhos de cem, duzentos, mil anos atrás que se mantêm mais atuais do que best-sellers do ano passado. Há algo nessas histórias que dialoga diretamente com nossos egos, superegos e ids, com nossa espiritualidade, nossa sede racional por dramas e conhecimento — e esses desejos não têm idade, não seguem a cronologia linear.

Os filósofos gregos, os cronistas romanos, os tomos religiosos asiáticos, as histórias e registros da Idade Média, do Iluminismo, da Era Vitoriana, até os mo-

dermistas do século 20 habitam uma área chamada Domínio Público: setenta anos após a morte do autor suas obras tornam-se livres de direito autoral para serem acessadas por todos. Na era digital, essa possibilidade de compartilhamento não tem fronteiras. Porém, existe uma lacuna entre o direito de acesso à obra e as mãos do leitor: a tradução. Embora esses autores e suas obras estejam em domínio público, os originais estão em grego, latim, inglês, alemão, árabe, japonês, e ainda resta o obstáculo da tradução livre a ser vencido.

Literatura Livre surge desse contexto: traduz para o português, edita e compartilha em formatos digitais 11 obras originárias de povos que contribuíram para a formação cultural brasileira. Em razão de seu propósito intercultural, todas as edições

contam, além do texto integral traduzido, com sua versão na língua original.

A motivação desse recorte temático é explícita: em qualquer lugar do país, basta olhar pela janela, andar pela calçada ou fazer compras no shopping. Aonde quer que se vá, são evidentes os vestígios das culturas que formaram a sociedade brasileira, seus costumes e seus laços afetivos. O Brasil é um território riquíssimo da mistura de culturas trazidas pelos movimentos migratórios que se iniciaram dezenas de milhares de anos atrás, quando a América foi povoada pelo primeiros povos.

Do nome de frutas a monumentos, a língua tupi continua viva. Dos negros trazidos involuntariamente da África, suas crenças, culinária e tantos outros presentes. Mas também os portugueses, espanhóis, franceses e holandeses que chegaram nas

capitanias hereditárias; os fluxos europeus ao final do século 19; a diversidade asiática, da Europa oriental, do Oriente Médio nas presenças dos japoneses, chineses, eslavos; as ondas migratórias entre e pós-guerras do século 20. Todos esses traziam nas malas bagagens sua cultura, as histórias que aprenderam com seus ancestrais e as replicavam para seus filhos e netos.

Contos folclóricos africanos, textos fundadores das culturas japonesa e árabe, novelas escritas por judeus em alemão, contos de uma imigrante chinesa nos Estados Unidos que demonstram os percalços dos “estranhos no ninho”, mulheres escritoras que não devem ser esquecidas e que falam diretamente aos assuntos de igualdade feminina atuais, provam a atemporalidade e a contundência desses escritos.

Ao todo 11 obras divididas em 14 volumes estão expostas gratuitamente neste site e podem ser baixadas, emprestadas, compartilhadas e espalhadas livremente. Uma pequena coleção de preciosidades que mostra que o presente não existe sem o passado, e o futuro é resultado dessa combinação. Uma ótima leitura!

— •

literatura livre

obras [works]

*O Leviatã (Der Leviathan); Crônicas do Japão (Nihonshoki);
Viagens de Gulliver (Gulliver's Travels); El Zarco;
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (The Folk Tales from Southern
Nigeria; Zanzibar Tales; Where Animals Talk); Os miseráveis
(Albukhalâ'); Sra. Fragrância Primavera (Mrs. Spring Fragrance);
Contos de crianças chinesas (Mrs. Spring Fragrance); As roupas
fazem as pessoas (Kleider machen Leute); Contos sardos (Racconti
Sardi); Pássaros sem ninho (Aves sin nido); Coração das trevas (Heart
of Darkness), Histórias do tio Karel (Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales).*

tradutores

[translators]

Adriana Zoudine, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva,
Lica Hashimoto, Luiz Krausz, Nina Rizzi, Renato Roschel,
Ricardo Giassetti, Safa Jubran.

produtor executivo

[executive producer]

Ricardo Giassetti

editores

[editors]

Renato Roschel, Gabriel Naldi

revisores

[proofreading]

Amanda Zampieri, Rebeca Benício, Juliana Faria

diretora de arte

[art director]

Larissa Meneghini

ilustrações

[illustrations]

André Ducci

editoração digital

[digital art]

Fernando Ribeiro

FICHA TÉCNICA



SESC — SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

Administração regional no

Estado de São Paulo

[regional administration of São Paulo state]

presidente do conselho regional

[regional board chairman]

ABRAM SZAJMAN

diretor do departamento regional

[regional department director]

DANILO SANTOS DE MIRANDA

superintendentes

[assistant directors]

técnico-social

[social technician]

JOEL NAIMAYER PADULA

comunicação social

[social communication]

IVAN GIANNINI

gerentes

[departments]

sesc digital

GILBERTO PASCHOAL

assessoria de relações internacionais

[international affairs]

AUREA LESZCZYNSKI VIEIRA

ação cultural

[cultural action]

ROSANA PAULO DA CUNHA



**INSTITUTO MOJO
DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL**

MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION

presidente

[president]

Ricardo Giassetti

diretores

[board]

Alexandre Storari, Gabriel Naldi, Larissa Meneghini,
Renato Roschel, Tatiana Bornato

INSTITUTO MOJO

Fundado em abril de 2018, o Instituto Mojo de Comunicação Intercultural promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pela era digital e dividido pelas diferenças culturais, tomamos como nosso o esforço de reunir pessoas interessadas em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros, sem restrições.

Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras nas mais diversas línguas, sempre com versões bilíngues.

Conrad, Joseph, 1857-1924

Coração das trevas / Joseph Conrad (1899);

Traduzido por Ricardo Giassetti; capa de André Ducci. — 1. ed.
— São Paulo;

Mojo.org, 2019. — Título original: Heart of Darkness

ISBN: 978-65-990752-2-3

Tradução e edição © 2020 Instituto Mojo de Comunicação
Intercultural

A fonte original desta obra foi fornecida pelo Gutenberg
Project:

<https://www.gutenberg.org/files/219/219-h/219-h.htm>

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<https://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Raleway”.

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<https://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Crimson Text”.

This Font Software is licensed under the SIL Open Font License, Version 1.1.

This license is available with a FAQ at: <http://scripts.sil.org/OFL>